

Orgs. | Jean Carullo de Souza Silva | Samuel Ponsoni

# COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

pulsações contemporâneas



**COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE:  
PULSAÇÕES CONTEMPORÂNEAS**

### ***Comissão Editorial***

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda  
Ma. Marcelise Lima de Assis

### ***Conselho Editorial***

Dr. André Rezende Benatti (UEMS\*)  
Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB\*)  
Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)  
Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE\*)  
Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)  
Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)  
Me. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA\*)  
Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)  
Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA\*)  
Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)  
Dr. Washington Drummond (UNEB\*)  
Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR\*)

\*Vínculo Institucional (docentes)

Jean Carillo de Souza Silva  
Samuel Ponsoni  
| **Organizadores** |

**COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE:  
PULSAÇÕES CONTEMPORÂNEAS**



Catu, Ba  
2021

© 2021 by Editora Bordô-Grená  
Copyright do Texto © 2021 Os autores  
Copyright da Edição © 2021 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

*Editora Bordô-Grená*  
<https://www.editorabordogrena.com>  
[bordogrena@editorabordogrena.com](mailto:bordogrena@editorabordogrena.com)

*Projeto gráfico:* Editora Bordô-Grená  
*Capa:* Marília Cynntya Alexandre e Silva e Keila Lima de Assis  
*Fotografia da capa:* Julia Lourenço Costa  
*Edição:* Editora Bordô-Grená  
*Revisão:* Anderson de Almeida Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecário responsável: Roberto Gonçalves Freitas CRB-5/1549

C741

**Comunicação, cultura e sociedade:** [Recurso eletrônico]:  
pulsações contemporâneas / Organizadores Jean Carlo de  
Souza Silva; Samuel Ponsoni. – Catu: Bordô-Grená, 2021.

3365kb, 179fls. il: color

Livro eletrônico

Modo de acesso: Word Wide Web

<[www.editorabordogrena.com](http://www.editorabordogrena.com)>

Incluem referências

ISBN: 978-65-87035-48-2 (e-book)

1. Comunicação - discurso. 2. Cultura. 3. Sociedade. I. Título.

CDD 302.22

CDU 81'42

Os conteúdos dos capítulos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores.

A Série Comunicações da UEMG é publicada em conformidade ao Edital 01/2019:  
<http://www.uemg.br/publicacoes/3515-unidade-divinopolis-chamada-para-submissao-de-capitulos-para-publicacao-serie-comunicacao>

## NOTA DE ADVERTÊNCIA

Comunicação, cultura e sociedade: pulsações contemporâneas é sem dúvida mais uma entre tantas obras a cumprir uma tarefa do tipo "causa perdida" no Brasil. Ou seja, um conjunto de palavras, reflexões, teorizações que buscam problematizar uma série de fenômenos sociais multifacetados e que impactam dramaticamente nossa vida social. Temos perdido, a bem da verdade, para infindáveis retrocessos em relação a direitos e ações mínimas para garantir que, ao menos, possamos contornar as diversas barbáries que nossa sociedade impõe; estamos em um momento de grande tormenta a quem sequer ousa pensar, até mesmo sobre o óbvio ululante, isto é, pensar uma vida minimamente digna no Brasil dos últimos anos. Aqui, podemos dizer que, diante de tudo que nos cerca na vida política, cultural, econômica, social, de saúde pública... Estar vivo é talvez o maior ato de resistência. Portanto, cúmplices leitor e leitora não esperem desse livro mais que ousar viver em meio a esta barafunda chamada vida de um brasileiro ou uma brasileira qualquer. Entretanto, a toalha ainda não tocou a lona do ringue – até admitimos que ela foi jogada e, a depender do ângulo do observador desse gesto, pode ser que alguém já tenha gritado "Pare!, fim de combate! Não nos encontramos neste ângulo, e aqui vai outro alerta: estejam igualmente certos, caro leitor, cara leitora, de que estamos observando, compreendendo e seguindo "as pulsações do conjunto da vida política", como em idos tempos disse um revolucionário, e não temos receio algum de tarefas do tipo causa perdida. É exatamente neste tipo de conjuntura que crescemos, nos organizamos para, na primeira oportunidade, içarmos as velas rumo a outros

atos revolucionários, que não sejam apenas ousar existir em nosso país. E este livro é certamente um conjunto de mãos na adriça que nos fará zarpar a novos e melhores mares a se navegar. Contem com esta obra para fazer valer esses sentidos e desejos, sob essas condições históricas de compreensão do momento.

Jean Carillo de Souza Silva e Samuel Ponsoni,  
Inverno de 2021



# SUMÁRIO

NOTA DE ADVERTÊNCIA	7
Jean Carullo de Souza Silva e Samuel Ponsoni	
PREFÁCIO	11
Frederico Daia Firmiano	
I. CAPITALISMO DE CONSUMO E NOVOS POSICIONAMENTOS: GERAÇÕES BOOMERS, X E Y	15
Eliane Meire Soares Raslan e Ana Carolina Pereira de Carvalho Silva	
II. DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA NO BRASIL: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DO PINTEREST	32
Marcela Fernanda da Paz de Souza, Eduardo Meireles e Gabriela Crepaldi Cordeiro	
III. O SILÊNCIO IRROMPIDO: DISCURSOS DE MOVIMENTOS ANTIRRACISTAS DE 2020	48
Samuel Ponsoni, Paulo Afonso dos Santos e Jean Carullo de Souza Silva	
IV. O JORNALISMO AMBIENTAL NA REDE SOCIAL: UMA ANÁLISE DO ESTADÃO NO INSTAGRAM	69
Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini, Igor Aparecido Dallaqua Pedrini e Rafael Vasconcelos de Aguiar	
V. NOTAS SOBRE CIBERVIOLÊNCIA DISCURSIVA E O CORPO FEMININO NA INTERNET	92
Julia Lourenço Costa e Robert Moura Sena Gomes	
VI. ÉTICA E ESTÉTICA DA MATERNIDADE NA OBRA DE FRIDA KAHLO	108
Rosângela Ferreira de Carvalho Borges e Raquel Tavares Garbini	
VII. O AMIGO AMERICANO: ANÁLISE DE UMA REPORTAGEM E OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO	126
Gabriel Reis Moraes Machiaveli	
VIII. CASO LEI MARIA DA PENHA, MOVIMENTOS SOCIAIS LITÍGIO ESTRATÉGICO E A GARANTIA DE DIREITOS DAS MULHERES	142
Marília Cynttya Alexandre Silva	
IX. A MÚSICA DOS AINUR: O CORPO NO MITO COSMOGÔNICO DO MUNDO FICCIONAL DE J. R. R. TOLKIEN EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA	157
Alline Duarte Rufo	

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS  
SOBRE OS ORGANIZADORES

174  
178

## PREFÁCIO

### DE QUE LEITURA SOMOS CULPADOS?

Certa vez, um importante intelectual marxista francês escreveu: “posto que não há leituras inocentes, comecemos por confessar de que leituras somos culpados”. O controverso autor de *Idéologie et appareils idéologiques d'état* nos oferecia uma espécie de enunciado condensado de método: o conhecimento não está dissociado da posição (ou adesão, consciente ou não) de classe de quem o produz. Mesmo quando a “ciência” é invocada como a corte suprema da Razão, como valor universal encerrado em si mesmo, a ela subjaz um domínio ideológico revelador de seu conteúdo de classe, queiramos ou não, gostemos ou não, admitamos ou não. Não se trata aqui de confundirmos a possibilidade de produção de conhecimento científico objetivo com o pobre e malfadado princípio do Barão de Münchhausen, mas de elucidarmos quais são os valores que informam nossas ciências.

O livro que o leitor tem em mãos – ou em seu dispositivo eletrônico de leitura –, *Comunicação, cultura e sociedade: pulsações contemporâneas*, organizado por dois impenitentes intelectuais ora vinculado à Universidade do Estado de Minas Gerais, Samuel Ponsoni e Jean Carullo Souza Silva, de logo responde à provocação althusseriana, advertindo-nos: na primeira oportunidade, devemos içar as velas “... rumo a outros atos revolucionários, que não sejam apenas ousar existir em nosso país”. Numa quadra histórica de lusco-fusco, como a que estamos vivendo, esta é uma qualidade apreciável.

De fato, o Brasil vive um nebuloso. Da *debacle* do neodesenvolvimentismo petista à eleição de Jair Messias Bolsonaro, fomos usurpados pelo conservantismo no curso da hegemonia de um verdadeiro irracionalismo. Ou, com Jameson, tomando o conceito de empréstimo de Lacan, um estado de esquizofrenia social, pelo menos no que diz respeito aos traços constitutivos da cultura contemporânea, no contexto da crise civilizatória do capital.

Desse modo, estamos, pois, à deriva – não como na proposição surrealista da vida que pulsa sob a radicalidade da arte, ou da arte que se funde à potencialidade da vida – mas como barbárie, como anti-civilização, a negação da cultura que agora nos atordoia:

*“Cidades vertiginosas, edifícios a pique*

*Torres, pontes, mastros, luzes, fios, apitos, sinais*

*Deus não nos reconhece mais*

*Deus não nos reconhece mais”, diz o compositor maranhense.*

O objeto da presente obra, que lhe confere um fio de unidade na diversidade, são “... teorizações que buscam problematizar uma série de fenômenos multifacetados e que impactam dramaticamente nossa vida social”, como nos informam os organizadores. Sua temática é diversa.

Enquanto Eliane Meire Soares Raslan e Ana Carolina Pereira de Carvalho abordam o problema do consumo na sociedade do capital, visando correlações entre suas características com a formação das novas gerações, Alline Duarte Rufo investiga a música (que não se ouve, que não dispõe de materialidade sonora), mas que dá origem ao mundo, a dos Ainur, desde os mitos cosmogônicos, interpretando a obra literária de J. R. R. Tolkien. As primeiras se preocupam com o que seria um “capitalismo de consumo”, segundo novos posicionamentos do sistema produtor de mercadorias perante as gerações *boomers* x e y e que despertaria, contraditoriamente, um movimento em direção a hábitos de consumo sustentáveis, não raro, ligados à preservação da saúde. Rufo, por seu turno, se interessa pela revelação do discurso da/na literatura. Neste, Bakhtin, leitor de Dostoiévski, encontra-se com Tolkien.

Em outra chave, a problemática das desigualdades contemporâneas é mobilizada como objeto de reflexão crítica. Em “Desigualdades de gênero e raça no Brasil: uma análise através do Pinterest”, de Marcela Fernanda da Paz de Souza, Eduardo Meireles e Gabriela Crepaldi Cordeiro, busca-se dar conta da rede social de compartilhamento de fotos, buscando os conteúdos discursivos imagéticos. Samuel Ponsoni, Jean Carillo Souza Silva e Paulo Afonso dos Santos, em linha bastante diversa dos predecessores do tema, retomam o assassinato de George Floyd, nos EUA, o discurso bastante arraigado do racismo na sociedade americana, confrontando-o com os

discursos antirracistas que circularam em 2020. O tom, ora irônico, ora ácido, marca os compassos de “O silêncio irrompido: discursos de movimentos antirracistas de 2020”.

Na esteira dos estudos sobre as desigualdades de raça e gênero também estão os trabalhos de Júlia Lourenço Costa, “Notas sobre ciberviolência discursiva e o corpo feminino na internet”, e de Marília Cynttya Alexandre da Silva, “Caso Lei Maria da Penha, movimentos sociais, litígio estratégico e a garantia dos direitos das mulheres”. A primeira autora toma o conceito de ciberviolência, a fim de analisar o discurso digital que investe contra as mulheres. No curso de sua argumentação, encontra certas práticas de empoderamento que, eventualmente, podem decorrer desta forma específica de violência. Já a segunda, pelas teorias da Mobilização do Direito, configura a violência concreta contra a mulher no Brasil, mas, sobretudo as possibilidades, no campo do litígio estratégico, de sua mitigação.

“Ética e estética da maternidade na obra de Frida Kahlo”, de Rosângela Ferreira Borges e Raquel Tavares Garbini, também alça questões de gênero ao centro do debate, ao analisar três (3) das obras da artista mexicana. Apoiadas por Bakhtin, o artigo flerta com o ensaio, não raro, sob a forma de uma narrativa agonística e crítica, como paralelismo com a vida e as telas desta militante de inspiração comunista. De acordo com as autoras, “... a obra de Frida Kahlo, mais que guardar importância no campo de sua própria experiência, se converte em instrumento de reflexão social, o que faz com que seu estudo seja ele também uma forma de intervenção”.

A coletânea também abre espaço para velhos dilemas, como a análise da parcialidade da imprensa, e temas emergentes no campo da comunicação, como o chamado jornalismo ambiental que, embora não seja tão recente, vem sendo resposto na ordem do dia por força da escalada da crise ecológica planetária – da qual o Brasil é sujeito de importância, vide o vilipêndio da governança ambiental praticado pelo governo Bolsonaro e a pressão dos setores primários da economia sobre o conjunto dos recursos ecológicos e naturais presentes nos seis (6) biomas característicos do Brasil. Assim, “Amigo americano: análise de uma reportagem e os modos de organização do discurso”, de Gabriel Reis

Moraes Machiaveli, busca investigar o modo como o semanário *Veja* trata o diálogo entre a diplomacia norte-americana e cubana – atenção: não se trata de investigação das relações EUA-Cuba, mas da reiteração, pela análise do discurso, da ideia de que “não há leituras inocentes”, como diria Althusser; enquanto Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini, Igor Aparecido Dallaqua Pedrini e Rafael Vasconcelos de Aguiar, em “O jornalismo ambiental na rede social: uma análise do Estadão no Instagram” intentam verificar a inserção de “pautas verdes” no jornalismo nacional, elegendo como objeto de análise o periódico de notícias mais conservador do estado de São Paulo.

A obra reúne, portanto, nove (9) artigos de diferentes intelectuais que, nas fronteiras das Teorias da Comunicação e da Cultura, da Análise do Discurso, da Crítica Literária, da Filosofia Moral e da Mobilização do Direito, buscam dar conta de temas contemporâneos, como “pulsações contemporâneas”. Dispõe do mérito de mobilizar jovens acadêmicos ainda em processo de formação, seja em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado, da Universidade do Estado de Minas Gerais e de fora dela. Por isso, é também um contributo ao esforço de cooperação interinstitucional, num país onde a ciência – não qualquer ciência, mas aquela que se forja na crítica – é relegada a errantes.

Para um foucaultiano como Jean Carillo, Althusser é um fantasma. E para um rebelde incontornável, como Samuel Ponsoni, uma carapaça de aço. Mas diante do controverso intelectual francês, ambos confessam a culpa de seus compromissos com a crítica – e com uma sociedade humanamente compensadora.

Boa leitura!

Frederico Daia Firmiano

Docente ora vinculado à Universidade do Estado  
de Minas Gerais, Unidade Passos  
Março de 2021.

# CAPÍTULO I

---

# CAPITALISMO DE CONSUMO E NOVOS POSICIONAMENTOS: GERAÇÕES BOOMERS, X E Y

Eliane Meire Soares Raslan

Ana Carolina Pereira de Carvalho Silva

## INTRODUÇÃO

Muitas marcas apoiavam na verdade científica para comprovar a qualidade, confiabilidade e saudabilidade dos produtos, principalmente os alimentícios. A transição da modernidade para a hipermodernidade trouxe aspectos na sociedade que representam mudanças na esfera do que se chama de indivíduo, como agravamentos ambientais e o surgimento de doenças com base na rotina alimentar, estes fatores também contribuíram para mudança no contexto midiáticos e na publicidade dos alimentos, voltando para questões naturais. Esse estudo busca identificar essas mudanças e correlacioná-las com as gerações Boomers, X e Y, as três eras do capitalismo de consumo, ilustrando alterações na sociedade de consumo e o posicionamento publicitário.

A sociedade de consumo está em constante mudança e é reflexo das produções e reproduções culturais desta mesma sociedade. Estes aspectos culturais, portanto, influenciam diretamente na forma como o indivíduo consome. Cada geração, desde a dos Baby Boomers, possui características específicas de seu período correspondente. A ocorrência de fatos históricos e a evolução da indústria juntamente com os meios de comunicação, são dois exemplos que influenciaram diretamente cada uma dessas gerações. Sendo assim, Palma (2001) afirma que “ao se pretender discorrer sobre um objeto socialmente construído, não se pode deixar de lado o contexto político-econômico pelo qual este mesmo objeto está inserido” (p. 24).

Ao longo dessas mudanças e da passagem de uma geração para outra - não que exista um marco de diferenciação entre elas, todas já conviveram num mesmo espaço e tempo ao menos uma vez - características podem ser



observadas advindas das campanhas publicitárias de cada contexto. Através destas características pode-se interpretar o que a sociedade de consumo produzia enquanto cultura, e quais os textos usados na divulgação dos produtos, que passaram a existir a partir deste capitalismo. No Brasil, em meado dos anos 1960, ocorria o período de maior intensificação da urbanização nas cidades e, na grande maioria delas, esse processo ocorrera com pouco, ou sem nenhum, planejamento infra estrutural, o que acarretou diversos problemas na sociedade, que podem ser observados através dos diversos contextos socioeconômicos existentes.

A partir deste período e do processo de urbanização, a rotina dos cidadãos se intensificou, ou seja, passa-se a maior parte do tempo no trabalho e a vida se torna corrida e agitada. Neste momento a geração dos Baby Boomers e os X's se correlacionavam num mesmo tempo e espaço, e elas sentiam diretamente estas mudanças na rotina. Este contexto foi um dos motivos para que as marcas da época, também, se adaptassem a essa rotina, e, portanto, surgem, novas narrativas para os produtos visando à qualidade, confiabilidade e saudabilidade, garantida pela *expertise* acumulada e pelo controle industriais. O período industrial também se intensifica e a publicidade desses produtos adquire aspectos de linguagem e de imagem, que se correlacionam com esta nova vida: agitada e sem tempo – os enlatados são um exemplo desses produtos.

Podem-se observar muitos termos como: “Fácil preparo”, “rápido”, “Saudável”, “É de confiança”, “nutritivo”, “saboroso” etc. nos rótulos desses produtos e em suas propagandas e comerciais. Portanto, o objetivo deste ensaio é pontuar alguns aspectos de peças publicitárias de produtos alimentícios de períodos diferentes e, correlacioná-los com as principais características culturais das gerações e eventos factuais de cada época.

## AS MUDANÇAS NA PERSPECTIVA DO INDIVÍDUO E AS CORRELAÇÕES COM AS GERAÇÕES

Durante as mudanças e as passagens de uma geração para outra, o consumo é uma das formas que os indivíduos têm de se expressar. Segundo os autores Ribeiro, Horta e Cotrim (2017), é através das práticas do

consumo que os indivíduos se comunicam como eles são e, portanto, o meio social, no qual os indivíduos se inserem, é um cenário composto por vários signos. Vale ressaltar que as representações dos indivíduos se diferem, entre si, pelos diversos grupos sociais existentes.

A mais recente sociedade de consumo se insere na sociedade pós-moderna ou no conceito de hipermodernidade, termo utilizado pelo autor Lipovetsky (2007), para exprimir melhor o atual momento da contemporaneidade, e que segundo os autores Ribeiro, Horta e Cotrim (2017), possui uma propulsão para ser movida: “a procura pelo prazer, pelo conforto e pelo bem-estar.” (p. 13). Essas mudanças do consumo também nos permitem retratar estas novas gerações. Os autores citam Lipovetsky e Serroy (2011), afirmando que o “centro de todas as atenções e preocupação primordial de todo o corpo social, bem como uma imagem paradigmática da felicidade individual” (p. 13).

A partir do início da modernidade, a ideia do individualismo se torna uma espécie de supremacia e essa também é uma característica da sociedade na hipermodernidade, o indivíduo, mais do que nunca, se mantém como o foco principal das práticas do consumo, porém, segundo o autor Lipovetsky (2010), é um individualismo que passa de uma rigidez, encontrada na modernidade, e se torna mais espontâneo, mais leve, com menos rigor e culpabilidade, dessa forma, se torna mais fácil e visível o prazer de permear as decisões e os comportamentos dos indivíduos.

Essa alteração da ideia do individualismo na hipermodernidade, causada pelas características desse período através de uma vida agitada e veloz, se torna visível durante o processo de amadurecimento dessas gerações ao se comparar com as da geração da modernidade:

Enquanto, nos períodos anteriores, as fases de desenvolvimento da criança para o adulto eram marcadas justamente pelo abandono dos brinquedos, na hipermodernidade brinquedos e códigos parecem acompanhar essa transição, atrelando os indivíduos às referências infantis. (RIBEIRO, HORTA E COTRIM, p. 14, 2017) (referência errada, vou alterar nas outras citações)

A partir dessa alteração da fase de amadurecimento do indivíduo, Lipovetsky (2010), atribui o termo “experiência de consumo”, ou seja, é

necessário, a partir de então, trazer experiências vividas, emoções, afetos etc. e não mais somente vender um produto ou serviço. Segundo os autores Ribeiro, Horta e Cotrim (2017), a essa nova lógica de consumo passa a se associar e se torna universal, o ideal de juventude.

Após a Segunda Grande Guerra, aproximadamente de 1945 a 1965, a geração dos Baby Boomers é demarcada. Um dos fatores marcantes dessa geração são o “desenvolvimento e estabelecimento das mídias como forma de transmissão de influências de um novo mundo sem fronteiras.” (RIBEIRO; HORTA E COTRIM, 2017). Além dos impressos surgidos com o advento midiático, os Boomers também foram influenciados pela rádio, dessa forma, segundo os autores Ribeiro, Horta e Cotrim (2017), a transmissão de informações se torna mais eficaz e rápida, além de poder alcançar maiores distâncias. É nessa mesma época que surge uma outra forma de influência: o cinema. Essa arte foi e ainda é capaz de influenciar e “mobilizar um contingente enorme de pessoas (...) pela criação de mitos e comportamentos (...)” (RIBEIRO; HORTA E COTRIM, 2017).

Um filme de sucesso que mostra uma maneira de vestir ou um corte de cabelo até então não usuais, mas que de alguma forma causa identificação, terá esse modelo reproduzido pelas pessoas, que passam a usar aquele tipo de roupa ou de cabelo, o que é claramente uma forma de consumo. (RIBEIRO, HORTA E COTRIM, 2017, p. 24)

A partir dessa disseminação massiva de produtos para consumo, a sociedade também produz e dissemina cultura, e nessa constante produção e reprodução de sentidos que “novos hábitos se difundem e padrões vão se configurando a partir de interesses que se estabelecem pelos produtos (...). Sendo assim, o mundo visto pelos Boomers já não é o mesmo visto pelas gerações que os antecederam.” (RIBEIRO; HORTA E COTRIM, 2017).

Segundo o autor Bauman (2011) *apud* Ribeiro, Horta e Cotrim (2017), os Boomers agarram-se as oportunidades e se dedicam ao trabalho para oferecer aos filhos uma tranquilidade que eles próprios não tiveram e o alcance do mundo de consumo que lhes foram apresentados. Ou seja, tentam permanecer com o bem-estar adquirido para não voltar ao estado já conhecido por eles, o desprovimento e as dificuldades. O surgimento da geração X se deu num contexto histórico onde a produção e o consumo

estavam na chamada Era de Ouro, conseqüentemente no auge da expansão industrial e massificação do consumo (consumo em massa).

(...) certo que o crescente domínio da natureza pelo homem era a medida mesmo do avanço da humanidade. [...] o velho lema do homem de negócios do século XIX, 'Onde tem lama, tem grana' (ou seja, poluição quer dizer dinheiro), ainda era conveniente. (HOBSBAWM, 2009 *apud* RIBEIRO, HORTA E COTRIM, 2017, p. 29)

Para o auge da massificação do consumo e das produções em larga escala, com o surgimento, principalmente, do modelo fordista de produção, a indústria ainda estava despreocupada com questões ambientais e de degradação do meio ambiente, bem como da saúde e integridade dos trabalhadores.

A geração X, ao contrário dos Boomers, foi marcada, segundo o autor Bauman (2011) pelo “aqui e agora: uma vida de prazeres ao alcance de suas mãos e de consumo imediato.” O perfil individualista foi empregado com sucesso nessa geração, porém, com o auge da sua juventude, nos anos 80 e 90, a era de ouro industrial já havia acabado e o cenário passou por mudanças no consumo e na sociedade. Mesmo que essas mudanças e as atribulações políticas continuassem a existir, a mercantilização se expandia dentro de um cenário onde o mercado consumidor era maior e mais diversificado. Para Ribeiro, Horta e Cotrim (2017), “as preferências e referências, os desejos e possibilidades eram outros e as ofertas de bens de consumo se configuraram como propostas de Design para esse novo público que surgia” (p. 31).

Vários produtos foram criados para que fossem atraídos pela geração X, a “roupagem” desses produtos era dedicada a esses jovens para que eles se sentissem atraídos por eles, se identificassem e se tornassem ícones. A mídia teve um papel importante nesse novo cenário, era ela quem atingiria ou não, esses jovens. A geração Y, denominada por “tudo ao mesmo tempo” pelos autores Ribeiro, Horta e Cotrim (2017), e, também, conhecida por *Millennials*, surge com audácia se comparado à geração anterior, a X.

Com a força de 80 milhões, eles são o maior grupo etário na história da América. Em cada país os *millennials* são diferentes, mas por causa da globalização, mídia social, a exportação da cultura ocidental e a velocidade

das mudanças, os *millennials* em todo mundo são mais similares uns aos outros que às gerações mais velhas dentro de suas nações. (...) A revolução de informação deu poder a indivíduos dando a eles tecnologia para competir contra organizações enormes: *hackers* VS. Corporações, *bloggers* VS. Estúdios, programadores de aplicativos VS. Indústrias inteiras. (STEIN & SANBURN, 2013 *apud* RIBEIRO, HORTA E COTRIM, 2017, p. 37)

Aqueles que pertencem à geração Y necessitam de aprovação constante, são afoitos e têm medo de estarem perdendo algo, se espelham nas celebridades, são mais responsáveis com relação às questões financeiras, além de se importarem mais com experiências do que bens materiais segundo os autores Stein & Sanburn (2013). Apesar dessas características a geração Y, mesmo sendo mais egoísta com relação às outras, é também mais influente justamente pelos meios de comunicação e as novas tecnologias, se aceitam melhor e se situam mais facilmente num mundo em constante mudança. Segundo Baudrillard (1995) “a boa fé no consumo surge como elemento novo: as novas gerações são doravante os herdeiros, herdando não só os bens, mas o *direito natural à abundância*” (p. 23).

A sociedade vai alterando os formatos de consumo a partir de suas influências, escolhas e vontades. Segundo os autores Ribeiro, Horta e Cotrim (2017), as alterações provocadas pelo meio informacional e a evolução da lógica de mercado, foram importantes no comportamento dos jovens da atualidade. As possibilidades de interação imediata com praticamente todo o mundo, abriram portas para uma abundante oferta de bens de consumo. A geração Y tem uma vasta gama de possibilidades de acesso em detrimento às gerações anteriores, que viram nascer a globalização através das mídias e da internet.

## AS TRÊS ERAS CAPITALISTAS DE CONSUMO: SISTEMA DOS OBJETOS E MASSA SILENCIOSA

A expressão “sociedade de consumo” aparece inicialmente nos anos 1920, mas se populariza nos anos 1950-60. Seu êxito permanece constante, confirma-se esse fato ao se observar seu amplo uso na linguagem segundo o autor Lipovetsky (2007). Para o autor “a ideia de sociedade de consumo soa

agora como uma evidência, aparece como uma das figuras mais emblemáticas da ordem econômica e da vida cotidiana das sociedades contemporâneas.” (p. 23).

O autor supracitado relembra dois questionamentos do modelo ideal de *mass consumption society*. O primeiro é voltado para o advento das tecnologias, onde o capitalismo de consumo dá lugar às redes do capitalismo informacional. O segundo é voltado nas mudanças sociais ocorrendo uma transição da ênfase do bem-estar material, dinheiro, segurança física e prioriza a qualidade de vida, a expressão de si, a espiritualidade, o sentido da vida etc. O que se pode delimitar através destes dois questionamentos é que essa alteração na forma de consumo trouxe, também, novas produções de sentido advindas da cultura exalada da sociedade, onde:

A dinâmica de expansão das necessidades se prolonga, mas carregada de novos significados coletivos e individuais. É um consumidor de “terceiro grau” que deambula nos centros comerciais gigantes, compra marcas mundiais, procura produtos *light* ou biodinâmicos, exige selos de qualidade (...). (LIPOVETSKY, 2007, p. 24)

Baseado nas mudanças na dinâmica de consumo, ocorrem alterações nas fórmulas de venda, nos comportamentos e nos imaginários de consumo, segundo Lipovetsky (2007) na fase I das eras do capitalismo, as indústrias passam a oferecer opções, personalizações tanto dos produtos como dos preços, proporcionam políticas de diferenciação e segmentação, ou seja, elas se adequam a forma como a sociedade de consumo “quer consumir”. Todavia, essas adequações e adaptações “não fazem mais que ampliar a mercantilização dos modos de vida, alimentar o frenesi das necessidades, avançar um grau na lógica do “sempre mais, sempre novo”, afirma que “a nova sociedade que nasce funciona por *hiperconsumo*, não por “desconsumo” (p. 25).

Essa mudança do capitalismo de consumo por ser uma construção social, requer, o que o autor Lipovetsky (2007) chamou de “educação” dos consumidores, ao mesmo tempo do avanço do espírito visionário dos empreendedores. “A economia de consumo é inseparável desta invenção de *marketing*: a busca do lucro pelo volume pela prática dos preços baixos” (p.

28). Porém, mesmo com todo esse processo, a acessibilidade ainda era algo a ser alcançado, visto que as maiorias dos lares populares não tinham recursos para receber tais equipamentos modernos, isso acabou por gerar adaptações nas formas de produção e das relações de trabalho nas fábricas, porém, este assunto não deve ser delimitado a priori.

A fase 1 das três eras do capitalismo faz surgir o marketing de massas e, conseqüentemente, o consumidor moderno. Segundo Lipovetsky (2007), a partir dessa transição surge a necessidade de controlar o fluxo de produção e rentabilizar os equipamentos, já que houve um aumento na produção, portanto, as próprias indústrias condicionaram o que produziam e, por si só, faziam a publicidade em escala nacional. O ciclo da primeira fase se inicia por volta de 1880 e se encerra no final da Segunda Grande Guerra.

Por volta de 1950 surge a segunda fase das 3 eras. Com as conseqüências do pós-guerra, alguns anos mais tarde, a economia começa a dar sinais positivos e daí em diante, ocorre uma elevação do nível de produtividade trabalhista. Esta fase, segundo o autor, foi conhecida como “sociedade da abundância”. Lipovetsky (2007) “a fase II apresenta-se como o modelo puro da “sociedade do consumo de massa”. Vão surgindo novos formatos de consumo e o mercado amplia as variedades gerando novas ofertas. Para o autor:

Se a fase I começou a democratizar a compra dos bens duráveis, a fase II aperfeiçoou esse processo, pondo à disposição de todos, ou de quase todos, os produtos emblemáticos da sociedade de afluência: automóvel, televisão, aparelhos eletrodomésticos. (LIPOVETSKY, 2007, p. 32)

É nessa fase que surge um poder de compra cada vez mais amplo permeando as mais variadas camadas sociais; É a partir dessa amplitude que se difundiu o crédito aumentando o poder de consumo e pela primeira vez, segundo Lipovetsky (2007), as massas tiveram acesso a uma demanda mais individualizada e personalizada de um modo de vida que antes era associado somente às elites. “A lógica da quantidade” domina a fase II. Baudrillard (2006) afirma que “a vida é vivida à maneira puritana do esforço e da recompensa, mas quando os objetos se acham presentes, é que foram ganhos, constituem quitação do passado e segurança para o porvir.” (p. 168).

Desde o final da década de 1970, a terceira fase na era do capitalismo de consumo, prevalece em meio às sociedades desenvolvidas. O autor Lipovetsky (2007) traz abordagens mais aprofundadas desta fase, na qual é atual, na sequência de sua obra, que não será abordada neste momento, porém, é nesta fase que o espírito individualista e consumista nas sociedades liberais, é aflorado.

## CONSUMO, BEM-ESTAR E HÁBITOS SAUDÁVEIS

O consumo de hábitos saudáveis tem, cada vez mais, se apresentado comumente, porém, o contexto midiático/publicitário nem sempre contemplou por inteiro os termos “hábitos saudáveis”, “saúde”, “produtos naturais”, etc. Ao traçar uma linha do tempo percebe-se que, por volta dos anos 1940, a construção de linguagem midiático/publicitário se volta para a

*Figura 01:* Publicidade do leite em pó Ninho em 1945 (Nestlé, s.d.)



verdade científica, garantido pela *expertise* acumulada pelo controle industrial sobre seus produtos, onde se observa ênfase no que fora chamado de praticidade e sabor. Ou seja, os discursos eram marcados, principalmente, por questões ligadas ao tempo, neste caso, o tempo de preparo de determinado alimento, o bem-estar viria através do produto mais prático. (Fonte figura 1: Scielo<sup>1</sup>).

Segundo Baudrillard (1995), o consumo se encontra como foco total da vida cotidiana e está diretamente relacionado à facilidade, porém de uma felicidade abstrata, por simplesmente servir para destituir tensões, segundo ele,

<sup>1</sup> Banco de dados de imagens Scielo.

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702014000100263](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000100263)>.

Acesso em: 02 dezembro 2019.



consumimos para suprir uma necessidade translúcida.

A imagem acima (fig.1) representa uma campanha do produto Leite Ninho da marca Nestlé do ano de 1945. Podemos retornar em Baudrillard (1995):

Mas, quer-se também significar que nela [nossa sociedade] se enreda uma ordem do consumo, que se manifesta como ordem da manipulação dos signos. (...) é possível traçar o paralelo (...) com o pensamento mágico, porque ambos *vivem de signos e ao abrigo dos signos*. (BAUDRILLARD, 1995, p. 23)

A publicidade (fig. 1) nos mostra um texto atrelado à rapidez e praticidade está vinculada a ideia de consumo. A mensagem abaixo da imagem da lata é: “RÁPIDO o tempo de dissolver o pó em água e está pronto um leite de confiança: puro, higiênico, nutritivo e saboroso. PRÁTICO”.

(...) a aquisição e o consumo de mercadorias, atos supostamente materiais, são cada vez mais mediados por imagens culturais difusas (mediante a publicidade, exposição e promoção), nas quais o consumo de signos ou o aspecto simbólico dos bens torna-se uma fonte importante da satisfação deles derivada. (BAUDRILLARD, 1981 *apud* FEATHERSTONE, 1990, p. 137)

Com as transformações sociais ocorridas durante as eras do capitalismo de consumo, a forma como se produzia nas fábricas também passou por transformações, já vistas nos itens anteriores deste ensaio. Porém, essas mudanças trabalhistas e nas formas de produção agravaram a rotina dos trabalhadores, com início no período fordista.

Este momento histórico, revelou uma série de transformações nos valores sociais e favoreceu algumas características, tais como: a maior vulnerabilidade dos grupos desprivilegiados; o aumento da subcontratação, do trabalho temporário e do desemprego; atendimento rápido à necessidade do mercado; maior atenção às modas fugazes, com a criação de artifícios de indução de desejos e novos produtos; descompromisso com o bem-estar social, grande competitividade entre os indivíduos, internacionalização da economia entre outros (Harvey, 1996 *apud* PALMA, 2001, p. 25)

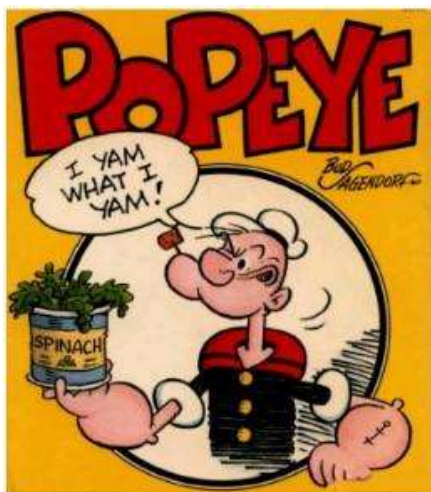
Uma das consequências advindas desse processo de transformações foi que, ao alterar a rotina de trabalho dos operários, trazendo vários

malefícios a eles, os produtos passaram a se adaptar e adquiriram características que atendessem e suprissem essas novas necessidades.

Ao mesmo tempo, a produção em massa significou uma padronização dos produtos e do consumo. (...) Sem dúvida, é o capitalismo exigindo que os capitalistas tornem-se atores do processo. Assim, o capitalista produz o produto e o consumo, através da produção do desejo. (PALMA, 2001, p. 25)

Ao analisar a imagem 01, a linguagem que ela apresenta é de que o consumidor, que é também o operário (segundo a era II do capitalismo de consumo), possui uma rotina intensa e que precisa de um produto que supra a falta de tempo e atenda às expectativas de praticidade, qualidade e confiança.

Figura 02: Personagem Popeye criado em 1960. Fonte: Quora

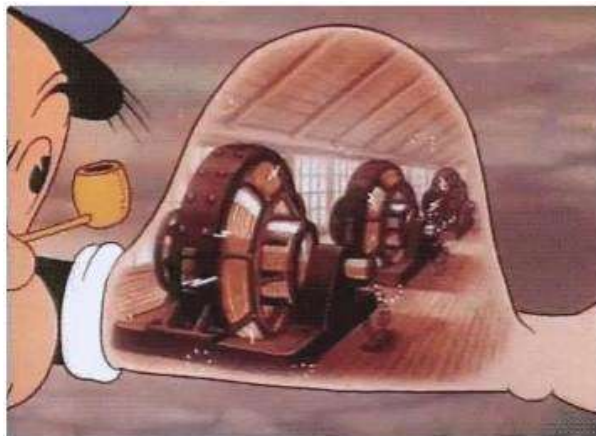


Fonte: Quora<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.quora.com/How-can-I-convince-a-6-year-old-to-eat-healthy>>. Acesso em: 05 dezembro 2019.

*Figura 03:* O produto industrializado dava ao corpo de Popeye, imediatamente, a força das máquinas.



*Fonte:* Gifer<sup>3</sup>

As figuras 02 e 03 apresentam a personagem Popeye criada na década de 1960, que retratava a representação do corpo como uma máquina, estimulando o público para o consumo de produtos industrializados. Neste caso, a personagem consumia espinafre, porém, enlatado, trazendo a ideia da indústria como confiável e segura. Em seus músculos havia a representação de maquinários, que associavam à potência e força das máquinas.

Mais uma vez comprovando a “verdade científica”, porém, com seu declínio através do tempo, começam a surgir produtos que se voltam, cada vez mais, para o que se considera “natural” ou “orgânico”, ou seja, da verdade científica para elementos encontrados na natureza e transformados em “produtos naturalizados” (fig. 4).

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://gifer.com/en/15t8>>. Acesso em: 05 dezembro 2019.

Figura 04: “como é feito o Nescau em pó”.



Fonte: Nestlé <sup>4</sup>

Segundo o autor Palma (2001) o corpo se manifesta além de um veículo de aparência, ou seja, se manifesta também como desejo, sedução, “pactos estéticos que engendram o amor, prazer etc.”. Por isso, a imagem que o corpo produz é resultado da expressão motora e, dos desejos e sonhos.

E quando a verdade científica deixa de ser a referência, a relação de consumo e bem-estar passa a ser uma junção entre saúde do corpo e da mente e, através dessas mudanças no tempo observa-se que os produtos tendem a um discurso mais orgânico e menos industrial, ocorre um retorno para o que é natural, da natureza. Para Palma (2001) “embora os discursos empregados utilizem a “saúde” como aspecto legitimador, a utilização destas técnicas tem uma preocupação maior com a estética corporal” (p. 27).

A saúde e a estética se fundem no discurso do consumo de alimentos, concomitantemente com vários acontecimentos históricos que alteraram a confiança e *expertise* da verdade científica, como por exemplo, o início da fala sobre o aquecimento global, a midiaticização de doenças advindas de determinados hábitos alimentares, abordagem sobre o esgotamento de recursos naturais, surgimento de uma sociedade do cansaço e o esgotamento físico e mental.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.nestle.com.br/nescrau/produtos/nescrau-2-0>>. Acesso em: 05 dezembro 2019.

Com todas essas mudanças no contexto para o consumo, a sociedade se molda e se adapta, porém, os contextos socioeconômicos ainda continuam discrepantes e percebe-se que o “consumo” do que é o bem-estar, ainda é algo elitizado.

## CONSIDERAÇÕES

Este ensaio teve o propósito de pontuar alguns aspectos dos elementos linguísticos de algumas peças publicitárias de produtos alimentícios, e correlacioná-los com as principais características culturais das gerações e eventos factuais de cada época, a fim de evidenciar as mudanças no aspecto do consumo baseadas nas mudanças socioculturais.

Com a mudança no modo de conversar com o público, percebe-se que as peças e a personagem Popeye, há um posicionamento para aquilo que advém da natureza, ou seja, cada vez menos as propagandas envolvem termos que remetem à indústria, ou aspectos cientificamente comprovados.

Estes novos elementos propagandistas – imagens e textos – abordam uma forma sequencial do processo de elaboração de determinado produto na indústria. Na última peça analisada (figura 04), é nítido perceber uma sequência de passos que tem início na extração da matéria prima da natureza, e o processo é finalizado com o produto embalado e pronto para consumo. Algo que, nas peças anteriores analisadas, estes conjuntos usados nas figuras de 01 a 04, não era percebido, o que era de fácil entendimento, é que anteriormente o ato de consumir determinado produto, servia para suprir alguma necessidade que remetesse à vida cotidiana, frente às evoluções da indústria que exigiam mais da sociedade trabalhista, assim como Baudrillard (1995) definiu o lugar de consumo que é a própria vida cotidiana.

Permeado nestes novos elementos usados para propagar os produtos, com base na hipermodernidade, a modulação dos corpos físicos, a exaltação da esbeltez e a ética do rendimento, surgem paralelamente com os aspectos sociais que vigoram.

A partir dessas análises iniciais e segundo o autor (PALMA, 2001) “(...) O “marketing” é o principal instrumento de controle social. As

estratégias sobre o corpo necessitam de constantes mudanças, o “produto” precisa ser alterado (...)” E segundo o filósofo Edgar Morin (1983), a certeza das descobertas da ciência determinista, passa a ter cada vez mais, a necessidade de estabelecer proximidade com outras ciências e outras formas de conhecimento, ou seja, a cultura proveniente da sociedade, também deveria ser levada em conta para a elaboração desses novos produtos, concomitantemente, aspectos de saúde e do desgaste ambiental surgem e, intensificam toda a mudança nos elementos usados nos comerciais pelos publicitários.

Através deste estudo inicial, pôde-se compreender melhor o raciocínio e entendimento das alterações do discurso, e estabelecer correlações com as características das gerações juntamente com as alterações industriais e aspectos factuais, a fim de compreender os propósitos dessas mudanças para entender melhor como a publicidade pode alterar e influenciar aspectos socioculturais que são criados. A partir deste ensaio inicial, outros podem surgir para analisar de forma mais aprofundada, elementos que se embasam nas teorias e comprovam tais mudanças.

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo** / Gilles Lipovetsky; tradução Maria Lucia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Europa-América, 1983.

PALMA, Alexandre. **Educação física, corpo e saúde:** Uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. Rev. Bras. Cienc. Esporte, v. 22, n. 2, p. 23 – 39, jan. 2001.

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição; HORTA, Anderson Antonio e COTRIN, Michelle de Alvarenga Pinto. **Tempos e Design:** As gerações e suas lógicas de consumo. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017.

STEIN, Joel; SANDBURN, Josh. Why millennials will save us all. **Time, New York**, v. 181, n. 19, p. 26-33, May 2013.

## CAPÍTULO II

---



# DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA NO BRASIL: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DO PINTEREST<sup>1</sup>

Marcela Fernanda da Paz de Souza

Eduardo Meireles

Grabriela Crepaldi Cordeiro

## INTRODUÇÃO

A sociedade em rede é produto de uma transformação global. Estas modificações estruturais estão diretamente ligadas ao avanço das tecnologias de comunicação e de informação. Conforme Castells (2005), esta dispersão tecnológica ocorreu de forma desigual. Ele destaca, ainda, que a tecnologia é a própria sociedade, e não o seu inverso. O acesso às tecnologias promove efeitos nos usos sociais e que impactam na própria configuração desta tecnologia. "A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias (CASTELLS, 2005, p. 17)".

As redes sociais permitem a maior interação entre os indivíduos, grupos e comunidades, com potencial facilitador da circularidade de informações, do capital social e do acesso a recursos de diversas ordens. As redes sociais abrangem as redes sociais virtuais presentes em uma sociedade em rede, estruturada nas transformações e no avanço tecnológico. As redes sociais ou sociais virtuais permitem que pessoas compartilhem interesses em comum, temáticas ou, ainda, que se mobilizem em direção a um objetivo específico (LABADESSA, 2012; MIRA, BODONI, 2011).

Entre os principais meios de fortalecimento das redes sociais e virtuais estão às mídias sociais, como *Facebook*, *YouTube*, *Instagram*,

---

<sup>1</sup> Pesquisa Financiada pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). A docente agradece o apoio institucional para a realização do estudo.

*Twitter*, entre outros. No caso deste estudo, a mídia social em foco é o *Pinterest*.

O *Pinterest* possuía em 2019 cerca de 175 milhões de usuários, apresentando um valor de mercado de US\$ 12,3 bilhões. A estrutura do *Pinterest* é formada por *pins*, ideias, os *posts* publicados; e por *boards*, pastas de *pins* que são compartilhadas nos servidores. Estes podem estar disponíveis nos modos públicos ou privados (Reuters, Canaltech, 2017). Muitos *pins* podem estar vinculados a reportagens, notícias provenientes de jornais, revistas, *blogs*, *sites* governamentais ou de empresas privadas, coletivos, entre outros portais.

Embora o *Pinterest* potencialize mercados e consumidores com produtos e estilos de vida, em razão do alto número de compartilhamento de *pins* e de possibilidade de compartilhar estes *pins* a partir de pesquisas, notícias e reportagens, ele possivelmente pode ser ou pode se tornar um potencial instrumento de levantamento de dados e de análise das desigualdades de gênero e de raça.

O conceito de gênero pode ser classificado e entendido, na análise de estrutura social de Bárbara Risman (2004), como o aquilo que diferencia socialmente as pessoas, a partir de contextos e padrões históricos culturais, e permite visualizar as desigualdades existentes entre homens e mulheres. É importante compreender que o tradicionalismo de gênero é construído de forma diferenciada no tempo e no espaço. A abordagem proposta por Risman (2004) demonstra que a reflexão essencial nos estudos de gênero é pensar quais são os mecanismos construtores da desigualdade e por quais caminhos estes instrumentos podem ser modificados a fim de criar um mundo mais justo. Como na desigualdade de gênero, as desvantagens sociais e econômicas com base na raça/cor é produto de uma construção social e histórica, e apresenta-se de forma mais agressiva na sociedade, potencializando os impactos nas oportunidades de saúde, educação e moradia (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010).

A sistematização e a análise das categorias de desigualdade podem ser realizadas em distintas técnicas de pesquisa, abordagens e objetos, entre as possibilidades de estudo e pesquisa das desigualdades verificam-se as redes e as mídias sociais virtuais (MOREIRA, 2017; FOLCHETTI, 2018).

Na esteia desta reflexão, o objetivo geral da pesquisa é analisar as desigualdades de gênero e de raça através dos conteúdos discursivos imagéticos (TRAJANO, 2017) dos *pins* e da análise de conteúdo das reportagens e das notícias (BARDIN, 2009) cujos *pins* estão vinculados. No desenvolvimento da pesquisa será verificado o papel do *Pinterest* como meio favorável ao compartilhamento e à integração de temas concernentes à desigualdade; as indicações das subcategorias de desigualdades presentes nos *pins*, nas notícias, reportagens e nos comentários das notícias e reportagens, também serão analisadas as dimensões de transversalidade das desigualdades apresentadas nos dados coletados.

## A DESIGUALDADE, O JORNALISMO E AS MÍDIAS SOCIAIS

Distintos são os ângulos que pesquisam a relação entre o jornalismo e a desigualdade.

Existem estudos que demonstram como o jornalismo também pode ser utilizado estrategicamente para reduzir as desvantagens entre grupos. Em países da Europa e nos Estados Unidos o jornalismo local é fundamental para o fortalecimento da democracia (CASTILHO, 2019). No Brasil, muitas experiências de jornalismo local e comunitário contribuem para democratizar o acesso à informação e para ser um possível canal de voz das demandas e das necessidades de políticas públicas em áreas específicas (PAIVA, 2011). A comunicação ainda é imprescindível para os movimentos populares e sociais e a construção de uma cidadania compartilhada, objetivando a efetivação dos direitos humanos (PERUZZO, 2013).

Delimitando as redes sociais e sua relação com o jornalismo, verificam-se que as redes podem tanto ser viabilizadas para aumentar o fosso social quanto para estrategicamente serem utilizadas no combate à desigualdade e no aperfeiçoamento e técnicas de coletas de dados sobre a desigualdade. O estudo de Indaco e Manovich (2016) *Urban Social Media Inequality: Definition, Measurements, and Application*, utilizando como mídia social, o *Instagram*, apresenta o conceito de desigualdade nas mídias sociais como uma "medida da distribuição das características do conteúdo de mídia social compartilhada em uma área geográfica específica ou entre

áreas" (2016, p. 1). Na análise dos autores, índices como o de Gini podem ser utilizados nos estudos de desigualdade de mídias social. Neste caso específico, verifica-se a "distribuição de características quantitativas do conteúdo gerado pelo usuário compartilhado por uma área geográfica, várias áreas ou um conjunto de indivíduos" (INDACO, MANOVICH, 2016, p. 2). Por meio das estatísticas descritivas e do conteúdo do *Instagram* é possível verificar as relações da desigualdade econômica e sociais e a desigualdade das mídias sociais, se analisadas as mesmas áreas geográficas.

Já a pesquisa de Berleze e Pereira (2017) indicou o quadro da presença do racismo no *Facebook* e procurou identificar alternativas para este problema. Com um estudo qualitativo, com levantamento bibliográfico e seleção de postagens, as autoras procuram demonstrar a face do preconceito nesta mídia social, mas também, realizar inferências sobre esta realidade. Entre os exemplos utilizados pelas pesquisadoras está o debate sobre as quotas para jovens universitários negros; a vinculação da propriedade de um produto móvel em razão de um furto e as ofensas à jornalista Maria Júlia Coutinho do *Jornal Nacional*. Este estudo indica como possibilidades de combate ao racismo uma legislação que puna o agressor e uma formação, em todos os níveis, que abranja a diversidade étnica e racial do país.

Verificando-se a relevância e a influência dos estudos que abrangem a relação entre o Jornalismo e a desigualdade, esta pesquisa se propõe a refletir e a analisar as desigualdades brasileiras de gênero e de cor por meio do *Pinterest*. Criou-se o seguinte perfil para o desenvolvimento desta pesquisa: <http://br.pinterest.com/desigualdade> com o objetivo de receber as notificações e monitorar as pastas e os pins.

## PINTEREST: MAPEANDO OS DADOS DA DESIGUALDADE DE GÊNERO E DE COR

### *Técnicas e procedimentos de pesquisa*

A sistematização das categorias de desigualdade pode ser realizada por distintas técnicas de pesquisa e objetos analíticos. Entre as

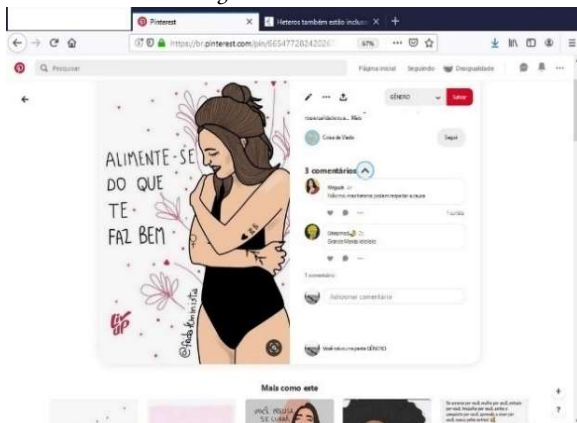
possibilidades de estudo e pesquisa das desigualdades verificam-se as redes e as mídias sociais. A análise parcial abrange as notificações do dia 19 de junho de 2019 ao dia 9 de agosto de 2019.

O estudo é desenvolvido com os seguintes procedimentos metodológicos:

- a)- Pesquisa Bibliográfica: Levantamento bibliográfico e revisão bibliográfica;
- b)- Pesquisa de Dados: Levantamento de dados entre os dias 19 de junho de 2019 ao dia 9 de agosto de 2019; Acompanhamento diário do *Pinterest* por meio de notificação e de verificação de postagens com as imagens referindo-se à desigualdade, às categorizações e subcategorizações propostas na pesquisa: gênero e raça; Verificação de quais páginas os *pins* são salvos; Arquivamento das imagens no celular e no *Google Drive*; caso o *pin* se vincule a reportagens e notícias será realizada a visitação dos *sites* com as reportagens e as notícias. Arquivamento: reportagens; notícias; comentários das reportagens e das notícias. Acompanhamento das notificações; sistematização dos *pins*, das notícias e das reportagens das quais o *pin* se vincula e mapeamento dos comentários das notícias e das reportagens;
- c)- Análise de dados: Estatísticas dos *pins* salvos e das respectivas pastas; categorização da desigualdade, subcategorização das desigualdades; categoria da notícia, da reportagem; categorização dos comentários das notícias e das reportagens no espectro da desigualdade; análise: conteúdo-discursivo imagético do *pin* (GODOI, UCHOA, 2016); conteúdo das notícias e reportagens as quais os *pin* se vinculam, Análise de conteúdo dos comentários das notícias e das reportagens. Com o estabelecimento das categorias é possível realizar a análise de conteúdo.

Segue abaixo um modelo de como as etapas de monitoramento foram realizadas:

**Etapa 1- Mapeamento do Pin**  
**Imagem 1: Pinterest.**<sup>2</sup>



Fonte: Dados da pesquisa, 2019. Conta: Desigualdade

**Etapa 2- Notícia ou reportagem cujo pin está vinculado**  
**Imagem 2: Site Coisa de Viado.**<sup>3</sup>



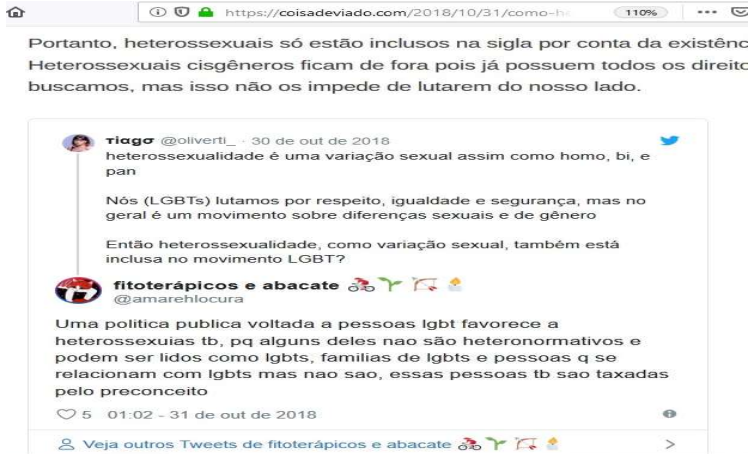
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/708191110139738510/>

<sup>3</sup> Notícia e Reportagem - Heteros também são inclusos no movimento LGBT? Disponível em: <https://coisadeviado.com/2018/10/31/como-heterossexualidade-se-encaixa-movimento/>.

### Etapa 3- Comentários da Notícia

#### Imagem 3: Comentários Héteros também são inclusos no movimento LGBT? <sup>4</sup>



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

#### **Classificação:**

- 1- Imagem: 25 (classificação da pesquisa)
- 2- Palavras-chaves no *Pinterest*: “Alimente-se do que te faz bem”
- 3- Data: 31/10/2018
- 4- Site de origem: <https://coisadeviado.com/2018/10/31/como-heterossexualidade-se-encaixa-movimento/>
- 5- Palavras-chaves no *Pinterest*: “Héteros podem respeitar a causa”
- 6- Palavras-chaves na Reportagem: Héteros; LGBT; Diversidade sexual; direitos; igualdade; respeito
- 7- Palavras-chaves Fotografia do *Pinterest*: Alimente-se; bem;
- 8- Palavras-chaves comentário: Heterossexualidade; variação sexual; respeito; igualdade; segurança; movimento; diferenças sexuais;
- 9- Marcadores sociais: orientação sexual e de gênero

<sup>4</sup> Comentários Notícia e Reportagem - Héteros também são inclusos no movimento LGBT? Disponível em: <<https://coisadeviado.com/2018/10/31/como-heterossexualidade-se-encaixa-movimento/>>.

## 10- Solução: Políticas públicas e respeito

Demonstrados os procedimentos metodológicos, segue-se a síntese do mapeamento:

### a)- Monitoramento das notificações do *Pinterest*

Para subsidiar a análise dos *pins* de gênero e de raça e suas interseccionalidades, realizou-se uma subdivisão em pastas que obtiveram respectivamente o número de *pins* entre o período indicado para a análise: gênero - 85 *pins*; movimento feminista - 82 *pins*. Integrarão o relatório final os *pins*: meio ambiente - 68 *pins*; feminista - 229 *pins*; política brasileira - três *pins*; poluição - 23 *pins*; organizações e economia - quatro *pins*; étnico - nove *pins*; desigualdade - 20 *pins*. Na análise final, a pasta feminista será analisada e agregada à pasta movimento feminista.

Realizou-se a análise a partir de eixos temáticos: imagem; o título da matéria; data; o *link* ao qual a imagem do *Pinterest* está relacionada; palavras chaves da reportagem; palavras chaves da fotografia (Imagem); palavras chaves do comentário; palavras chaves no *Pinterest*; marcadores sociais da diferença. Posteriormente, agruparam-se os *links* por mídia social - *Instagram, YouTube, blog e sites*. Realizou-se uma tabela detalhada com os eixos temáticos e palavra-chave para cada *pin* de todas as pastas. A tabela possui 115 páginas.

A fim de subsidiar a análise parcial foram apresentados apontamentos parciais da pasta de gênero - 85 *pins*, movimento feminista - 82. De toda forma, entre os 167 *pins* de gênero e de movimento sociais delimitados para o resumo parcial, 29 *pins* se vinculam às reportagens e às notícias. Como o objetivo da pesquisa é se ater nas reportagens e notícias, estas serão o foco deste artigo.

### ***Pastas de pin gênero e de movimento feminista***

#### b)- Palavras-chave das imagens do *Pinterest* (Análise de conteúdo-discursivo imagético)

Um total de sete *pins* apresentou em seu conteúdo imagético o recurso de signo textual. Pôde-se verificá-los em *pins* como o do racismo,



do empoderamento e quebra de padrões de beleza, assédio e cantadas. Verificou-se a interseccionalidade de gênero e de cor nas imagens: empoderamento ou participação política e mercado de trabalho.

c)- Delimitação das subcategorias de desigualdades

Obtiveram-se as seguintes subcategorias de desigualdade: LGBTQI+, Homem, Idade, Mulher, Escolaridade, Raça, Trabalho. O conceito de categorias que se enquadra é o de desigualdades categóricas de Charles Tilly (2005).

d)- Análise de conteúdo das notícias e das reportagens: Pastas Gênero e Movimento Feminista

A pesquisa já mapeou nas reportagens os termos chaves para auxiliar no processo de compreensão da desigualdade e neste momento encontra-se na etapa de elaboração das categorias da análise de conteúdo.

- Empoderamento e ao movimento feminista;
- Desigualdades de gênero no mercado de trabalho;
- Violência sexual;
- Desigualdade racial.

As reportagens em seus eixos analíticos, em menor medida, o eixo de empoderamento e movimento feminista, demonstram os cenários de desigualdade entre homens e mulheres. Importante para a análise da pesquisa são as interseccionalidades de desigualdade.

Observaram-se nas reportagens:

- Abordagens e narrativas de promoção da participação política da mulher;
- Necessidade de aumento salarial das mulheres e de maior igualdade de gênero;
- Intersecção de gênero e raça;
- Violência sexual e assédio às mulheres nas ruas;
- Reportagens que ressaltam a importância das mulheres se valorizarem e se amarem;

- Redução à importância dos padrões de beleza.

Entre os objetivos do estudo de encontrar direções para a supressão da desigualdade, as matérias apresentam entrevistas, indicadores e exemplos de políticas que são importantes para a delimitação de projetos e de construção ao lado do leitor de perspectivas críticas e multiplicadoras, a exemplo da matéria: "Mulheres se impõem contra cantadas de rua e criam grupos para entender feminismo". Ainda como será visto no tópico abaixo, os comentários não tenham corroborado ou dialogado em direção ao texto.

Os *pins* se vinculam às seguintes reportagens:

“Ela é forte, mas está exausta”, “Estamos atrasados. Tô indo!”, “Violência de gênero”; “Você é mais que um padrão”; “Corpo ideal”; “Vida de menina”; “Seja a sua própria inspiração”; “Não me elogie insultando outra mulher”; “As 5 fases do luto.”; “Minha feminilidade não é medida pelo tamanho do meu cabelo”; “Palavras para conhecer e inspirar”; “O que pode dar errado”; “Você merece o amor que oferece”; “Alimente-se do que te faz bem”; “Deve ser crime quando alguém tratar mal uma pessoa porque essa pessoa é homossexual?”; “Qualquer um que não veja o quão incrível você é não merece estar com você”; “Vida de menina”; “Festa crianças”; “A história da medicina”; “Cronômetro da violência contra as mulheres no Brasil”; “Você nasceu pra ser real”; “O reflexo do racismo no Brasil”; “Crianças deitadas”; “Mulheres se impõem contra cantadas de rua e criam grupos para entender feminismo”; “Você é suficiente”; “Desigualdade entre homens e mulheres cresce no Brasil”; “Existem mulheres fortes e mulheres que ainda não descobriram sua força”; “Mulher recebe menos que homem”; “O Brasil situa-se na 79ª posição no ranking de desigualdade entre homens e mulheres”; “A “vadia” que a sociedade machista criou”.

Até o momento da pesquisa há os seguintes termos-chaves nas 29 reportagens e nas notícias vinculadas aos *pins*:

Depressão; tipos de depressão; Empoderamento; Preconceito; Mulheres gordas; Biótipos aceitos; Autoestima; Empoderamento Feminino; Feminismo; Padrão; Donzela; Suficiente; Luto; perda; pessoa amada; Despedida; Negação; Raiva; Barganha; Depressão; Aceitação; Interrompida; Natural; Empoderamento; Força; Valores; Importantes; Beleza; Guerreiras;

lutas; naturalmente linda; ajuda; parabeneze; Empoderamento; Posicionamento Feminista; Trabalhar; Sustentar; “pode ser quem e como ela quiser”; Preenchedores faciais; Botox; efeitos desastrosos; toxina botulínica; Empoderamento feminino; feminismo; oprimidas; tomar poder sobre si; Héteros; LGBT; Diversidade sexual; direitos; igualdade; respeito; Moça; solitária; luta; mudar; história; Deus; cresceu; Tarefas Domésticas; Lavar louça; limpar casa; Medicina; aparelhos; dentes; máquinas de oxigênio; ambulância; máquina de exames; maleta com injeção; batimentos do bebê; Dossiê digital; cronômetro; violência; mulher; machismo; Empoderamento feminino; Feminismo; Oprimidas; Capazes; Mudanças; Salários; desemprego; estatísticas; educação; mortes; Mulheres; impor; cantadas; rua; entender feminismo; comentário; agressões; Recomeçar; Suficiente; Cuidado; Iludir; se ame; Desigualdade; homens; mulheres; Fórum Econômico Mundial; Progresso; Paridade; Participação política; Empoderamento feminino; Feminismo; Consciência coletiva; oportunidades; capazes; mudanças; Diferença social; gênero; Mulheres mais pobres; mercado de trabalho; licença maternidade; estratégias; Participação política; desigualdades de gênero; ONU; Liderança e poder; “mulher foi impedida de estudar, de trabalhar e mantida na esfera privada, como uma forma de aprisionamento e desrespeito aos seus direitos fundamentais.”

e)- Análise de conteúdo dos comentários das notícias e dos comentários das reportagens

Entre as 29 reportagens avaliadas, 12 possuem comentários das notícias e das reportagens.

Os comentários das reportagens e das matérias com os eixos analíticos comuns são:

- Assédio sexual;
- Empoderamento e sororidade;
- Crítica ao feminismo;
- LGBT;
- Política e participação.

As reportagens e notícias estão apresentando os eixos analíticos comuns. Somadas aos demais mapeamentos dos outros *pins*, com base nestes eixos são realizadas as análises de conteúdo.

As principais palavras chaves dos comentários são as seguintes:

Heterossexualidade; variação sexual; respeito; igualdade; segurança; movimento; diferenças sexuais; gênero; política pública. Com a elaboração das categorias será possível o desenvolvimento da análise de conteúdo. O conteúdo dos comentários das reportagens e das notícias apresentou observações que talvez possam indicar caminhos de refletir sobre os conteúdos das reportagens de forma mais acentuada de acordo com o teor da reportagem. Matérias envolvendo depressão, LGBTQ, violência e assédio sexual indicaram apontamentos que permitem que outros leitores se posicionem pela temática com justificativas baseadas em dados, em políticas públicas, em outros estudos, ou em biografias.

f)- Marcadores sociais da diferença

É importante notar que estas notificações de gênero, o conteúdo textual e imagético, não são atribuídas unicamente a temas como moda, beleza e comportamento, mas implicam em compartilhamentos de assuntos nodais para a reflexão da desigualdade de gênero e do papel da mulher no mundo: trabalho, saúde, participação política. Os marcadores sociais da diferença que podem implicar em processos reprodutores de desigualdade encontrados na reportagem foram o preconceito racial e de gênero e o preconceito com a diversidade sexual. Estes distintos marcadores estão implicando em desiguais acessos a esferas deliberativas de poder, e recursos e ao trabalho, à dignidade humana através de uma vida violência sexual e de LGBTQs, além dos *gaps* raciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise parcial permitiu verificar o poder interativo das redes, com o compartilhamento da temática e das dimensões das desigualdades contempladas na pesquisa. A correta categorização, subcategorização e a compreensão de processos que fazem a desigualdade se reproduzirem

poderão servir de parâmetros para estudos e acompanhamentos dos gestores públicos sobre os vieses das desigualdades, de seus impactos - apresentados no conteúdo imagético, nas notícias, nas reportagens e nos comentários das notícias e das reportagens - e da opinião pública. Somam-se a estes aspectos o fato de ser possível verificar a fonte das reportagens e o propósito que elas possuem permitindo visualizar e refletir sobre esta desigualdade a partir de diferentes ângulos interpretativos.

O *Pinterest*, ao permitir a agregação e o compartilhamento de informações para milhões de usuários, torna-se um dos importantes objetos e ferramentas de pesquisa neste cenário das transformações do século XXI. E, desta forma, um instrumento estratégico de atuação do sistema governamental, político, associativo, dos movimentos sociais e entidades públicas e privadas. Se é importante conhecer as subcategorizações das desigualdades e o seu cenário no Brasil, é também imprescindível saber quais são as pessoas que se atêm a temática da desigualdade e se há políticas específicas para estes grupos.

As redes sociais implicam em uma possibilidade de troca de informações e de articulação capazes de elucidarem e trazerem a compreensão da dinâmica reprodutora das desvantagens de ativos e de controle de poder na estrutura social brasileira. No *Pinterest*, através das postagens e do compartilhamento dos *pins* sobre desigualdades, tem-se a possibilidade de formar, de mobilizar e de articular a população que tem acesso aos conteúdos imagéticos, às matérias e aos comentários das notícias e das reportagens. É importante verificar a participação e a interação dos seguidores e a opinião sobre o conteúdo acessado.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, p. 229.

BERLEZE, Michele; PEREIRA, Belinda Silva. O racismo nas redes sociais: o preconceito real assumido na vida virtual. In: 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede.

**Anais**...Santa Maria: UFSM, 2017, p. 1-14.

Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-racismo-nas-redes-sociais-o-preconceito-real-assumido-na-vida-virtual>. Acesso em: 15 mar. 2019.

CASTILHO, Carlos. **A função estratégica do jornalismo local na redução da desigualdade**. Disponível em: <https://ccastilho.medium.com/>. Acesso: 27 jan. 2019.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**. Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005, p. 439. Disponível em: [https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a\\_sociedade\\_em\\_rede\\_-\\_do\\_conhecimento\\_a\\_acao\\_politica.pdf](https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf). Acesso em: 19 dez. 2021.

FOLCHETTI, Fábio. **Como usar a tecnologia para diminuir a desigualdade social?** Colaborador Externo, 2018. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/como-usar-a-tecnologia-para-diminuir-a-desigualdade-social-112554/>. Acesso: 13 mar. 2019.

GODOI, Christiane Kleinubing; UCHÔA, Antônio Giovanni Figliuolo. Metodologia qualitativa discursivo-imagética: do contexto da produção às possibilidades de recepção da imagem. In: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. **Anais...** Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/viewFile/232/224.%> Acesso: 9 mar. 2019.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia.

**Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça. Módulo III - Políticas Públicas e Raça**. (ORG.). Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

INDACO, Agustin; MANOVICH, Lev. Urban Social **Media Inequality**: Definition, Measurements, and Application. 2016. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1607.01845v1>. Acesso: 17 mar. 2019.

LABADESSA, Edson. O uso das redes sociais na internet na sociedade brasileira. In: **Revista Metropolitana de Sustentabilidade - RMS**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 82-94, 2012. Disponível em: [https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/viewFile/62/pdf\\_1](https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/viewFile/62/pdf_1). Acesso em: 27 jan. 2021.

MIRA, José Eugênio; BODONI, Patricia Soares Baltazar. Os impactos das redes sociais virtuais nas relações de jovens e adultos no ambiente acadêmico nacional. In: **Revista de Educação** . v. 14, n. 17, p. 103-115, 2011.

MOREIRA, Matheus. O que o *Instagram* pode revelar sobre a desigualdade econômica. In: **NEXO Jornal**, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/02/25/O-que-o-Instagram-pode-revelar-sobre-a-desigualdade-econ%C3%B4mica>. Acesso: 14 mar. 2019.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling Peruzzo. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. In: **Revista Contemporânea – Comunicação e Cultura** , v. 11, n. 01, p. 138-158, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980>. Acesso em: 15 dez. 2021.

Pinterest obtém novo financiamento e já vale US\$ 12,3 bilhões. **Canaltech**, 2017. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/pinterest-obtem-novo-financiamento-e-ja-vale-us-123-bi-95002/>. Acesso: 15 mar. 2019.

RISMAN, Bárbara. Gender as a social structure – Theory a restling with activism. In: **Gender & Society**, v. 18, n. 4, p. 429-450, 1994. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/242107145>. Acesso em: 27 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0891243204265349>.

TILLY, Charles. O acesso desigual ao conhecimento científico. In: **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 47-63, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a03v18n2.pdf>. Acesso: 27 jan. 2021.

TRAJANO, Raphael de Moraes. Discurso imagético em questão: a materialidade significativa na relação com a história. In: **Revista PERcurso Linguístico**, Vitória, v. 7, n. 14, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15333>. Acesso em: 27 jan. 2021.

## CAPÍTULO III

---



# O SILÊNCIO IRROMPIDO: DISCURSOS DE MOVIMENTOS ANTIRRACISTAS DE 2020

Samuel Ponsoni

Paulo Afonso dos Santos

Jean Carlo de Souza Silva

---

*Em homenagem a João Alberto Freitas  
(in memoriam)*

---

## PALAVRAS INICIAIS: O RACISMO PANDÊMICO

A crescente discussão antirracista, evidenciada em telas e jornais ao redor do mundo, no segundo trimestre do peculiar ano de 2020, tornou ainda mais relevante estudos que possam problematizar tais questões à luz de teorias científicas críticas, capazes de descrever e analisar tais fenômenos sociais, que, na esteira de bandeiras racistas e ações violentas, tanto mal têm causado à nossa sociedade.

Depois dos acontecimentos do dia 25 de maio de 2020, a internet tornou pública uma série de episódios racistas, que, evidentemente estavam por aí, latentes ou expostos, mas que, de qualquer maneira, mostrou ao mundo real, concreto e em todas as suas condições objetivas um dia ordinário de uma pessoa negra em face de múltiplos racismos. Neste sentido, foi neste mesmo dia 25 de maio que George Perry Floyd Jr., negro, americano, de 46 anos, entrava para a história como mais uma vida negra que não importou, perdida pela truculência policial<sup>1</sup>: eis aí o início de uma longa série de eventos acerca deste acontecimento brutal.

---

<sup>1</sup> George Floyd morreu depois que o então policial Derek Chauvin ajoelhou sobre o seu pescoço durante oito minutos e quarenta e seis segundos em uma abordagem. O episódio ocorreu na Chicago Avenue South, no bairro de Powderhorn Park, em Minneapolis após

Com efeito, tanto em outras geografias quanto aqui, no Brasil, poucos dias antes de Floyd, mais um de muitos casos semelhantes de violência racista: o caso de João Pedro Mattos Pinto. Este adolescente, de 14 anos, teve o mesmo desfecho após ser baleado dentro de casa em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro, durante uma operação policial<sup>2</sup>. Ou ainda, em um caso muito semelhante ao brutal assassinato de George Floyd, mas ocorrido em Porto Alegre, Brasil, que foi o igualmente brutal assassinato de João Alberto Freitas, mais um negro, cuja vida não importou<sup>3</sup>.

Todos esses casos, somados às complicações sociais que a pandemia do novo coronavírus intensificou na população mais carente de todo o globo, fez com que diversos manifestantes fossem às ruas, em território nacional e internacional, com significativo intervalo entre casos e protestos, para reivindicar direitos básicos que adormecem em meio à naturalização e banalização da violência.

---

Floyd sair de uma loja. Na versão do policial, George supostamente tentou trocar uma nota falsa de 20 dólares no local. De acordo com testemunhas, Floyd não resistia a prisão e disse mais de 20 vezes que não conseguia respirar enquanto era contido pelos policiais. Floyd foi levado ao Centro Médico do Condado de Hennepin, onde foi declarado morto. Toda a cena foi gravada e amplamente divulgada na internet, o que impulsionou manifestações ao redor do mundo (BBC News, 2020).

<sup>2</sup> Em uma reportagem da BBC News Brasil, Luiza Franco (2020) diz, no dia 18 de Maio de 2020, as polícias Civil e Federal faziam uma operação no complexo de favelas do Salgueiro, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Testemunhas presente no momento disseram que os agentes entraram atirando em uma casa e balearam João Pedro Matos Pinto, adolescente de 14 anos. Em nota, a Polícia Civil disse que "durante a ação, seguranças dos traficantes tentaram fugir pulando o muro de uma casa. Eles dispararam contra os policiais e arremessaram granadas na direção dos agentes. No local foram apreendidas granadas e uma pistola". Após ser atingido no confronto, o menino foi levado até um helicóptero para ser socorrido. A família não foi avisado para onde João Pedro seria levado. Parente encontraram o corpo do jovem no dia seguinte no Instituto Médico Legal (IML) de São Gonçalo. A Polícia Militar declarou não ter sido solicitada para realizar o socorro de nenhuma pessoa ferida em meio a operação.

<sup>3</sup> João Alberto Freitas, homem negro de 40 anos, foi morto por dois seguranças brancos, no supermercado Carrefour de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Depois de um desentendimento, ele foi imobilizado pelos seguranças e asfixiado até a morte, mesmo implorando para ser solto e poder respirar. Também teria dito "Eu não consigo respirar", um pedido de socorro que mobilizou o mundo, porém muito pouco no Brasil.

Dentro dessa conjuntura, as manifestações e seus manifestantes trouxeram à tona diversos cartazes, gestos, ações e palavras de ordem que externavam certos discursos com o intuito de denunciar toda a violência sofrida e proporcionar reflexões coletivas, já bastante calejadas dentro das causas étnico-raciais da população negra, mas pouco sensíveis e muito latentes nas demais classes sociais. Um chamado à ordem racional de apelo contra a violência e discriminação racial tão pulsante em nossos dias.

Mas o discursar não se limita a palavras presentes em cartazes e a palavras de ordem dos que às ruas foram marchar por justiça. Há, nesses mesmos discursos, uma complexidade na construção de seus sentidos — de efeitos de sentidos, diga-se — e estes transcendem qualquer reprodução gráfica ou verbal vistas sobre a ordem do mais evidente e visível.

Portanto, é pelo exposto alhures que neste artigo, lastreados na teoria discursiva chamada Análise do Discurso de matriz francesa (doravante, vez ou outra, AD), faremos um quadro teórico-analítico que nos faz analisar criticamente esses acontecimentos antirracista que vêm ocorrendo ao redor do mundo, depois do estopim representado pelo caso de George Floyd. Dito de outro modo, é por meio dos discursos ditos e silenciados nos cartazes, como efeitos de sentidos das batalhas ideológicas como materialidades históricas e objetivas, que faremos nossa problematização e análises em relação ao levante do movimento *Black Lives Matter* e/ou Vidas Negras Importam, de maneira comparativa entre as manifestações dos EUA e do Brasil.

Neste sentido, ainda, faremos esse gesto teórico, descritivo e analítico, levando a cabo uma interpretação dos ditos e dos implícitos silenciados nos dizeres e discursos de uma série de cartazes, selecionados das manifestações brasileiras e estrangeiras, através de uma categoria discursiva que é a do silêncio discursivo e constitutivo, da pesquisadora brasileira do campo do discurso, Eni Orlandi (2001, 2007).

Para compor nosso arquivo analítico, do qual retiramos nosso *corpus* de estudos analíticos-comparativos, utilizaremos os discursos dos mais distintos dispositivos comunicativos (*mídiuns*, pela terminologia de Dominique Maingueneau, 2015), tais como jornais, periódicos, *blogs* de comentários políticos, entre outros, de circulação brasileira e americana,

entre maio de 2020 e agosto de 2020. Essa forma de observar e compreender um *corpus* de pesquisa se alinha ao que teórico da AD, Dominique Maingueneau (2006) vai chamar de um *corpus* de unidades tópicas e de unidades não tópicas, em que vale o percurso dos discursos e das formações sociais que utilizam esses discursos.

Podem-se também considerar os percursos de tipo formal (por exemplo, tal tipo de metáfora, tal forma de discurso relatado, de derivação sufixal...); mas, nesse caso, não se trabalha sobre um conjunto discursivo bem especificado (em particular um gênero de discurso ou um posicionamento), cai-se em uma análise puramente linguística. Podem-se igualmente considerar percursos fundados sobre materiais lexicais ou textuais (por exemplo, a retomada ou as transformações de uma mesma fórmula em uma série de textos, ou ainda as diversas recontextualizações de um "mesmo texto"). É assim que um trabalho foi desenvolvido sob a fórmula "depuração étnica" (Krieg-Planque, 2003); trata-se, antes de tudo, de explorar uma dispersão, uma circulação, e não de relacionar uma sequência verbal a uma fonte enunciativa. (MAINGUENEAU, 2006, p. 21)

Portanto, responder a tais questões, por meio da teoria arrolada, se faz o principal objetivo deste artigo.

## AS RAÍZES DO MOVIMENTO

Antes mesmo das discussões acerca do perfilamento racial do homem negro ser revertidas drasticamente para um chamado à unidade nacional na "guerra ao terror", após os atentados de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos da América já vinham sendo palco de constantes manifestações antirracistas há alguns anos (TAYLOR, 2008, p. 111). O movimento, em prol das vidas negras, só retomou seu fôlego em 2005, quando o governo federal se silenciou sobre a situação de Nova Orleans, após ficar naufragada com a passagem do furacão Katrina. Naquela ocasião, os bairros negros da cidade foram os mais atingidos.

Reinflamada pelo plano de igualdade racial, a população elegeu Barack Obama, para 2008, que carregava em sua campanha um discurso esperançoso e renovador. No entanto, antes mesmo do primeiro presidente negro dos EUA tomar posse na Casa Branca, Oscar Grant, negro de 22 anos

que estava desarmado, foi assassinado por um guarda de trânsito em Oakland, Califórnia. A controvérsia sincrônica levou a protestos que se entenderam para além da cidade. Diferente dos casos questionados anteriormente pela população<sup>4</sup>, o autor foi condenado por homicídio culposo, o que assegurou a legitimidade e o poder político dos protestos. Com essa nova perspectiva, movimentos foram tomando corpo a cada caso de violência e afluía debates políticos sobre o tema. Isso até 2014, quando uma nova onda de protestos reocupou as principais ruas do país. Então, a brutalidade policial ampliou seu parâmetro de repressão, lembrando o norte-americano da “máquina de assassinato negro nas mãos de agentes do Estado” (TAYLOR, 2018, p. 109).

Após a absolvição de George Zimmerman na morte a tiros de Trayvon Martin, adolescente negro<sup>5</sup> e pelo anúncio de que dois policiais brancos não seriam indiciados pelo assassinato em 2014 de dois jovens negros: Michael Brown, de 18 anos que morreu alvejado em 9 de agosto<sup>6</sup>, e Eric Garner<sup>7</sup> em 17 de julho, estrangulado por cerca de 15 a 19 segundos

---

<sup>4</sup> No ano de 1992, houve uma série de ações que ficaram conhecidas como “Os distúrbios de Los Angeles”. Os atos foram desencadeados após três policiais brancos e um hispânico espancaram o motorista Rodney King após uma perseguição em alta velocidade. Toda a cena foi gravada e divulgada na mídia. Em 1999, Amadou Diallo, imigrante negro desarmado, foi assassinado pelos policiais Sean Carroll, Richard Murphy, Edward McMellon, e Kenneth Boss que estavam à paisana em Nova York numa chuva de 41 balas. Os quatro policiais foram absolvidos (TAYLOR, 2008, p. 110).

<sup>5</sup> Em 26 de Fevereiro de 2012, o então capitão do bairro em Sanford, Flórida, George Zimmerman, relata “uma presença suspeita” ao número 911. O capitão recebe instruções para não sair do SUV ou se aproximar da pessoa. Desrespeitando a instituição, aborda o sujeito. Momentos depois, disparos são relatados por vizinhos. O jovem baleado e morto é Trayvon Martin, que tinha saído para ir ao mercado, como contou seu pai. Zimmerman assumiu a autoria dos tiros e declarou legítima defesa (CNN Editorial Research, 2020).

<sup>6</sup> No dia 9 de Agosto de 2014, Michael Brown supostamente teria roubado um maço de cigarros em uma loja. Pouco tempo depois, o policial Darren Wilson recebeu um alerta em sua viatura. Michael e seu amigo foram parados na rua pelo policial. Os relatos variam sobre os detalhes exatos, mas todos os envolvidos dizer ter havido uma discussão acalorada. Wilson disparou e a dupla de amigos fugiu. O policial disparou mais vezes. Michael foi atingido seis vezes entre a cabeça e o braço direito. O corpo foi removido do local quatro horas depois (BBC News, 2014).

<sup>7</sup> Eric Garner, americano de 43 anos, foi confrontado por dois policiais brancos do Departamento de Polícia de New York na rua enquanto vendia cigarros ilegalmente, no dia

enquanto era algemado; houve uma sucessão de atos e protestos diários dentro e fora das redes sociais que deram forma as movimentações que seriam retomadas posteriormente a morte de George Perry Floyd Jr. e em ascendência por todo o mundo, o *Black Lives Matter*.

No Brasil, com substancial trajetória coordenada durante etapas da República (1889 – 2020) como aponta Petrônio Domingues em *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos* (2007), o Movimento Negro trabalhou para desconstruir preceitos desumanizadores da comunidade negra. De 1889 até 1937, o movimento buscava avigorar a identidade negra existente nas manifestações culturais do país, através de atividades de caráter social, como jornalismo, música, dança, teatro e lazer. Da década de 1945 a 1964, o movimento tomou participação política na conquista por direitos civis com a União dos Homens de Cor e o Teatro Experimental do Negro. A partir de 1978, inúmeras entidades negras focadas na mobilização política do negro surgiram, entre elas, o Movimento Negro Unificado, influenciado por organizações negras marxistas, como os Panteras Negras<sup>8</sup>.

Em contrapartida, diante da violência estadualizada, o país parece ter se habituado ao genocídio negro e ser compassivo com o silenciamento da comunidade. As movimentações iniciais na manhã do dia 7 de junho, pautada pelos Estados Unidos, esperou pacientemente as complicações sociais da crise sanitário em 2020 para se efetivarem nas ruas, mas com a promessa de que perdas como as de João Pedro e Miguel Otávio<sup>9</sup> não seriam

---

17 de Julho de 2014. Após receber um “mata leão” de um dos policiais, Garner perdeu a consciência e acabou morrendo. A imobilização foi gravada e gerou indignações em todo os EUA (HISTORY, 2014).

<sup>8</sup> “O Partido dos Panteras Negras foi um ator central, nos anos de 1960 e 1970, no movimento Black Power nos Estados Unidos, que se caracterizou como um movimento social de autodeterminação negra e de orgulho cultural, com uma agenda política própria que centralizava as necessidades da comunidade negra a partir de suas próprias inquietações, [...] evidenciando a participação das mulheres negras como militantes, organizadoras, intelectuais e líderes” (BARRETO, 2018, p. 189-190)

<sup>9</sup> No dia 2 de junho, Miguel Otávio Santana, de 5 anos, morreu após cair do 9º andar de um prédio de luxo no Recife. A criança havia sido deixada com a primeira-dama de Tamandaré,

mais banalizadas. Então, as nascentes ações, em nome da democracia e da vida, ocuparam as principais ruas e avenidas do país.

## ANÁLISE DE DISCURSO: PRINCÍPIOS E PARÂMETROS DE UMA TEORIA

Antes de iniciarmos as análises e problematizações, é preciso firmar pressupostos teóricos para fundamentar e compreender que os estudos de linguagem, sobretudo no campo discursivo, trabalham com categoria de sujeito. Este, se posta como uma forma socialmente construída a partir de interpelações ideológicas históricas, em dadas condições de produção, que o torna forma-sujeito.

A Análise de Discurso, linha de estudo traçada inicialmente na França, projeta a linguagem como intermédio imperioso entre o homem e a sua realidade natural e cultural. Os dizeres não são apenas mensagens engessadas na logística linear e logicamente estabilizada, na qual o emissor se refere a alguma coisa, apoiando-se em um código e o receptor capta a mensagem decodificando-a (ORLANDI, 2001, p. 21). São efeitos de sentido produzidos em ensejos determinados por uma dupla ordem, da língua e pela materialidade histórica, que se marcam no modo como se diz ou se imagina dizer.

Eis, então, o que difere análise discursiva da análise de conteúdo, ou seja, a interpretação discursiva, via AD, não compreende a correspondência direta entre palavras e referentes, mas sim compreende levando em conta as formas e posicionamentos, que são históricos, que sujeitos assumem ao serem interpelados pelas ideologias que circundam, atravessam, dividem, dão efeito de evidência a esses mesmos sujeitos, em efeitos de sentidos entre interlocutores em meio à linguagem que em nada é transparente<sup>10</sup>.

---

Sari Corte Real, enquanto a mãe, doméstica, passeava com o cachorro da patroa. Sari foi presa em flagrante por homicídio culposo e solta após pagar fiança de R\$ 20 mil (G1, 2020)

<sup>10</sup> Pode-se dizer que essa é um diferença crucial e fundante entre a AD e outras teorias contendísticas da linguagem. Na análise de conteúdo, a procura se limita em esclarecer o que aquela mensagem quer nos dizer, ou seja, os possíveis sentidos extraídos de um texto; ao

A significação de um discurso, assim como a própria análise discursiva, está fortemente vinculada à história, ligada ao materialismo dialético, não somente pela configuração discursiva que uma dada época possui, mas pela conjuntura e condições objetivas e sociopolítico em que os dizeres de cada são (re)produzidos. Os sentidos, reencarnados em uma fala, não estão nas palavras propriamente ditas, estão aquém e além delas (ORLANDI, 2001, p. 42).

É deste mirante teórico que Michel Pêcheux (2009) propõe duas espécies de esquecimento aos sujeitos em seus posicionamentos discursivos, em alguma realidade conjuntural. Por um lado, o primeiro esquecimento, o enunciativo, que se caracteriza como parafrástico, ou seja, dizemos o mesmo de maneira diferente, porém temos a evidência ideológica do que aquilo que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras. Uma ilusão referencial. Por outro lado, o segundo esquecimento, o esquecimento ideológico, é aquele que nos faz achar que o que discursos têm a origem em nós mesmos, quando na verdade retoma sentidos preexistentes, ditos em alhures, de forma independentemente de nossa atualização da memória histórica no dizer sincrônico, atual. Nós movimentamos a história ideológica desse discurso e não o criamos.

Em termos práticos, isso aponta para a construção coordenada de significados apoiados em elementos que ultrapassam a estrutura verbal de um dado texto. Composições externas, margens, que nem sempre estão explicitadas no dizer, o chamado interdiscurso, o silêncio.

## A TEORIA DO SILÊNCIO À BRASILEIRA

Para compreendermos o silêncio sob prisma discursivo, proposto por Eni Orlandi, em *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, de 2007, precisamos contestar o formato atribuído a ele em paisagem popular. Como aponta a autora, a tentativa de encaixar o não dito na noção de

---

passo em que na investigação discursiva, nosso propósito é compreender como, dada a narrativa, os dizeres significam.



linearidade do dizer é um equívoco, assim como a própria existência dessa estrutura cerceada, ao se tratar da Análise de Discurso (AD), como vimos anteriormente. Os sentidos não são produzidos em uma linha reta, eles se ramificam, abrindo possibilidades. É em nome dessa possibilidade que o silêncio existe e pela mesma razão, é comumente marginalizado.

Não raro, o silêncio, equivocadamente, tem um lugar subalterno na linguagem, numa ideia condicionante de que onde há tal ausência, não cabe comunicação. Quando cabe, é um discurso vazio, pois ali, “um homem em silêncio é um homem sem sentido” (ORLANDI, 2007, p.31), sem significações. O que é oportuno em realidades sociopolíticas mergulhadas no despotismo. Porém, Orlandi nos propõe mais variações acerca desse objeto.

A doutora em Linguística (2007) acusa o silêncio como objeto de reflexão que se aloja na relação do que pode e/ou deve ser dito com o que não pode ou não deve se dizer. O silêncio é agente e paciente em relação à influência em discursos e inúmeras formações discursivas. Essa falta, então, não é apenas um complemento da linguagem, ela é fundante. Isso porque as palavras estão cheias de sentidos a não serem ditos. Quando afirmamos, dizemos que as palavras são perpassadas pelo silêncio; elas produzem silenciamento, calam outras. A conclusão é de que a palavra não é o carro-chefe, ela toma papel coadjuvante. Um movimento orbital ao silêncio (ORLANDI, 2007, p. 28).

Após delimitar seu papel fundador, mas não originário na língua, Orlandi distingue o silêncio e sua política, esta em duas esferas: o silêncio constitutivo e o local. O silêncio local, diz respeito à censura, ao silenciamento, ao mesmo apresentado ao país em 1964 pelas mãos da Quinta República Brasileira, e que embora a autora bem trabalhe em seu livro (2007), nos dispersa do objetivo. O modo constitutivo do silêncio é o que nos mais interessa.

Na sua funcionalidade política, o discurso indica que para dizer é preciso não dizer. Isso significa que para discursar algo, apagamos outros sentidos imagináveis, porém inconveniente (ORLANDI, 2007, p. 22), evidenciando que o dizer e o silenciamento são indivisíveis. Este é o silêncio

constitutivo, uma ausência automática proveniente da ideologia. É com este silenciamento que nos deparamos no movimento *Black Lives Matter*.

## ANÁLISES, DESCRIÇÕES E INTERPRETAÇÕES

Levando em conta o homem, que se interpela ideologicamente em sujeito, em relação a sua história, assumindo a forma-sujeito em diversos posicionamentos, torna evidente a imbricação entre linguagem e ideologia. Neste sentido, buscamos reunir um *corpus* que representa uma parte das manifestações nacionais e internacionais, entre maio de 2020, data do acontecimento da morte de Floyd, e agosto de 2020, quando se encerra a pesquisa desse artigo, em diversos *mídiuns*, dos quais recortamos um percurso que represente regularidades e/ou outras ocorrências, dos discursos silenciados. Essas Sequências Discursivas (SD) reiteram discursos que buscam silenciar questões contrárias estabelecidas historicamente e que teimam em residir em dias atuais.

### SD1: *I CAN'T BREATHE* (EU NÃO CONSIGO RESPIRAR)

A celeuma *Black Lives Matter*, em toda a sua circunstância de reprodução, traz histórias referenciais. Tudo o que já se sabe sobre opressão racial, seja dito ou registrado por alguém, em algum lugar, mesmo e principalmente, em momentos passadas, têm um efeito de significância sobre a expressão. Ali, a memória histórica nos fornece repertório para transbordar a frase de sentidos. “Importam” acomoda “vidas negras” (tradução nossa) em estado silenciamento que retorna em esquecimentos, pressupondo que há uma desvalorização na relação de poder, polícia e civil étnico-racial, conseqüentemente, Estado e comunidade negra.

Quando se assevera a máxima, não se nega, explicitamente, a crença em uma “hierarquia racial”, mas se compreende que, ao reproduzir *black lives matter*, se antagoniza ideologicamente com tal discurso. Aqui, há um interdiscurso, uma filiação de dizeres, políticos, relacionais, que nos permite remeter o dito à sua materialidade histórica.

É o que decorre em *“I can’t breathe”*, que também assalta uma bagagem remanescente. É indubitável não remeter ao cenário pandêmico mundial. O uso de máscaras faz parte de um pacote de medidas de prevenção e controle para frear a propagação da COVID-19 (OMS, 2020. p. 1). No entanto, a fama da máscara, sobretudo no *Facebook* segundo algumas postagens, já desmentidas pela própria plataforma, é de que a proteção impede a respiração do usuário, o que gera resistência ao uso por parte da população (AOS FATOS, 2020). Este discurso, que parece já propor uma postura acerca da pandemia e suas medidas protetivas, é ressignificado pelo movimento antirracista. No momento em que George Floyd é imobilizado pelo agressor branco e este apoia seu joelho no pescoço do homem contido, Floyd pronuncia mais de vinte vezes *“I can’t breathe”*; mesma fala de Eric Garner em semelhante circunstância.

Partindo desta grotesca e trágica similaridade entre os casos, nesse discurso, a construção do silêncio está em um duplo movimento: o dizer não diz respeito somente às vésperas das mortes, do silenciar de Floyd e Garner, diz respeito, metaforicamente e de maneira simbólica, ao sufocamento social, ao silenciamento que a comunidade negra sofre dia após dia.

Presentemente, o interdiscurso, a saber, a relação que se estabelece entre discursos em paradigmas históricos e ideológicos no seio das lutas de classe, ali é de que há uma tendência supremacista que pouso o negro e todas as manifestações identitárias de grupo em situação passível de agressão e limitada existência, um manifesto de que não há espaço fornecido para a participação do preto na comunidade.

## SD2: VIDAS NEGRAS IMPORTAM

Ao importarmos e traduzirmos o *Black Lives Matter* para o Brasil, no sentido não literal apenas de tradução, mas também de filiação ideológica e histórica, pelos mesmos problemas e lutas, o movimento *Vidas Negras Importam* possui seu efeito de sentido apoiado, também, em outras relações com a história, desta vez, nacionais. Não há dúvidas de que o discurso caminha em direção contrária as marcar de uma elite brasileira que

implementou políticas públicas fundadas no racismo científico e no darwinismo social, buscando o “embranquecimento” e “fortalecimento” da população, substituindo o perfil étnico miscigenado pelo perfil branco europeu através de imigrantes (DOMINGUES, 2007, p. 120).

Certamente, episódios e conceitos históricos que refletem em parte dos comportamentos reacionários e preconceituosos atuais. É com o desígnio de silenciar esses discursos que os militantes de junho recuperam enunciados já proferidos pelo Movimento Negro Brasileiro.

O discurso de que *vidas negras importam* é puramente imbricado de matizes ideológicos e seu uso corresponde a esta lógica, estabilizada dentro do movimento, mas que ao ser levada ao palco de outras práticas sociais e discursivas não alinhadas ao movimento ganha contorno de algo que quebra um logicamente estabilizado qual seja, chamar a atenção para algo latente e sensível, que poucos se dão conta, que é o massacre e opressão sistêmica da população nas relações cotidianas ao redor do mundo.

O discurso e a ideologia se articulam e se afetam em uma relação recíproca, pois “é na linguagem que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 2001, p. 38). Com efeito, o discurso é empunhado por sujeitos que produzem discurso, uma relação entre sentido e pessoa. O indivíduo que traz o discurso é trabalhador, oprimido, militante e negro.

O que está em silêncio aqui, ou seja, tácito, implícito, e presente pela ausência na formulação do dizível, é que há um genocídio social dos negros e não das pessoas brancas, porque estas importam. A reivindicação é que vidas negras também importam. João Pedro, Miguel, George Floyd, ou mais recentemente João Alberto Freitas, e inúmeras outras vidas pretas perdidas pela truculência, descaso e pelo racismo estrutural se corporificam na Sequência Discursiva, seja nas poucas palavras ou no silêncio entre elas.

O mesmo se percebe no cartaz a seguir:

Figura 1: Ato Vidas Negras Importa, em Brasília no dia 07 de junho de 2020.



Fonte: Twitter<sup>11</sup>

Neste recorte analítico trazido, vislumbramos claramente o corte histórico na construção de sentido. Em tempo de pandemia, muito tem se falado na parcela da população que precisa de intensivas medidas protetivas contra o novo vírus, os chamados “grupos de risco”: população vulnerável, pessoas com idade superior a 60 anos, pessoas com comorbidades de base (com doenças cardiovasculares ou diabetes, doença pulmonar crônica, doença cerebrovascular, câncer), população em ambientes públicos, como supermercados e igrejas, entre outros (OMS, 2020. p. 8). Ao se tratar do “racismo pandêmico”, este estrutural, reproduzido através de anos e que molda comportamentos, o grupo vulnerável é outro. O interdiscurso ali, logo, o que está silenciado, também é a chacina do povo negro, por conta da violência policial e o descaso do governo, de inclinações racistas.

### SD3: *NOVEMBER IS COMING* (NOVEMBRO ESTÁ CHEGANDO)

Vejamos essa outra Sequência Discursiva. Em direção à defesa dos direitos civis, toda movimentação a partir da morte de Floyd, abriu espaço

---

<sup>11</sup> Disponível em: < <https://twitter.com/login?lang=pt> >. Acesso em 05/07/2020.

para reivindicações políticas. Destas pretensões, uma subsequência de dizeres, intenciona sentido contrário e reprovador aos discursos conversadores constantemente afirmados pelas autoridades máximas dos EUA.

Tomamos a imagem<sup>12</sup>, retirada do site [www.gettyimages.com](http://www.gettyimages.com).

*Figura 2: Protesto em Manhattan, Nova York, no aniversário de Donald Trump*



*Fonte: Getty Images.*

O interessante aqui, e importante ressaltar, é a reestruturação de um discurso já pronunciado há algum tempo por Martin Luther King Jr.<sup>13</sup>. Se o efeito de sentido recebe essa interpretação, é sinal de que, a valer, há uma memória nômade no imaginário norte-americano, sobretudo da comunidade negra, com relação ao voto. O aviso de que *novembro está chegando* (tradução nossa), sugere uma ameaça a ideologia que governa os Estados Unidos, dado que o mês corresponde às eleições presidenciais no

---

<sup>12</sup> Disponível em <[www.gettyimages.com](http://www.gettyimages.com)>. Acesso em 10/08/2020.

<sup>13</sup> Pastor batista negro e ativista social estadunidense que desempenhou papel fundamental no movimento dos direitos civis dos Estados Unidos em meados de 1950. King recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964 por contribuir na criação da Lei dos Direitos Civis e a Lei dos Direitos de Voto. Trabalhou na organização da Marcha de Washington por Emprego e Liberdade, que teve a presença de cerca de 200 a 300 mil participantes. Foi nesta mesma Marcha que o famoso discurso "Eu tenho um sonho" foi feito. King foi assassinado a tiros na noite de 4 de abril de 1968 (HISTORY, 2009).

país. Desse modo, o texto traz o efeito que exala uma pressuposição de que o presidente que ocupa a Casa Branca, Donald Trump, ameaça e é adverso aos ideais almejados pelo movimento e não corresponde ao perfil ideológico desejado para futuro presidente.

A construção discursiva parafraseia uma expressão popularizada por uma série americana recente, “*Winter is coming*” de *Game of Thrones*<sup>14</sup>. O desdobramento meta-enunciativo colabora na construção de sentido. Se equipararmos os versos originais com o discurso do cartaz, verificamos a recuperação da estrutura sintática de “aviso”: não se trata dos “Caminhantes Brancos” que ameaçam a estabilidade de um reino, como é no seriado, são indivíduos empunhados por ideologia que se apresentam politicamente e ameaçam a crença de uma soberania racial e posições políticas que não refletem os mesmos ideais. O silenciado é a eleição, próxima de acontecer, a possibilidade do declive da presidência supremacista.

A marcha que até então possuía seres sobrenaturais fictícios, agora é uma versão atual do memorável manifesto em defesa aos direitos civis negros estadunidenses, a Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade. De mesmo modo, a menção ao enunciado original não é transparente, o que permite afirmar que tal anexação discursiva é eleita apenas se o codenunciado dispor de tal repertório norte-americano.

#### SD4: PELA NOVA DEMOCRACIA

Outro episódio em questão, que bem ilustra a filiação de sentidos defendida por Orlandi (2001), é a faixa levada por integrantes durante manifestação na cidade do Rio de Janeiro em 08 de junho.

Imagem na página seguinte:

---

<sup>14</sup> *Winter is coming* foi o nome do primeiro episódio da série *Game of Thrones* exibido originalmente pelo canal HBO nos Estados Unidos em 2011. Adaptado da obra de George R. R. Martin, o episódio retrata a lenda dos *Caminhantes Brancos*, exército de criaturas humanoides de gelo que migram em direção aos impérios no inverno. A expressão passou a ser utilizada na série como perigo eminente de invasão aos reinos e ameaça aos reinados. A série foi muito popular nos Estados Unidos até 2019, ano de encerramento.

Figura 3: Ato antirracista na Praça Pio X, centro da cidade.



Fonte: Mídia Ninja<sup>15</sup>

Nesta Sequência, a cor vermelha no fundo da faixa está correlacionada historicamente a posicionamentos revolucionários, sobretudo, expressadas como de esquerda. O que já orienta uma leitura da direção política ideológica que se faz da elocução. Já a cor branca das palavras, também fornecida pela historicidade cromática, indica a positividade proveniente das convicções defendidas. É essa relação com a exterioridade que atribui sentido e afeta o sujeito em sua parcialidade política, movendo-o pela história através de dizeres referenciais. Ao observarmos a intimação por uma nova democracia que inclui a todos, e não exclui os negros massacrados pelos moldes do sistema político atual, o discurso propõe o silenciamento da corrente democracia na qual carece de atuação preta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, assim, mediante a análise das Sequências Discursivas (SD) dos protestos iniciais de 2020, paridade dos implícitos nos *corpus*

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://midianinja.org/>>. Acesso em 13/08/2020.



*internacional e corpus nacional*, ou seja, a intimação para que se cumpram direitos básicos é ponto de encontro discursivo entre o Brasil e os Estados Unidos, além de índice para um comportamento racial opressivo, alastrado no tempo, pela trajetória historial dos dois países.

Neste sentido, ao se pensar o conjunto de formulações revividas, ora por memória curta, ora por memória longa, como é dissecado por Orlandi (2001), especula-se uma elocução institucional trajada no perfilamento do sujeito negro, o que mais à frente, catalisada pela crise sanitária mundial, culminaria no levante *Black Lives Matter*.

Levante este que se ampara em discursos parafraseados (PÊCHEUX, 2009), seja do Movimento Negro Brasileiro, cuja atuação buscava projetar o negro em cenário sociopolítico, seja da luta norte-americana pelos direitos civis ritmados por atores sociais negros, entre eles, Martin Luther King. Tais dizeres, que possibilita as formas-sujeito caminharem pela história ideológica, são referências ilusórias, aparentemente autorais, descritas por Michel Pêcheux (2009) com esquecimento enunciativo e esquecimento ideológico.

Fundamentados também na Teoria do Silêncio de Orlandi (2007), sobretudo na política constitutiva do silêncio, entende-se que o movimento de discursar tais palavras, foi preciso silenciar outras, cujos sentidos não cabiam ali. O discurso proposto pelo movimento, que deriva dizeres como *Pela nova democracia* e *November is coming*, avigora o poder político das reivindicações em prol das vidas negras.

Não sendo o caso Floyd e João Pedro como fatos isolados, *I can't breathe*, lançam suposições de quais sujeitos, étnicos, seriam os alvos da brutalidade policial e o status inviolável do indivíduo branco, delegado institucionalmente pela história.

Testemunhamos, desta forma, nos poucos exemplos desafiados, a relação indissociável da linguagem com a ideologia. De tal maneira, abraçamos que nosso ato de discursar é uma movimentação em direção às posições políticas. No caminho, revisitamos o passado no gesto de forjar análises, descrições e interpretações de alguns discursos do *Black Lives Matter*.

Ao final, vimos o manifesto encontrar em Eni Orlandi (2001, 2007), bem como na Análise de Discurso, aporte teórico para afirmar a sua validade política, além de reforçar nossos estudos no campo discursivo.

## REFERÊNCIAS

@daniasssis (Danielle Assis). **Grupo de risco é ser preto.#VidasNegrasImportam** . Twitter. 2 jun. 2020. 11:03. Disponível em: <<https://twitter.com/daniasssis/status/1269631074071707655?s=08>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

@MidiaNINJA (Mídia NINJA). **Parem de nos matar! Milhares nas ruas do Rio de Janeiro durante ato antirracista. Sem justiça, sem paz** . Twitter. 8 de jun. de 2020. 12:19. Disponível em: <<https://twitter.com/furad0g/status/1267637900834897922?s=19>>. Acesso em: 7 ago. 2020.

BARONAS, R. L.; PONSONI, S. Equívocos e contradições na argumentação discursiva: processos de emersão do silêncio em casos das mídias digitais brasileiras. **Signum: Estudos da Linguagem** , Londrina, v. 22, n. 1, p. 9-26, abr. 2019. DOI: 10.5433/2237-4876.2019v22n1p9. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/35730>>. Acesso em: 15 set. 2020.

BARRETO, R. Partido dos panteras negras, história, gênero e poder. **Fronteiras & Debates** Macapá, v. 5, n. 1, p. 189-191, jan./jun. 2018. DOI: 10.18468/fronteiras.2018v5n1.p189-191. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/download/4524/raquelv5n1.pdf>>. Acesso em: 25 de set. 2020.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, vol.12, n.23, p.100-122, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>>. Acesso em: 15 set. 2020.

ERIC Garner dies in NYPD chokehold, **History**, [S.I.], 15 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.history.com/this-day-in-history/eric-garner-dies-nypd-chokehold>>. Acesso em: 4 set. 2020.

FRANCO L. Caso João Pedro: quatro crianças foram mortas em operações policiais no Rio no último ano. **BBC News Brasil** ,[S.I.], 20 maio 2020.

Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-52731882>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

GAME of Thrones. Direção de David Benioff; Woody Allen; D. B. Weiss. Produção de Mark Huffam. *et al.* Burbank: Warner Bros. Television. 2011 - 2019. Disponível em: plataforma de streaming HBO GO.

GEORGE Floyd Protest Donald Trump Birthday Protest - New York City. **Getty Images**, [S.I.], 8 jun. 2020 Disponível em: <<https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/caucasian-protester-wearing-a-mask-holds-a-fotografia-de-not%C3%ADcias/1249702243>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

GEORGE Floyd: What happened in the final moments of his life, **BBC News**, [S.I.], 16 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52861726>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Orientação sobre o uso de máscara no contexto da COVID-19**, [S.I.], 5 jun. 2020. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/52254>>. Acesso em: 12 set. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise De Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PIRES, B. ‘Vidas negras importam’ chacoalha brasileiros entorpecidos pela rotina de violência racista. **El País**, São Paulo, 7 jun. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/vidas-negras-importam-chacoalha-parcela-de-brasileiros-entorpecida-pela-rotina-de-violencia-racista.html>>. Acesso em: 13 set. 2020.

TAYLOR, K. O surgimento do movimento #blacklivesmatter. Tradução de Maira Mee Silva e Deivison Mendes Faustino. Revisão de Renata Gonçalves. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.22 n.40, p.108-123, jan./jun. 2018.

TRAYVON Martin Shooting Fast Facts, **CNN**, [S.I.], 1 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-30207808>>. Acesso em: 4 set. 2020.

## CAPÍTULO IV

---

# O JORNALISMO AMBIENTAL NA REDE SOCIAL: UMA ANÁLISE DO ESTADÃO NO *INSTAGRAM*

Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini

Igor Aparecido Dallaqua Pedrini

Rafael Vasconcelos de Aguiar

## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por intenção fazer um levantamento de temáticas ambientais postadas na rede social *Instagram* do jornal O Estado de São Paulo, também conhecido como Estadão, no primeiro bimestre de 2020. O objetivo foi verificar e mensurar fotos com conteúdos que apresentem os preceitos de jornalismo ambiental na página da publicação paulista, no intuito de refletir sobre a inserção de pautas verdes no jornalismo cotidiano.

Para tanto, num primeiro momento discute-se, por meio de autores da área, as diretrizes de jornalismo ambiental, entre elas, a visão holística, pluralidade de vozes e amplitude das matérias, assim como levantou-se o histórico do jornal Estadão no *Instagram* e seus principais conteúdos postados.

Para a investigação foi realizado o processo metodológico de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011), em que se podem categorizar as matérias referentes à temática ambiental. Ao todo foram 8 categorias divididas em: Incêndios na Austrália, Animais, Chuvas, Mudanças Climáticas, Mineradora Vale, Plantas, Povos Indígenas e Canudinhos em São Paulo. No total, as imagens de cunho ambiental postadas geraram 16.520 comentários, mostrando grande interatividade dos leitores e o interesse por assuntos ambientais. Uma das matérias mais comentadas (com duras críticas) foi a reprodução da fala do Presidente da República, Jair Bolsonaro, sobre os povos indígenas. No dia 24 de janeiro de 2020, o chefe do executivo afirmou que: “Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós”, trazendo à tona o preconceito racial e seus desdobramentos.

As pautas verdes postadas nas fotografias do Estadão no *Instagram* mostram que gradativamente esse segmento tem tido interesse do público leitor, com o conteúdo factual marcando presença nas redações dos grandes veículos. Dessa forma, desastres ambientais (como por exemplo, as chuvas em SP e incêndios na Austrália) começam a aparecer com frequência no noticiário, inclusive sendo critério de noticiabilidade.

## OS PRECEITOS DO JORNALISMO AMBIENTAL

O Jornalismo Ambiental tem se tornado progressivamente mais perceptível tanto em mídias tradicionais quanto nas alternativas. A especialidade ganhou notoriedade nos últimos anos com a maior visibilidade na imprensa e, também, por conta de inúmeros pesquisadores debruçados na área, que contribuem de forma a difundir a modalidade nas redações.

O termo surgiu no Brasil a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio-92. De lá para cá esse tema têm sido critério de noticiabilidade com frequência, seja com foco para a educação ambiental ou em tragédias ambientais. Estas últimas têm se intensificado progressivamente com a globalização e a vida do homem contemporâneo.

No Brasil, autores como Girardi, Massierer e Schwaab (2006) e Bueno (2007) foram os primeiros pesquisadores a discutirem sobre a especialidade jornalística mesclando conhecimentos sobre o meio ambiente, sustentabilidade e jornalismo. É certo de que a cobertura ambiental possui um *modus operandi* próprio (MONTEIRO, 2015), muito peculiar e que justifica hoje até a existência de preparação universitária na área (TRIGUEIRO, 2008). A definição de jornalismo ambiental por Bueno (2007) remete às ideias gerais que devem ser consideradas sobre a prática. Segundo o autor, jornalismo ambiental é: “O processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado” (BUENO, 2008, p. 109).

De acordo com Bueno (2007) este segmento de jornalismo cumpre importante papel ao envolver uma visão complexa e holística do assunto, compreendendo o todo social. Para o autor, o jornalismo ambiental executa três funções: a informativa, a política e a pedagógica.

De uma forma bastante resumida, tentaremos sintetizá-las. A informativa é aquela inerente ao campo jornalístico, com compromisso à verdade e ao acesso à informação, engajada e de interesse público. A política (não em uma visão partidária ou institucional) capacita o sujeito para o exercício da cidadania e por fim a educativa enxerga o jornalismo e os jornalistas como agentes da transformação social e de uma vida mais digna à população. É fazer o público compreender a relação de suas práticas cotidianas com as crises ambientais existentes no mundo pós-moderno.

“O jornalismo ambiental deve construir seu próprio *‘ethos’*, ainda que compartilhe parcela significativa de seu DNA com todos os jornalisimos (especializados ou não), que se praticam por aí”. (BUENO, 2007, p. 29)

Esta modalidade de jornalismo também é motivada por um desejo de mudança das realidades ambientais. A prática da especialização deve implicar uma ação mobilizadora para que atitudes sejam tomadas e comportamentos moldados em prol do meio ambiente (LÜCKMAN, 2008). Por isso, ele é um jornalismo engajado (FROME, 2008) e comprometido com o oferecimento de uma educação ambiental, necessária para a construção de uma sociedade conscientizada (LÜCKMAN, 2008).

Vale destacar ainda algumas características da prática do jornalismo sobre meio ambiente, são elas: a visão sistêmica e holística; o caráter científico e multidisciplinar; a centralidade da voz do cidadão; a educação ambiental; e o engajamento do repórter.

Segundo Bueno (2008), a visão sistêmica no jornalismo ambiental refere-se à compreensão dos fatos e dos personagens dos fatos inseridos em um sistema, o que remete a interconexões entre todos os elementos da natureza, incluindo a humanidade. “As pessoas, a natureza, o meio físico e biológico, a cultura e a sociedade estão umbilicalmente conectados” (BUENO, 2008, p. 109).

Frome (2008) defende a prática do jornalismo ambiental de forma aberta e honesta, que serve de interesse à natureza e à humanidade,



incluindo sentimentos dos repórteres e seus desejos de transformar os quadros das questões ambientais.

Assim, pode-se dizer que o *ethos* do jornalista ambiental, a forma como ele se apresenta, integra o ser humano à questão ambiental e torna visível sua relação com o meio ambiente e a sociedade, a partir de uma visão sistêmica, inter e multidisciplinar, sejam naturais, sejam sociais, políticos e/ou econômicos.

## O ESTADÃO NO *INSTAGRAM*

O jornal O Estado de S. Paulo foi fundado em 4 de janeiro de 1875, ainda durante o Império, com o nome de "A Província de S. Paulo". Somente em janeiro de 1890, após o estabelecimento de uma nova nomenclatura para as unidades da federação pela República, receberia sua atual designação. "O Estado de S. Paulo" é o mais antigo dos jornais da cidade ainda em circulação.

Com o espaço que a internet foi ganhando ao longo dos anos, o Estadão também aderiu à tendência. Em maio de 2000, ocorreu a fusão dos sites da "Agência Estado", "O Estado de S. Paulo" e o "Jornal da Tarde", resultando no portal *estadao.com.br*, veículo informativo em tempo real. Em janeiro de 2003, o portal Estadão superou a marca de um milhão de visitantes mensais, consolidando sua posição de liderança em consultas a veículos de jornalismo digital no Brasil. Sendo um jornal impresso tradicional em todo território brasileiro, com o aparecimento da internet, o veículo sofreu com a perda de assinatura e vendas.

Atualmente, alguns jornais disponibilizam todo seu material publicado na versão impressa também nas redes, em *sites*, *blogs*, entre outros, com acesso para todas as pessoas, já outros liberam seus conteúdos apenas para assinantes e há ainda os que só oferecem no *site* algumas matérias, porém, todos usam a internet como ferramenta de interação.

Acompanhando a onda digital, o Estadão não ficou atrás e investiu para a convergência midiática. Várias mídias podem ser encontradas na internet (Jenkins, 2008), entretanto, não é um processo que aconteceu repentinamente, até porque ainda está em curso. É uma tendência que já

chegou ao Brasil, a partir das experiências de empresas estrangeiras e seguidas pelas companhias nacionais.

Dessa maneira, o Estadão encontrou uma forma de ficar mais perto de seus leitores e, em março de 2012, o jornal entrou para o *Instagram*. Hoje, o perfil do jornal possui 1,7 milhões seguidores e 19,3 mil imagens postadas.

O aplicativo *Instagram* chegou para o público em outubro de 2010, sendo desenvolvido pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e Mike Krieger, de acordo com o *site* TechTudo. A intenção desses engenheiros era resgatar a ideia das câmeras Polaroids - câmeras fotográficas de filme, cujas fotografias eram reveladas no ato do disparo - e trazer para a modernidade dos softwares a foto instantânea.

Para o *Instagram* ser utilizado, o usuário precisa fazer o seu *download* na *Apple Store* ou *Play Store*, que são lojas virtuais que hospedam uma variedade de aplicativos desenvolvidos para as plataformas *iOS* e *Android*. O *download* do *Instagram* é gratuito, o que permite um acesso maior de pessoas. Depois de baixado, o arquivo contendo o aplicativo é instalado no aparelho celular, pois só assim é possível utilizá-lo. Logo em seguida, é necessário criar uma conta, fornecendo dados como o nome completo, e-mail e escolher um nome de usuário e senha. A partir disso, está permitida a postagem de fotos, acesso aos perfis de outros usuários e possibilidades de interatividade.

## METODOLOGIA

Com o intuito de consubstanciar as argumentações a serem expostas, servem de análise as fotos postadas e selecionadas no perfil do Estadão no *Instagram*, no primeiro bimestre de 2020. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (2003), trabalha com o universo de crenças, valores e significados que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Refere-se a uma pesquisa documental, já que implica na coleta de dados em documentos de fontes primárias.

A pesquisa documental corresponde a toda informação coletada, seja de forma oral, escrita ou visualizada. Ela consiste na coleta, classificação, seleção difusa e utilização de toda a espécie de informações, compreendendo também as técnicas e os métodos que facilitam a sua busca e a sua identificação. (FACHIN, 2006, p. 146)

Foi realizado levantamento bibliográfico sobre questões que permeiam os preceitos do jornalismo ambiental, assim como a questão da convergência midiática, redes social, o *Instagram* e sua funcionalidade, entre outros aspectos considerados relevantes para a fundamentação teórica deste trabalho.

Em seguida, houve a categorização das imagens pelo método da análise de conteúdo, proposto por Bardin (2011), uma vez que serão verificadas as temáticas ambientais das postagens no *Instagram* do Estadão, dentro do período proposto.

Neste sentido, a análise de conteúdo é uma hermenêutica controlada baseada na dedução: a inferência. A análise de conteúdo se constitui num conjunto de instrumentos metodológicos que serve para inferir conteúdos implícitos e explícitos de um texto. (CARMO-NETO, 1996, p. 404)

O mapeamento dos conteúdos postados na rede social do jornal no período determinado foi feito através de uma análise do perfil, utilizando-se os conhecimentos prévios da área de jornalismo ambiental. Após tal análise, foram criadas categorias por assuntos em comuns e feito a porcentagem levando-se em consideração o todo do material publicado no *Instagram*.

## ANÁLISE DAS FOTOS DE CUNHO AMBIENTAL POSTADAS NO *INSTAGRAM* DO ESTADÃO

Considerando como base a imagem fotográfica, enquanto registro dos tempos e provas das transformações urbanas, ela pode ser um importante instrumento de pesquisa e análise do comportamento do ser humano diante do mundo em que se insere. Pois, ao considerar a fotografia como fonte de investigação, o espectador é direcionado para o campo das criações e produções humanas e valoriza os registros feitos pelo homem

como uma visão sensível do mundo, permitindo a compreensão de seus significados.

Dentro desta perspectiva, a fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios, e por outro, atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar. (MAUAD, 1996, p. 04)

A fotografia atua como intermediária de uma realidade e auxilia no seu entendimento. Além do mais, também contribui para a perpetuação e atualização do imaginário em relação ao mundo em que vive. Visualizar uma fotografia e assimilar seus conteúdos é uma maneira de ampliar o repertório de imagens mentais sobre o mundo. Ela consegue capturar parte da vida, em seus espaços e tempos, as espacialidades e temporalidades urbanas que dizem do cotidiano que ali ocorre. Segundo Lúcia Santaella e Winfried Nöth, quando fotografa,

[...] o fotógrafo o faz em função do canal em que sua foto será distribuída, quer dizer, em função de determinada publicação científica ou não, determinado jornal, revista determinada exposição ou, simplesmente, em função do seu álbum particular. (SANTAELLA; NÖTH, 2001, p. 124)

Durante o período de análise, no primeiro bimestre de 2020, foram encontradas 29 fotos de cunho ambiental divididas em 8 categorias, sendo elas: Incêndios na Austrália (6 fotos); Animais (9 fotos); Chuvas (5 fotos); Mudanças Climáticas (4 fotos), Mineradora Vale (2 fotos), Plantas (1 foto); Povos Indígenas (1 foto) e Canudinhos em SP (1 foto). A seguir, será analisada cada uma de tais categorias.

## TABULANDO OS RESULTADOS

*Tabela 01:* Temas ambientais do primeiro bimestre de 2020 no Instagram do Estadão

<b>Categorias</b>	<b>Nº de fotos</b>	<b>Nº de comentários</b>	<b>Nº de curtidas</b>
Incêndios na Austrália	6	2.940	72.662
Animais	9	5.670	130.512
Chuvas	5	963	39.431
Mudanças Climáticas	4	3.516	75.525
Mineradora Vale	2	1.109	18.571

Plantas	1	272	5272
Povos Indígenas	1	1.290	6.351
Canudinhos em São Paulo	1	760	19.551
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>16.520</b>	<b>367.875</b>

Fonte: Instrumento de pesquisa

## INCÊNDIOS NA AUSTRÁLIA

Esta categoria apresentou seis matérias sobre o desastre ambiental com incêndios na Austrália, entre os dias 02 e 13 de janeiro de 2020. As fotos traziam cenas das queimadas, com cidades destruídas e resgates de animais silvestres como os *wallabies* e cangurus.

A imagem que recebeu maior quantidade de curtidas (25.362) e 999 comentários foi a de um coala recebendo água em uma seringa. Com um sentimento de consternação, a foto impactante traz uma legenda explicando sobre o santuário dos animais que foi destruído e a importância da sobrevivência da espécie para o meio ambiente e população daquele local.



Portanto, nesta matéria se percebe a preocupação não apenas de noticiar o factual sobre os incêndios na Austrália, mas também apresentar uma visão holística em abordar a importância daquele animal para a região.

Nesse sentido, “o olhar holístico (do grego *holos*) remete à totalidade, chamando-nos a olhar a realidade articulando as partes no todo, no qual tudo é um processo dinâmico e único” (GIRARDI; MASSIERER; SCHWAAB, 2006, p. 10). Além disso, outro fator perceptível é a politização da catástrofe ambiental no país. Em duas das postagens são noticiadas a insatisfação da população com o governo do primeiro-ministro australiano frente aos incêndios. A primeira delas retrata que o político estava em férias no Havaí enquanto o país já sofria com as queimadas, sendo ele hostilizado quando retorna e decide visitar os locais devastados. Já a outra notícia novamente apresenta a inércia do governo, que pressionado pela população acabou convocando militares da reserva para ajudar na contenção do fogo.



Curtido por **joaoabel\_** e milhares de outras pessoas  
**estadao** 🔥 FOGO: Ao menos 20 pessoas morreram, dezenas são consideradas desaparecidas e mais de 1.300 casas foram reduzidas a cinzas desde o início da temporada de incêndios na Austrália. Em dezembro, o líder Scott Morrison saiu de férias e foi para o Havaí. Nesta quinta, a situação de Morrison se agravou durante visita à cidade Cobargo, no litoral sul. Ele foi vaiado, em particular por uma jovem mãe



Curtido por **barbara\_pereira** e milhares de outras pessoas  
**estadao** EM CHAMAS 🇦🇺 Para ajudar a combater o fogo que não dá trégua, o governo australiano convocou homens da reserva 🇦🇺🇦🇺🇦🇺 A medida veio como resposta às críticas da população sobre ações para controlar os incêndios que já mataram meio bilhão de animais, segundo estimativas de especialistas. Mais de 100 mil moradores já



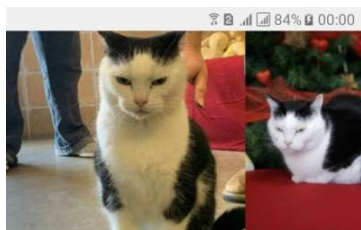
A partir destes exemplos, podemos entender a importância do jornalismo ambiental, que conforme Bueno (2007):

Incorpora também uma vigilância permanente com respeito à ação dos governantes que, por omissão ou comprometimento com os interesses empresariais ou de grupos privilegiados da sociedade, não elaboram e põem em prática políticas públicas que contribuem efetivamente para reduzir a degradação ambiental. (BUENO, 2007, p. 36)

Por estas razões, muitas vezes cabe ao jornalismo ambiental jogar luz à falta de interesse do poder público em resolver questões ambientais. Desta forma, em diversas ocasiões acabam sendo descobertos casos de corrupção ou questões comerciais que são as causas da indiferença governamental com o meio ambiente. Logo, é possível perceber o papel político exercido por este segmento de jornalismo, capaz de influenciar decisões em altas esferas do poder.

## ANIMAIS

Esta categoria foi a que apresentou a maior porcentagem de matérias



Curtido por [barbara\\_pereira](#) e milhares de outras pessoas

**estadao** PIOR GATO DO MUNDO 🐱 Um abrigo de animais americano diz que o 'pior gato do mundo' está disponível para adoção. A gata Perdita não curte cachorros, crianças, filmes da Disney e Natal, mas gosta de se esconder, fingir ser doente e 'olhar dentro de sua alma até que você sinta que nunca mais estará alegre de novo'. "Ela é solteira e pronta para ser socialmente desajeitada com um humano socialmente desajeitado que entende o espaço pessoal", diz o comunicado. Até o momento, já foram enviadas mais de 50 solicitações para adotá-la. E você? encarava esse felino? 🐾 Leia a cobertura completa no @emaiseestado  
(📍: Facebook/ MitchellCountyAnimalRescue)

Ver todos os 955 comentários



postadas no *Instagram* do jornal. Tal fato já demonstra a preocupação com a pauta *pet*. De acordo com Bueno (2008), é sugestivo perceber como a mídia se interessa por pautas que de alguma forma envolva animais, seja os que estão em extinção ou os que sofrem algum de tipo mau trato. Portanto, a categoria rendeu 9 fotos com 5.670 comentários. A postagem mais curtida e comentada (955) foi sobre o “pior gato do mundo” que está para adoção em um gatil nos Estados Unidos. Com enfoque em uma curiosidade e tendo o tema ambiental como pano de fundo, a imagem ganhou o público e rendeu comentários carinhosos para com o animal.

A foto de um Babuíno “imitando” a famosa cena do filme O Rei Leão, em que o personagem Simba é levantado ao alto, acumulou 792 comentários para o jornal. A situação aconteceu no Parque Nacional Kruger, na África do Sul. Mais uma vez o pano de fundo é a importante questão dos animais, que com uma imagem “fofinha” acabou caindo no gosto dos internautas.

A postagem com o título “França proíbe esmagar pintinhos vivos, prática comum na União Europeia” gerou 774 comentários de indignação e revolta dos leitores do Estadão no *Instagram*. Isso se justifica por essa ser uma “tradição francesa” desconhecida no Brasil e que suscitou nos leitores de alguma forma aversão a esse comportamento dos europeus.



Babuíno 'imita' cena de 'Rei Leão' ao carregar filhote

👍 💬 📌

Curtido por **bazzan.alexandre** e **milhares de outras pessoas**

**estadão** NANTS INGONYAMA BAGITHI BABA 🐼 Uma cena no Parque Nacional Kruger, na África do Sul, foi comparada com um trecho do filme 'Rei Leão'. Um babuíno salvou um filhote de leão que estava cercado por um grupo de babuínos, e cuidou do pequeno como se ele fosse sua cria. Idêntico, né?! 🐼 Não se sabe qual o paradeiro atual do filhote, mas

🏠 🔍 + ❤️ ●



França proibirá esmagar pintinhos vivos. prática comum na União Europeia

👍 💬 📌

Curtido por **joaoabel\_** e **milhares de outras pessoas**

**estadão** PROIBIÇÃO 🐣 A França proibirá, a partir de 2021, esmagar pintinhos vivos, uma prática controversa, mas que se estende pela indústria avícola na UE. A cada ano, cerca de 50 milhões de filhotes machos são sacrificados poucas horas depois de nascer no País, uma vez que a indústria avícola não considera rentável alimentá-los. O ministro da Agricultura, Didier Guillaume também

🏠 🔍 + ❤️ ●



Tendo esse caso como exemplo, podemos citar o que Girardi, Massierer e Schwaab (2006) falam sobre a função do jornalismo, que está além de gerar conhecimento, mas também de provocar o debate. Os autores ainda apontam que despertar a reflexão do público é uma atividade pertencente à profissão do jornalista, e que ao tratar da temática ambiental traz junto uma enorme responsabilidade, pois lida com questões diversas e muitas vezes contraditórias.

## CHUVAS

As tradicionais matérias sobre o período de chuvas no início de cada ano já é de se esperar na mídia brasileira. A época é propícia para tragédias ambientais e impactos no homem, não sendo diferente em 2020. O jornal *O Estado de São Paulo* noticiou nos dias, 29/01 e 10/02, matérias sobre os estragos ocorridos pelas chuvas nas cidades de São Paulo (SP) e Belo Horizonte (MG). Ao todo, o tema “chuvas” rendeu 963 comentários.

Entre as publicações do dia 10 de fevereiro de 2020, é interessante destacar que uma em especial apresenta uma trilogia de fotos explicando sobre o que fazer em caso de tempestade. Para Bueno (2008, p.35), essa “função pedagógica diz respeito à explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos (que incluem necessariamente a participação dos cidadãos) para a superação dos problemas ambientais”. Dessa maneira, o conteúdo da postagem faz exatamente isso e traz assim os preceitos do jornalismo ambiental, pois além de informar também instrui, ensinando os leitores sobre o que fazer caso se deparem com uma situação de risco, uma instrução focada na questão da cidadania.



Curtido por julianaggio e milhares de outras pessoas  
estadoo O QUE FAZER EM CASO DE TEMPESTADE  
Índices recordes de chuva paralisaram a cidade de São Paulo nesta segunda-feira. A cidade ainda enfrenta diversos pontos de alagamento, deslizamentos e caos no trânsito. Para ajudar os leitores a encararem o caos na capital, preparamos uma série de materiais que mostram quais são as regiões mais críticas do município, o que fazer caso



Outra foto de destaque é a sequência que mostra a quantidade recorde no volume de chuvas na capital paulista, a maior em quase 40 anos para o mês de janeiro. Com 180 comentários e 12.867 curtidas.



Esta postagem usou ao final um artifício moderno de interação entre veículo de imprensa e o público, quando pede ao leitor que responda via mensagem direta sobre como está à situação de seu bairro, mande vídeos e relatos sobre o assunto, com a intenção de repostá-lo. Isso se encaixa na definição de cultura participativa, sendo ela um tipo de “cultura em que fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos” (JENKINS, 2008, p. 386).

## MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O tema “Mudanças Climáticas” também se sobressaiu no jornal ao longo do período de análise (primeiro bimestre de 2020), tendo como conteúdo 4 matérias, conquistando ao todo 3.516 comentários. A imagem que ganhou o gosto dos leitores foi a do frio de -40° C no Canadá, conteúdo do dia 18 de janeiro, em que moradores do país publicaram em suas redes sociais vídeos de um prato de macarrão congelando na sacada de uma casa. Esta postagem no Estadão soma 2.329 comentários de internautas brasileiros se divertindo com a pauta inusitada.



A alta quantidade de comentários nesta última foto mostra que a cultura participativa na mídia está realmente sendo possível no mundo atual. Esta cultura de hoje, “contrasta com as noções mais antigas sobre passividade dos espectadores dos meios de comunicação” (JENKINS, 2008, p. 30). Percebe-se que o jornalismo ambiental consegue engajamento e interação do público quando opta por mesclar a temática com o segmento do entretenimento. Deste modo, fugindo da tradicional cobertura

burocrática, acaba atraindo um público que normalmente não se interessaria pela pauta verde.

Em outra matéria, uma imagem impactante mostra o transbordamento do Rio Pinheiros, em São Paulo, e traz uma fala do Secretário de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado, Marcos Penido, onde afirma que a “Mudança climática não é discurso de ambientalista. Está chovendo nesta década, o que não choveu no século passado”.



A notícia sobre este transbordamento mostra a preocupação do jornal em trazer à tona a discussão e expressar a importância da conscientização, praticando, de fato, jornalismo ambiental. Conforme Bueno (2008), o debate depende de uma cobertura que proponha enxergar além das imagens, e isso o Estadão acaba fazendo ao contextualizar a imagem com dados históricos de chuvas na cidade, bem como ouvir uma autoridade especializada.

## MINERADORA VALE

As duas matérias publicadas referentes à Mineradora Vale dizem respeito aos desastres ambientais de grande proporção causados pela companhia. Um vídeo do dia 28 de fevereiro mostra o navio MV Stella Banner afundando carregado de minério e informa que a quantidade depositada no mar corresponde a três campos de futebol.

Já a outra matéria relembra 1 ano do acidente da ruptura da barragem em Brumadinho (MG), com imagens do acontecimento.



Navio com minério da Vale que afunda no oceano equivale a 3 campos de futebol



Curtido por **jooabel\_** e **milhares de outras pessoas** **estadao** AFUNDANDO — Os estragos que o meio ambiente pode sofrer caso o MV Stella Banner naufrague podem ser sinalizados pelas dimensões do navio que transporta minério da Vale. A embarcação mede 55 metros de largura, por 340 metros de comprimento, equivalente à área de mais de três campos de futebol. Ele tem capacidade para transportar mais de 300 mil toneladas de minério de



Curtido por **tqueirozl** e **milhares de outras pessoas** **estadao** BRUMADINHO 🤔 Um ano depois de tragédia que deixou 270 mortos, a cidade ainda vive o trauma. Todo mundo conhece alguma pessoa que morreu e todos foram afetados pela cidade dividida ao meio, pelo som constante dos helicópteros em busca pelas vítimas, pela própria tristeza e de seus conhecidos. Muitos foram embora. Quem ficou sofre com depressão, ansiedade, insônia e já não sente mais um senso de pertencimento por não reconhecer o local. A paisagem mudou, os vizinhos se foram. E ainda há 11 vítimas desaparecidas sob a lama ou não foram identificadas no IML. Veja a cobertura especial em [estadao.com.br](http://estadao.com.br) (📍: **Tiago Queiroz / Estadao**)

Ver todos os 50 comentários



As duas postagens desta categoria renderam 1.109 comentários e trouxe à tona o jornalismo ambiental denunciante. Nesse sentido, o profissional da mídia que trabalha com a pauta verde está inserido em um conceito de serviço social, “dá voz à luta e às demandas e se expressa com honestidade, credibilidade e finalidade” (FROME, 2008, p. 60).

No entanto, apesar do jornalismo ambiental vir cumprindo o seu papel, mostrando as consequências dos acidentes ambientais e o que deve

ser feito para evitá-los, muitas vezes a catástrofe se repete, como por exemplo, o rompimento da barragem em Mariana ocorreu antes de Brumadinho. Por outro lado, não se pode deixar de noticiar estes tristes eventos e naturalizar os desastres ambientais.

## PLANTAS

Esta categoria se fez importante para mostrar como o jornal inseriu a pauta verde de fundo em uma matéria de cotidiano. Houve 272 comentários na imagem sobre o crescimento do consumo de plantas como objetos de decoração em casas residenciais. Isso mostra o aumento da tendência de plantas nas cidades, principalmente em grandes centros.



Na atualidade, como aponta Bueno (2008), as pautas ambientais são de fato pautas multicaudernos, mesmo que na maioria dos veículos elas estejam colocadas nas editorias ou páginas de ciência e tecnologia. Contudo, exemplos como o do Estadão mostram que existe um esforço do jornalista especializado em adentrar com assuntos ambientais em editorias menos específicas e estereotipadas da temática. Isso faz com que cresça naturalmente o interesse do leitor comum pelo tema.

## POVOS INDÍGENAS

Nesta categoria, a temática ambiental se entrelaça com a indígena, uma vez que estes povos são parte de uma comunidade que tem vivido em meio à conflitos de terras, poder, meio ambiente e questões de cidadania. Como se sabe, não é possível dissociar aspectos ambientais dos povos originários, uma vez que grande parte deles vive em áreas demarcadas que há décadas vem sendo alvo de interesse de companhias e empresas de exploração.

A matéria que o Estadão destaca ganhou repercussão após um comentário do presidente Jair Bolsonaro se referindo ao povo indígena de maneira depreciativa, levantando discussões e comentários indignados dos leitores.

A polêmica fala do presidente acabou servindo para fazer com que a pauta ambiental voltasse à tona. Cumpre-se aí a função política do jornalismo ambiental, sendo ela:

A função política (aqui entendida em seu sentido mais amplo e não obviamente restrita à sua instância meramente político-partidária) tem a ver com a mobilização dos cidadãos



para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. (BUENO, 2008, p. 35)

Nos comentários da foto, diversos questionamentos ambientais foram feitos, relacionados ou não ao povo indígena. Como por exemplo, uma leitora disse: “acho que ele fala essas bizarrices para tirar o foco do que realmente importa: o crescimento alarmante da informalidade, destruição ambiental...”. Já outro, em tom categórico afirmou: “O certo é que o aprendiz de garimpeiro pretende poluir uma das maiores reservas de água doce do planeta para enriquecer alguns poucos e plantar Brumadinhos na floresta Amazônica. Pensando nos indígenas? Acorda Brasil”. Por fim, apesar do primeiro contato do leitor com a notícia ter sido por um viés negativo, no caso a fala de Bolsonaro, a sessão de comentários possibilitou um debate mais abrangente que pôde suscitar temas ambientais relevantes para o país.

## CANUDINHOS EM SÃO PAULO

O material jornalístico contido na única imagem desta categoria revela uma mudança de hábito em curso na cidade de São Paulo, ainda que de maneira imposta pelo poder público, mas que estabelece um aumento do nível de consciência ambiental da população local. Desse modo, a lei que proíbe estabelecimentos comerciais de fornecerem produtos descartáveis feitos de plástico, com destaque para o canudinho, pode ser vista como um avanço a se comemorar. Ademais, por ser a maior cidade do país e referência em diversos segmentos, a tendência é de que esta lei seja replicada em demais lugares.

A sustentabilidade tem sido pauta





recorrente na grande mídia, e até mesmo a destinação dos canudinhos gerou discussões sobre os danos que podem causar à vida animal marítima, algo impensável de questionamentos há uma década. Nesse caso, existem alternativas ao canudo plástico, como o feito de matéria-prima natural ou os biodegradáveis. Como destacam Girardi, Massierer e Schwaab (2006, p. 10), é preciso que o jornalista esteja aberto a “estabelecer conexões que expliquem o caminho para a sustentabilidade”. Seguindo os autores:

O Jornalismo pode ter seu viés ambiental, sendo agregador de conhecimentos, complexo na essência, responsável na elaboração e didático para a recepção. Não se sustenta apenas como um sistema perito, fragmentado ou cartesiano. As matérias precisam ser integradoras e compreensíveis, pois abrangem sempre um público heterogêneo, mesmo em espaços especializados. (GIRARDI; MASSIERER; SCHWAAB, 2006, p. 10)

Nesse sentido, é importante que o jornalismo ambiental utilize os artifícios necessários para atrair um público mais amplo. Com um texto menos técnico e complexo, é possível ser bem recebido e assimilado por diferentes leitores. Cabe ao profissional especializado na pauta verde enxergar as potencialidades desse segmento e o quão atrativo ele pode ser para quem o recebe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das imagens postadas no *Instagram* do Estadão no primeiro bimestre de 2020, nota-se a importância dada às pautas ambientais neste periódico tradicional. Além disso, foi possível notar os preceitos de jornalismo ambiental sendo colocados em prática na rede social do jornal. As 29 postagens feitas no *Instagram* ao longo do período analisado trabalham as diversas possibilidades do segmento verde. Dessa forma, constatamos as três funções esperadas do jornalismo ambiental: a informativa, política e pedagógica. A informativa, primordial tarefa do jornalismo, especializado ou não, foi encontrada em todas as postagens do Estadão sobre meio ambiente. Já a política, que nesse caso não se refere à partidária, foi notada em 3 imagens, sendo elas, a que cita a fala do Presidente da República sobre o povo indígena; a hostilidade ao Primeiro-

Ministro australiano pelo descaso com as queimadas no país e a Lei que proíbe o uso de materiais plásticos no comércio em São Paulo. E por fim a pedagógica, que enxerga o jornalista como agente de transformação, pode ser vista em todas as matérias do jornal, já que ao tratar de temas ambientais, intuitivamente estimula o leitor a pensar em maneiras mais sustentáveis de viver em sociedade. Como resultado dessa pesquisa, foi evidenciado que há no Estadão o interesse em apresentar o debate sobre questões do meio ambiente para seu variado público. Logo, um assunto de tamanha relevância não precisa ser limitado a espaços especializados na temática, que na maioria das vezes possui menor alcance, mas pode sim também estar em uma grande vitrine, como é caso do veículo analisado.

Através dos elementos visuais utilizados pelo Estadão, especificamente as fotos escolhidas para serem postadas em cada matéria, é possível fazer a construção de sentido do que está sendo informado, com sensações e estímulos à interação, seja nos comentários das próprias postagens ou até mesmo com alguém próximo, repercutindo com outras pessoas. Frente à questão ambiental, há a necessidade de um jornalismo que leve em conta todos os fatores e demandas que possibilite a preservação da vida no planeta. A partir disso, tomar para si o papel de catalisar a discussão sobre meio ambiente e difundir informações de maneira compreensível, tendo em vista a abrangência almejada de público.

Diferente de décadas atrás, o segmento ambiental se tornou uma realidade nas grandes redações jornalísticas e tem gerado interesse social. É um caminho sem volta, que pode contribuir para uma mudança de mentalidade sobre temas capazes de mudar os rumos da humanidade.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 6. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BUENO, W. Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa. São Paulo: Majoara Editorial, 2007.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. (In) GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MARCONDES, Adalberto

- Wodianer. *Jornalismo ambiental: desafios e reflexões*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.
- CARMO-NETO, D. G. **Metodologia Científica para Principiantes** . 3.ed. Salvador, BA: American World University Press, 1996.
- ESTADÃO. **Instagram Estadão** . Disponível em: <<https://www.instagram.com/estadao/>>. Acesso em: 20 de Setembro 2020.
- FACHIN, O. **Fundamentos metodológicos** . 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- FROME, Michael. **Green Ink: uma introdução ao Jornalismo Ambiental** . Tradução Paulo Roberto Maciel Santos. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- GIRARDI, I.; MASSIERER, C.; SCHWAAB, R. Pensando o jornalismo ambiental na ótica da sustentabilidade. *UNIrevista*, v. 1, n. 3, p.1-12, 2006.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência** . São Paulo: Aleph, 2008.
- LÜCKMAN, A. P. O Jornalismo Ambiental educa? Reflexões a partir de um estudo de recepção. (In) GIRARDI, I. M. T.; MARCONDES, A. W. **Jornalismo ambiental** : desafios e reflexões. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.
- MAUAD, A. M. **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: EDUFF, 2008.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- MONTEIRO, A. C. da S. Jornalismo e literatura: em pauta a razão, a emoção e a responsabilidade. **Revista Tropos**, volume 1, número 4, edição de dezembro de 2015.
- SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem - cognição, semiótica e mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- TECHTUDO. **Curiosidades sobre o Instagram** . 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/01/quem-e-o-dono-do-instagram-sete-curiosidades-sobre-a-rede-social.ghtml>>. Acesso em: 20 de Setembro.
- TRIGUEIRO, A. Cidades sustentáveis. (In) GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; Porto-Gonçalves, C., W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização** . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008.

## CAPÍTULO V

---

# NOTAS SOBRE CIBERVIOLÊNCIA DISCURSIVA E O CORPO FEMININO NA INTERNET

Julia Lourenço Costa

Robert Moura Sena Gomes

## INTRODUÇÃO

A ciberviolência discursiva é definida, de modo geral, como violência cibernética exercida por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), isto é, "todo e qualquer tipo de tecnologia que trate informação e auxilie na comunicação, podendo ser na forma de hardware, software, rede ou telemóveis em geral" (ISI-TICS, 2019, § 2). Neste texto abordaremos a ciberviolência a partir da perspectiva discursiva, mais especificamente aquela da análise do discurso digital conforme proposta por Marie-Anne Paveau (2017 [2021]).

Para tal empreitada, iniciamos com uma breve reflexão científica sobre o amplo e complexo conceito de violência para, em seguida, procurar cercar as categorias discursivas que a análise do discurso digital propõe para pensar os diversos tipos de ciberviolência (focalizando, sobretudo, na difamação). Finalmente, nosso olhar se volta especialmente para a abordagem dos processos de resposta às diversas violências simbólicas sofridas pelas mulheres em ambiente digital<sup>1</sup>, nosso objeto específico de análise. Neste ponto atentamos para o conceito de ressignificação (Paveau, 2019, 2019a).

---

<sup>1</sup> Com isso não intentamos afirmar que a violência contra as mulheres - ou qualquer outro grupo minorizado - é circunscrita e contida no digital. Partimos, sobretudo, de uma compreensão de que mundo material e mundo virtual são graus de uma escala, e não categorias completamente apartadas. O foco, porém, neste texto é a ciberviolência, ou seja, aquela praticada no ambiente digital.

Nesse sentido, portanto, podemos iniciar asseverando que o conceito de violência "não traz em si uma etiqueta de identificação" (Odalia, 2004, on-line<sup>2</sup>), pois, a depender dos costumes, da época, das tradições, entre outros fatores, a violência toma contornos diversos, podendo ser compreendida desde o ato de matar outrem, até a violência institucionalizada, da fome, do frio e da miséria<sup>3</sup>. Segundo Saffioti (2004), o entendimento popular da violência apoia-se num conceito, durante muito tempo, e ainda hoje, aceito como o verdadeiro e o único. Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral. Observa-se que apenas a psíquica e a moral situam-se fora do palpável (Saffioti, 2004, p. 17-18).

Partimos do pressuposto de que a violência contra as mulheres, enraizada na nossa sociedade, também ocorre nas modalidades ditas menos "palpáveis". Na Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha no Brasil, a violência psicológica contra mulheres é entendida como "qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações" e a violência moral como "qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria"<sup>4</sup>.

Dessa maneira, nosso foco será a ciberviolência exercida na *web* 2.0, a *web* social e participativa, que é exercida também pela violência moral assentada, por exemplo, na difamação (Paveau, 2017 [2021]). O corpus da pesquisa foi delimitado em torno da figura social de Manuela D'Ávila, mãe, ativista feminista, jornalista e política que é (e foi, sobretudo, no período que

---

<sup>2</sup> Livro em versão Kindle sem paginação.

<sup>3</sup> Acrescentamos, pontualmente, o cenário atual em nível global, e em especial do Brasil que, a nosso ver, exacerba a violência pela negação do acesso à vacina, tanto por parte dos governos ultraliberais, quanto dos países mais desenvolvidos e das grandes empresas farmacêuticas. Além disso, a falta de acesso às informações cientificamente comprovadas é também um ato de violência, alinhado à política genocida do presidente brasileiro.

<sup>4</sup> <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm)>. Acesso: 20/02/2021.

concorreu à presidência enquanto vice-presidenta, em 2018) alvo de variadas *fake news* enraizadas no cenário mais geral do machismo e da misoginia.

Enquanto metodologia que atendesse ao caráter também sensível deste texto, selecionamos os excertos verbais e visuais "ao voo" (Moirand, [2018] 2020), isto é, a partir das nossas experiências e leituras pessoais, aqui circunscritas ao contato *on-line* com o material analisado. Os dados exploratórios que formam esse pequeno corpus permitem também que consideremos os recortes discursivos ancorados em certa atualidade - ainda que este não seja nosso objetivo principal.

## VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: NOTAS SOBRE A DIFAMAÇÃO

Apesar de apresentar nuances distinta, a violência contra as mulheres está assentada na dominação masculina que a elas é socialmente imposta, atingindo desde um nível mais subjetivo até o mais pragmático. Dessa maneira, compreendemos que a dominação de gênero é determinada por

instituir uma cisão irredutível, uma distinção entre nós e eles ou elas, estigmatizar em nome de um conjunto de representações e de normas dadas como verdades "naturais" e universais para melhor particularizar e, especialmente, excluir do espaço social onde se elaboram as decisões relativas ao contrato social, faz parte do arsenal dos modos de dominação. Tornar o outro invisível, tornar crível a ideia de que ele não é mais do que um simples caso particular, que por isso não pode ser considerado um interlocutor válido [...]. (Apfelbaum, 2009, p. 77-78)

A dominação masculina é exercida também, portanto, por meio da linguagem que encarna os valores morais assentados nesta compreensão assimétrica entre os gêneros, que determina tanto as subjetividades, quanto os espaços, as formas de interação, as condutas individuais e, também, os corpos. Nesse sentido, em relação ao corpo mais especificamente, é possível observar atributos sociais infringidos às mulheres e, também, aos homens. De modo geral, de um lado a masculinidade, assentada, sobretudo, na virilidade e na força e de outro, a feminilidade na fragilidade e fraqueza, características que remetem a determinados estereótipos, como veremos.

Essas características, portanto, determinam o modo como os corpos femininos subjugados devem habitar o mundo, compreendendo "sob o pretexto da feminilidade, [que] as mulheres devem escolher uma aparência que assinala sua interiorização dos códigos estéticos pensados pelos homens, e adotar diante deles uma atitude submissa e não concorrencial quanto ao poder" (Molinier e Welzer-Lang, 2009, p. 103). Abordaremos neste texto, um recorte que problematiza certas questões sobre o corpo da mulher, que para além de somente estéticas, estão enraizadas em valores profundos, tais como o machismo calcado na compreensão de que dominação masculina é natural. Nosso foco é a ciberviolência discursiva, isto é, a violência simbólica por meio de palavras inscritas no ambiente digital exercida contra as mulheres neste contexto mais amplo.

A ciberviolência discursiva está, conforme Paveau (2017 [2021]), ancorada na tecnodiscursividade, isto é, na produção linguageira que é concretizada na imbricação com a máquina. Para a autora, a partir dessa proposta teórico-metodológica é possível verdadeiramente considerarmos a ciberviolência na sua dimensão digital, e não apenas transpor conceitos, teorias e noções do não-digital para compreender o espaço virtual. Ou ainda, possibilita se desvencilhar de propostas que desconsideram o ambiente no qual o discurso foi produzido, extraíndo e separando apenas os enunciados verbais produzidos on-line para analisá-los.

A partir das categorias de ciberviolência discursiva contempladas por Blaya (2011), Paveau propõe uma abordagem tecnodiscursiva que tem como foco a linguagem. Ela estabelece tipologias do discurso violento a partir de dois critérios: 1. direto *vs.* indireto e 2. enunciativo. Segundo a autora, o modo direto está relacionado a implicações com as quais os sujeitos agredidos têm consciência, enquanto no modo indireto o discurso violento produzido não necessariamente requer que o sujeito implicado esteja ciente.

Nos discursos violentos indiretos, a autora situa a difamação, que mais nos interessa neste texto. Segundo ela, "a *difamação* (*denigration* ou *put-down* em inglês) "[...] consiste em atacar o nome e a reputação de um indivíduo lançando, por exemplo, rumores maldosos". No corpus proposto consideramos, contudo, a difamação como violência discursiva direta, uma vez que a vítima estava ciente dos insultos a ela dirigidos.



Em relação ao critério enunciativo, a autora propõe uma tipologia linguística, a título heurístico, para melhor compreender a ciberviolência discursiva. Este critério abarca duas categorias: a. ciberviolência em segunda pessoa, em contexto interacional, isto é, a agressão concretizada de modo direto entre o enunciatário e b. ciberviolência em terceira pessoa, em contexto descritivo, narrativo e argumentativo (Paveau 2017 [2021], p. 88-89), que conta com os coenunciadores pressupostos, enquanto o objeto dos insultos é o objeto do qual se fala.

A difamação, compreendida como "simples *fofoca* ao boato maldoso" está situada na segunda categoria. Nela, "a questão tecnolinguística é de ordem ética (a da verdade dos discursos ou do ajustamento discursivo às verdades aceitas por um coletivo) e tecno-enunciativa (dispositivos de circulação viral e efeitos de ausência)". (Paveau 2017 [2021], p. 89).

A verdade, a partir de uma perspectiva discursiva, está fortemente ancorada na verossimilhança, e deve ser compreendida "tanto como produto quanto como fundamento do discurso" (Charaudeau e Maingueneau, 2008, p. 493). O verossímil é, portanto, "uma qualidade da opinião, que a opõe ao verdadeiro. Ele corresponde ao provável da estatística e ao plausível da doxa, ou seja, às representações, maneiras de fazer, de pensar e de dizer normais, coerentes e frequentes numa comunidade" (*Ibidem*).

A difamação está, por conseguinte, assentada nos valores axiológicos que circulam como verdadeiros em determinada comunidade discursiva e não estabelece uma correlação entre o enunciado e a realidade, uma vez que tem como fundamento a ideologia. Conceitos como verdade, verossimilhança e realidade estão diretamente relacionados a valores opostos que, contemporaneamente, são compreendidos também por meio das notícias falsas, ou *fake news*.

Sem nos deter demasiado neste tema, que é deveras profundo e complexo, faremos algumas breves considerações sobre o fenômeno, pois ele está diretamente relacionado ao corpus que selecionamos para este texto, que toma como base a difamação da então candidata a vice-presidenta do Brasil, na conjuntura política do Brasil em 2018. Manuela D'Ávila, a vice do

candidato Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores foi - e como veremos continua sendo - alvo de *fake news*.

Com base na compreensão de que as *fake news* são "*false stories that appear to be news, spread on the internet or using other media, usually created to influence political views or as a joke*" (Martens, Aguiar, Costa-Herrera *et.al*, 2018, p. 8), podemos relacioná-la diretamente à ciberviolência discursiva que se vale da difamação. No contexto citado, Manuela teve sua imagem ancorada em rumores inverídicos sobre seu corpo e, por conseguinte sobre sua postura enquanto candidata, porém também, e especialmente, enquanto mulher.

A difamação específica de Manuela que abordamos, tem como base uma foto - a verdadeira - que foi feita durante uma entrevista à Rádio Guaíba em novembro de 2017, na qual é possível suas tatuagens que estão voluntariamente à mostra (figura 2). A imagem foi editada (figura 1) concretizando as *fake news* de que Manuela teria tatuado em seu corpo as imagens de Ernesto Che Guevara (guerrilheiro marxista revolucionário da Argentina) e Vladimir Ulianov, mais conhecido como Lênin (revolucionário comunista russo)<sup>5</sup>, como observamos a seguir:

---

<sup>5</sup> Citamos brevemente que estas imagens, no Brasil, estão diretamente relacionadas ao Partido dos Trabalhadores, comumente chamado de comunista. Além disso, essa compreensão faz parte da polarização que vive o Brasil atualmente, que coloca de um lado os "petralhas comunistas" - ligados ao PT e à imagem de Luiz Inácio Lula da Silva e os "bolsominions" - relacionados à imagem e ideais de Bolsonaro. Consultar, por exemplo, Oliveira (2020) para uma abordagem da questão no contexto da pandemia.

Figura 1 - Fake news sobre Manuela<sup>6</sup>.



Figura 2 - Imagem verdadeira de Manuela<sup>7</sup>.



Na época, a imagem adulterada foi desmentida por Manuela, que fez um comentário no seu perfil oficial no *Facebook*, dizendo: "Edição e manipulação de imagens: O machismo e a misoginia seguem com suas manguinhas de fora". A alteração da imagem tinha como objetivo difamar a então candidata, tomando como base o seu corpo tatuado e, portanto, desvalorizado de acordo com a dominação masculina que prevê determinados padrões para as mulheres, não só estéticos, mas ideológicos.

## RESSIGNIFICAÇÃO E EMPODERAMENTO: A POSSIBILIDADE DA RESPOSTA

Apesar de apresentar aparência cansada pela acentuação das olheiras (com a intenção de correlacionar o comportamento de Manuela ao fato de que ela é boêmia, isto é, vive sem regras e gosta de se divertir e beber à noite), as tatuagens foram o ponto focal para a construção disfórica de Manuela. Compreendemos que as tatuagens, por isso, já concretizam a

<sup>6</sup> < <https://twitter.com/MdeFilho/status/1310999168958304257>>. Acesso: 15/02/2021.

<sup>7</sup> < <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/10/21/e-fake-foto-que-mostra-manuela-davila-com-tatuagens-de-che-guevara-e-lenin.ghtml>>. Acesso: 25/10/2020.

difamação da candidata, ainda que a calúnia seja intensificada pelo conteúdo, isto é, imagens de comunistas históricos.

Conforme Paveau a "tatuagem escrita faz, com efeito, do corpo um suporte de discurso no qual tudo leva a crer que ele possua, como todo discurso, um produtor, um receptor, uma forma e uma interpretação" (Paveau, 2015, p. 7), e está, por conseguinte, sujeita também a julgamentos morais e éticos que tomam como base a estética.

As tatuagens estão, segundo Pérez (2006) ligadas a "um certo preconceito pela profanação do corpo e, por outro, a busca de uma ordem estética que obedeça aos parâmetros da arte reconhecida pelo *status quo*". No caso de Manuela, o *status quo* é definido pelo machismo e a dominação dos corpos femininos e os estereótipos infringidos às mulheres, que prevê o recato e a beleza contida<sup>8</sup>.

Brevemente, no tocante aos estereótipos, como bem aponta Amossy (2008), aparentemente, estamos lidando com algo que traz memórias pré-concebidas, sempre já-lá a serem usadas, mas de maneira geral e em um senso mais comum em perspectivas negativas e que de alguma forma transformam traços mais ou menos estáveis, mais ainda em certas regularidades negativas. Ou seja, entram e saem quadras históricas e os traços negativos cumprem a função de alimentar pré-conceitos mais ou menos estabilizados - e justamente esse movimento contribui para sua estabilidade - no corpo social. De acordo com a autora, o processo de estereotipagem é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica (AMOSSY, 2008, p. 125).

A tatuagem, via estereótipo calcado no machismo, que funciona no interdiscurso, determina, impõe e oferece as identificações acerca de determinado conhecimento sobre o papel social da mulher. Pessoas tatuadas

---

<sup>8</sup> Como na clássica frase "Bela, recatada e do lar", que gerou muita polêmica no contexto brasileiro durante a presidência de Michel Temer. Consultar, por exemplo, Ponsoni e Costa (2019).

são historicamente estereotipadas de acordo com uma vida mundana, desregrada, além da citada "profanação do corpo" que demarca também o forte apelo religioso. Mulheres sofrem duplamente o estereótipo, que é intensificado pela dominação masculina.

É, portanto, no corpo-tatuagem e pelo corpo-mulher que Manuela promove a ressignificação de práticas antes compreendidas como insultantes. Sua imagem manipulada percorreu diversos caminhos digitais e, a partir dos compartilhamentos diversos, característico dos espaços digitais, a *fake news* produzida sobre ela viralizou, intensificando a difamação. Porém, como veremos, foi também nas redes sociais, especificamente no *Instagram* oficial da candidata, que ela respondeu à ciberviolência sofrida.

Os diversos compartilhamentos da imagem que eram promovidos ora com base na crença de que a imagem era verdadeira - pois Manuela seria realmente uma mulher desvirtuosa -, ora a dúvida ou ainda certeza de que a imagem era falsa, prejudicaram a imagem pública da candidata. Nos dois casos, a prática digital da publicação e republicação de notícias falsas nas redes sociais, participa também de determinada ciberviolência discursiva, tratada neste texto via difamação. Em resposta a esses compartilhamentos diversos e aos estereótipos que a ele subjazem, Manuela ressignificou a prática a partir da sua vivência e ponto de vista sobre os fatos.

O conceito de ressignificação, conforme proposto por Paveau (2019, 2019a), devido seu forte coeficiente argumentativo, permite analisar as produções discursivas a partir da observação dos contradiscursos, que são produzidos pelos grupos sociais ou indivíduos atacados e agredidos, em defesa da sua subjetividade e de sua existência social. Segundo a autora, a ressignificação está centralizada no processo

*d'inversion ou de renegociation sémantique et axiologique par récontextualisation d'énonces insultants (verbaux, iconiques, ou composites), à partir de leur charge blessante, effectué par les personnes blessés, avec un effet réparateur.* (PAVEAU, 2019, p. 111-112)

Dessa perspectiva, a ressignificação é, portanto, não apenas uma resposta linguística ao discurso de ódio, ameaçador e ofensivo, ela é uma forma de ressignificar a própria existência dos sujeitos agredidos. A

ressignificação lhes apropriada de um poder de ação, que é negado pelo próprio ato perlocutório quando ele pressupõe uma relação de dominação.

A partir da perspectiva filosófica, Butler, que é base para conceito ressignificação a partir da análise do discurso, compreende interpelação da linguagem que nos constitui enquanto seres no mundo, é feita pelo olhar do Outro, isto é "*nous venions à 'être' par le biais d'une dépendance à l'égard de l'Autre*" (BUTLER, 2017, p. 52). Em termos linguísticos, este postulado determina o reconhecimento ou a recusa ao pertencimento a determinados constructos sociais. Porém, Butler salienta que

*nous n'avons aucun moyen de nous protéger contre cette vulnérabilité et cette sensibilité premières à l'appel de la reconnaissance qui suscite l'existence, et il nous est impossible d'échapper à cette dépendance première à l'égard d'un langage que nous n'avons pas fait pour acquérir un statut ontologique provisoire. C'est ainsi que nous nous accrochons parfois aux termes qui nous heurtent parce qu'ils nous donnent du moins une manière d'existence discursive et sociale.* (Idem, p. 52-53)

E é especificamente essa construção intersubjetiva que torna possível a *puissance d'agir* (poder de ação) como "*possibilité d'autonomie radicale*" (Idem, p. 53). Butler reconfigura o discurso de ódio, observando a "*possibilité de désamorcer la force de ce discours par un contre-discours*" (Idem, p. 68), que é frequentemente eliminada. A ressignificação conforme Paveau, afinal, está relacionada com a defesa de determinado ponto de vista, que procura restabelecer a partir do insulto, da agressão e da ciberviolência discursiva, os valores da coletividade à qual os sujeitos ofendidos pertencem.

Se compreendermos que o corpo é discurso e que a tatuagem e a fotografia são também produções discursivas, isto é, impregnadas a partir da conjuntura sócio-histórica, de ideologias, podemos pensar que a ressignificação ocorre não apenas verbalmente. Manuela, por exemplo, ressignifica a difamação que sofreu, publicando a seguinte imagem e texto:

Figuras 3 e 4: Tatuagens verdadeiras Manuela<sup>9</sup>.



De um lado, no segmento visual, Manuela exhibe seu corpo feminino tatuado com orgulho, sentimento destacado, por exemplo, pela escolha da roupa que deixa suas costas tatuadas à mostra e a alça da blusa caída, que afirma o deixar-se ver. Além disso, a posição do corpo na foto ressalta as costas, os trajetos das mãos percorrem o entorno dos riscos, a cabeça abaixada para que as luzes incidam e reiterem que o foco são as inscrições corporais de Manuela. O rosto velado, não por medo ou vergonha, mas para compor a cena que salienta, de variadas maneiras, que a resposta está inscrita no seu próprio corpo.

De outro, no segmento verbal, Manuela reafirma que a publicação é o seu modo de ressignificar a ciberviolência sofrida nos eventos anteriores que viralizaram a imagem falsa, afirmando que agora apresentava suas "tatuagens de verdade, sem *fake news*". Ela reitera que a difamação sofrida está calada também no machismo e assevera: "motivada por isso, vou começar a mostrar [...] minhas tatuagens de verdade. Todas lindas, feitas por artistas".

Essa é a sua resposta aos insultos que sofreu devido às tatuagens impostas e instaladas involuntariamente no seu corpo por meio da mentira, da calúnia e da difamação. Ela afirma ainda, no mesmo sentido, que "ter uma tatuagem não é nem feio - ao contrário - nem desabonador. No meu

<sup>9</sup> <[https://www.instagram.com/p/Bp7GjKHAfi8/?utm\\_source=ig\\_embed](https://www.instagram.com/p/Bp7GjKHAfi8/?utm_source=ig_embed)> Acesso: 17/02/2021

caso, são marcas que decidi colorir", reforçando seu posicionamento sobre o assunto.

A imagem da mulher, da tatuagem e, ainda, da mulher-tatuada é ressignificada: de valor disfórico, ela passa a ser celebrada. Essa mudança axiológica inverte os valores do machismo e reforça a visão de mundo de Manuela, assentada nos variados feminismos como ideal de vivência sensível, de política e de mundo.

De símbolo pejorativo, a tatuagem é o ponto central para que Manuela ancore a ressignificação do ser mulher, ser tatuada/a e do ser mulher-tatuada numa sociedade hipocritamente machista, como é a do Brasil, que tem como ideal governar os corpos de grupos minorizados, não só das mulheres, mas dos/das indígenas, dos/das negros/as, dos/das socialmente vulneráveis etc.

A ressignificação deve, finalmente, ser compreendida como prática de empoderamento, isto é, como "a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência" (Berth, 2018, on-line). Ressignificar é promover novos modos de empregar a linguagem, reconstruir subjetividades e enfim, defender o ponto de vista no qual está ancorado determinada coletividade.

## NOTAS FINAIS

Neste texto procuramos abordar a ciberviolência discursiva a partir da proposta da análise do discurso digital conforme preconizada por Marie-Anne Paveau (2017 [2021]), procurando analisar como a difamação pode ser transgredida - se não efetivamente no contexto mais amplo, ao menos para o sujeito que a sofreu os ataques - por meio da ressignificação dos discursos (Paveau, 2019, 2019a) e, enfim, das práticas sociais.

Procuramos, portanto, centralizar nosso olhar não apenas na ciberviolência sofrida, mas, sobretudo, a possibilidade de que práticas empoderadoras sejam desencadeadas pela ofensa, insulto, agressão e ferida causados pela difamação primeira. Dentre estas práticas está a ressignificação que, para além de inverter valores apenas semânticos,



reconstrói e reposiciona compreensões sócio-históricas, por exemplo, sobre o papel da mulher na sociedade brasileira.

A publicação na rede oficial de Manuela concretiza tanto prática de ressignificação como empoderamento, na medida em que responde à difamação primeira calcada pela ciberviolência da montagem visual e dos compartilhamentos *ad infinitum*. A candidata na imagem e texto que publica na sua própria rede social exhibe com orgulho as marcas que voluntariamente produziu em seu corpo, invertendo, de uma perspectiva coletiva e empoderadora, os valores de dominação masculina e a docilização dos corpos femininos.

Dessa maneira, além de práticas um pouco mais individuais de resposta, salientamos, por fim, que o desenvolvimento das mídias de comunicação e informação, e em especial a web social, para além de possibilitar maior interação social também deve ser capaz de assegurar as vivências dos sujeitos que nela transitam. A existência de um mundo "real", de um lado, e de um mundo "virtual", de outro, deve partir da compreensão de que estes não são espaços apartados, mas intrinsecamente integrados e que a regulamentação de condutas impróprias, ofensivas e violentas deve ser capaz de transpor as barreiras estabelecidas entre eles para que nossas existências sociais sejam contempladas e respeitadas, em sua diversidade, de modo integral e contínuo.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (org.). **As imagens de si no discurso** : a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008.

APFELBAUM, Erika. Dominação. IN: HIRATA, H.; LABOIRE, F.; LA DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo** . Araraquara: Editora Unesp, 2009.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BLAYA Catherine. Cyberviolence et cyberharcèlement: approches sociologiques. **La Nouvelle Revue de l'Adaptation et de la Scolarisation** 53, p. 47-65, 2011.

BUTLER, J. **Le pouvoir des mots**. Discours de haine et politique du performatif. Trad. Charlotte Normann/Jerôme Vidal. Paris: Éditions Amsterdam, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do discurso**. Contexto, 2008.

ISI-TICS. Mas afinal de contas o que é TICS? **SENAI**. Instituto de Inovação e Tecnologia da Informação <<https://isitics.com/2019/07/01/mas-afinal-de-contas-o-que-e-tics/#:~:text=O%20conceito%20de%20TICS%20foi,rede%20ou%20telem%C3%B3veis%20em%20geral>>. Acesso: 15/02/2021.

MARTENS, Bertin; AGUIAR Luis; GOMEZ-HERRERA, Estrella e MUELLER-LANGER, Frank. **The digital transformation of news media and the rise of disinformation and fake news** - An economic perspective. Digital Economy Working Paper 2018-02; JRC Technical Reports.

MOIRAND, Sophie. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradutores Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. revista **Linguasagem**, São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41. [Texto originalmente publicado na revista Corpus 18, 2018]. <<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826/476>>.

MOLINIER, Pascale e WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. IN: HIRATA, H.; LABOIRE, F.; LA DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. Araraquara: Editora Unesp, 2009.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo. Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Hélio. “Bovid-17” e “Comunavírus”: fórmula discursiva, reformulação e memória. revista **Linguasagem**, São Carlos, v.35, Dossiê Discurso em tempos de pandemia. novembro/2020, p. 171-185.

PAVEAU, Marie-Anne. Uma enunciação sem comunicação: as tatuagens escriturais. **RUA**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 6-41, 2015. <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638829>>. Acesso: 28/11/2020.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'Analyse du discours numérique**: Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017. Org. da tradução: Julia

Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. A Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas. São Paulo: Pontes, 2021 [no prelo].

PONSONI, Samuel & COSTA, Julia. L. Papéis discursivos para mulher: uma análise dos casos da revista Veja e do discurso presidencial brasileiro.

**Revista Extraprensa**, 13(1), 75-95, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

## CAPÍTULO VI

---

# ÉTICA E ESTÉTICA DA MATERNIDADE NA OBRA DE FRIDA KAHLO

Rosangela Ferreira de Carvalho Borges

Raquel Tavares Garbini

## INTRODUÇÃO

Sob a perspectiva dos fundamentos teóricos do filósofo da linguagem e pensador russo Mikhail Bakhtin, analisaremos a vida e a obra da pintora mexicana Frida Kahlo, com o foco em três telas da extensa obra da artista mexicana - que em diversos quadros pintou o desejo frustrado de se tornar mãe e representou os traumáticos abortos sofridos ao longo da vida. Nosso propósito é argumentar sobre o *acabamento estético* que Frida Kahlo deu em sua obra e sustentar a ideia de que a personagem que Frida criou não pode ser automaticamente relacionada à artista.

A reprodução em massa da imagem de Frida Kahlo se torna cada dia mais comum e, quase sempre, é uma reprodução distorcida da realidade e esvaziada de sentido. Exemplo disso é a longa metragem “Frida”, de 2003, dirigido pela produtora e roteirista americana Julie Taymor, que recebeu diversos prêmios, como o Oscar de melhor trilha sonora original e de melhor maquiagem e penteado, entre todas as indicações que recebeu.

No Brasil, a vida e a obra de Frida Kahlo se popularizaram ainda quando, em 2016, foi realizada uma megaexposição de suas obras. *Frida Kahlo, conexões entre mulheres surrealistas no México* aconteceu nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, alcançando mais de 900 mil visitantes e foi classificada como a sexta mostra mais visitada do mundo naquele ano.

Durante o período em que esteve em cartaz, foram produzidas inúmeras narrativas na mídia e redes sociais sobre a exposição, mas, principalmente, sobre a vida e a imagem de Frida Kahlo e sua relação com sentidos contemporâneos, como identidade, gênero, movimento feminista, narrativas

autobiográficas, consumo de intimidade, a importância da imagem e memória. (ANDRADE, 2019, p. 6)

Uma consequência disso é a comercialização mais intensa da sua figura. Frida Kahlo se tornou um dos maiores ícones comerciais do mundo. Seu rosto e sua beleza marcante estão estampados em camisetas, canecas, cadernos, bolsas, carteiras, garrafas, almofadas e chaveiros etc., além de centenas de matérias na mídia e veículos online, em uma multiplicidade de editorias (gastronomia, moda, design, estilo, cultura, arte), com algumas narrativas incluindo a expressão *fridamania* – utilizada para configurar a consagração popular de Frida (ANDRADE, 2019, p. 6).

A artista se tornou símbolo do consumo capitalista, justo ela, que foi uma mulher comunista, e é exatamente por isso o capitalismo faz questão de apagar: seu ativismo político em nome do lucro.

Uma das figuras femininas mais conhecidas do mundo, mulher revolucionária, comunista, famosa pelos autorretratos e por uma arte provocadora, Magdalena Carmen Frieda Kahlo y Calderón<sup>1</sup> nasceu no dia 6 de julho de 1907, na cidade de Coyoacán, no México - curiosamente três anos depois do seu nascimento, eclodiu a revolução mexicana<sup>2</sup>. Como seu desejo era ser filha da década revolucionária, ela afirmava ter nascido em 1910, ano que marcou o início do acontecimento político e social mais importante do século XX no México.

O pai de Frida, Guillermo Kahlo, era alemão e mudou-se para a Cidade do México com 19 anos de idade. O imigrante chegou ao país com pouco dinheiro, arrumou alguns empregos e, sem grandes perspectivas, se

---

<sup>1</sup> O nome Frieda significa “paz” em alemão, à moda alemã até o final da década de 1930 era escrever o nome com a letra “e” no meio, futuramente a artista acaba abandonando a vogal por conta da ascendência do nazismo na Alemanha.

<sup>2</sup> De 1876 a 1910 o México foi governado pelo general Porfirio Díaz, devido a sucessivas eleições fraudulentas em que ele sempre venceu. Foi uma ditadura que perdurou anos, corrupta, violenta, opressora e com várias contradições nas questões agrárias, sociais, nacionais e democráticas. No ano de 1910 surge no México um movimento anti reeleição, além de tensões sociais muito agudas. Francisco Madero elabora o ‘Plan de San Luis Potosí’, que contava uma conclamação para o início da revolução no dia 20 de novembro de 1910.

tornou um fotógrafo que acabou bem-sucedido, trabalhando para o governo do México no registro fotográfico da herança arquitetônica do país.

O segundo casamento de Guillermo foi com a mãe de Frida, Matilde Calderón y Gonzáles, uma mulher muito bonita, inteligente e extremamente religiosa.

Grande parte da infância de Frida foi saudável: era uma criança acima do peso ideal, alegre, adorava fazer travessuras com as irmãs e com o pai. Mas esta situação tranquila e agradável não durou mais, quando Frida foi diagnosticada com poliomielite aos 6 anos de idade. As consequências da doença não foram boas. Frida ficou acamada por 9 meses e com uma seqüela pelo resto da vida: sua perna direita ficou muito fina e o seu pé atrofiado. Sua perna foi alvo de muitas piadas e crueldades. Seus colegas a chamavam de ‘Frida pata de palo’, que significa ‘Frida perna de pau’. Para evitar as brincadeiras de mau gosto, Frida começa a esconder as cicatrizes da doença usando calças compridas<sup>3</sup>, o que à época era muito incomum para mulheres. Com o passar do tempo, começa a se vestir com roupas mais vistosas, anéis, brincos, colares, os belíssimos e compridos trajes mexicanos nativos. Herrera (1983, p.144) descreve Frida da seguinte forma:

Frida era como uma piñata mexicana, uma frágil gamela, em geral de papel machê, cheia de balas e doces, no formato de estrela e toda enfeitada com balangandãs e lantejoulas, mas destinada a ser esmagada. Pendurada por uma corda, a piñata fica à mercê dos golpes de crianças de olhos vendados, que têm de acertá-la com um cabo de vassoura até que a gamela se rompa e as balas caíam. Assim era Frida, recebendo da vida pancada atrás de pancada. Enquanto a piñata dança e balança, o conhecimento de que ela está prestes a ser destruída torna ainda mais pungente sua beleza colorida. Da mesma maneira, a decoração de Frida era comovente: era a um só tempo uma afirmação de seu amor pela vida e um sinal de sua consciência — e de sua atitude de desafio e rebeldia — da dor e da morte.

Na juventude Frida, sua alta inteligência se manifestou quando integrou o restrito grupo de 35 mulheres em todo o México a passar em uma prova das melhores instituições de ensino: uma escola preparatória

---

<sup>3</sup> Calça comprida é uma peça de roupa que cobre as pernas, na altura da cintura até o calcanhar.

para o ingresso na faculdade de medicina. É nessa escola em que Frida se interessa ainda mais por política e conhece Diego Rivera, seu futuro companheiro.

No dia 17 de setembro de 1925, Frida sofreu um grave acidente, que envolveu a colisão entre um bonde que ela estava e um precário ônibus de madeira. Nesse acidente, Frida teve a coluna fraturada em três lugares diferentes, e uma barra de aço atravessou o seu corpo, entrou pelo quadril esquerdo e saiu pela vagina. Frida ficou hospitalizada por um mês, e acamada meses após o acidente, por ser uma recuperação que exigia complexos cuidados, incluindo diversas cirurgias, a utilização de coletes ortopédicos e procedimentos médicos.

É curioso notar que, antes do acidente, Frida nunca demonstrou interesse pelas artes. Na escola fez disciplinas obrigatórias de arte, sem nunca cogitar trabalhar com isso. Mas no período de recuperação, começa a pintar e a desenvolver suas habilidades.

Frida conta que nunca pensou em pintura até 1926, após ficar meses acamada por causa do seu traumático acidente automobilístico. Ela relata que estava sentindo muito tédio na cama, usando um colete de gesso, por conta da fratura na coluna e em várias partes do seu corpo. Então, decide roubar algumas tintas a óleo do seu pai, enquanto sua mãe encomenda um cavalete especial para que ela conseguisse pintar de maneira confortável, pois ela não conseguia ficar sentada (HERRERA, 1982, p. 85).

Assim, a pintura para Frida se transforma em uma espécie de ferramenta de luta pela própria vida. A partir de 1925, Frida é obrigada a conviver com dores constantes, fadiga e muita dificuldade para andar. Em alguns períodos ela se sentia mais ou menos bem, mas sempre com recaídas, e a pintura foi algo extraordinariamente significativo para a sua reinvenção e sobrevivência.

Quando Frida se recuperou do acidente, passou a divulgar suas pinturas, mostrando-as para amigos e parentes, afinal estava em busca de emprego e precisava escutar opiniões sinceras sobre a sua arte e, também, saber se valia mesmo a pena seguir neste caminho artístico. Um dia resolveu ir até Diego Rivera, um dos maiores artistas plásticos do México do século XX. Frida relata como foi este encontro:



Assim que me deram permissão para andar e sair à rua, eu fui, carregando minhas pinturas, ver Diego Rivera, que na época estava pintando afrescos nos corredores do Ministério da Educação. Eu só o conhecia de vista, mas o admirava imensamente. Fui corajosa o bastante a ponto de chamá-lo para que descesse do andaime, visse minhas pinturas e me dissesse sinceramente se elas valiam ou não alguma coisa... Sem mais delongas eu disse: “Diego, desça”. E, sendo do jeito que ele é, tão amável, tão humilde, ele desceu. “Olha, não vim pra flertar nem nada disso, mesmo sabendo que você adora um rabo de saia. Vim aqui te mostrar minha pintura. Se estiver interessado, me diga; senão, me diga também, porque aí vou trabalhar em alguma outra coisa pra ajudar meus pais.” Então ele me olhou e disse: “Olha, em primeiro lugar, estou muito interessado na sua pintura, principalmente neste seu retrato, que é o mais original. As outras três me parecem influenciadas por coisas que você viu. Vá pra casa, pinte um quadro, domingo que vem eu passo lá pra ver e te digo o que eu acho”. Ele fez isso e me disse: “Você tem talento”. (HERRERA, 1983, p. 114)

Após vários encontros, Diego e Frida começam a namorar e o relacionamento progride até um casamento. Não foi um relacionamento fácil, intensamente conturbado. Diego foi o grande amor de Frida e um grande desgosto também, pois durante o casamento ele teve diversos casos amorosos, inclusive uma relação extraconjugal com a sua irmã mais próxima, Cristina, o que acaba agravando ainda mais o estado emocional de Frida, quase sempre fragilizado pelas experiências traumáticas de toda a vida.

Ao largo de sua vida, a maternidade se constituirá como experiência e como tema dos mais importantes. Não à toa, será muito recorrente na obra de Frida, constituindo-se como objeto central em muitas pinturas, produzida em momentos específicos de sua vida. *Frida y la operación cesárea*, por exemplo, é uma obra inacabada do ano de 1931, criada após o primeiro aborto espontâneo de Frida, em 1930. À época, os médicos alegaram que o bebê estava em uma posição errada. Em uma carta escrita no ano de 1932, para um amigo, Frida relatou a esperança que o médico nutriu em relação à gravidez, assegurando que mesmo, com a fratura na pélvis, em razão do seu grave acidente, era possível ser mãe, recorrendo a uma cesariana.

Em 1932, Frida e Diego mudaram-se para a cidade de Detroit, município do Estado de Michigan, Estados Unidos, e ela engravida novamente, seguindo a recomendação médica de prosseguir com a gravidez. A gestação foi muito arriscada e não muito diferente das outras vezes. Frida sofreu um novo aborto, em 4 de julho daquele ano. Luciene, sua grande amiga estava na casa de Frida e fez uma breve anotação em seu diário, registrando o momento:

Início da noite de domingo. Frida estava tão roxa e menstruando muito. Ela foi para a cama e o médico veio e como sempre disse que não era nada, que ela devia ficar calma e repousar. De noite ouvi gritos medonhos de desespero, mas pensando que Diego me chamaria se precisassem de ajuda, simplesmente adormeci, e tive pesadelos. Às cinco, Diego apareceu na sala, pálido e todo desgrenhado, e me pediu para ligar pro médico. O doutor chegou àsseis com uma ambulância e levou Frida, nas agonias do parto... havia uma poça de sangue... e os enormes coágulos de sangue que não paravam de descer. Ela parecia tão pequenina, parecia ter doze anos de idade. Os cachos do cabelo dela estavam úmidos de tantas lágrimas.

Hospitalizada, Frida queria desenhar o bebê que abortou e pediu insistentemente ao médico para que pudesse ver o filho e conhecer sua aparência, mas o seu pedido não foi atendido. Diego sabia que Frida iria produzir algo com isso, então ele providenciou livros de medicina para a esposa estudar. Foi depois desse aborto que Frida pintou a tela *Henry Ford Hospital (La cama volando)*. Essa tela foi um marco para a sua carreira: é sua primeira tela sangrenta, que nomeou Frida como uma das pintoras mais originais da época. Trata-se de uma pintura com certa peculiaridade, pois a artista tinha habilidade para expressar - apesar das figuras na tela estarem aparentemente deslocadas elas possuem muita coesão. Foi revolucionário, pois nunca antes uma artista mulher tinha pintado com tanta singularidade e abordado assuntos considerados “proibidos” naquele tempo, como o aborto, sangue, morte e enfermidade.

Vale registrar que suas telas agradavam muito aos surrealistas<sup>4</sup> da época, logo, Frida era considerada uma artista surrealista, mas ela nunca qualificou a sua obra como surreal. Ela relatava que nunca pintou sonhos, gostava de dizer que pintava a sua própria realidade – refutando, de certo modo, a classificação surrealista.

Com o passar dos anos, a frustração por não conseguir engravidar foi tomando cada vez mais espaço em sua vida e é muito provável que quando Frida pintou a tela *Yo y mi muñeca* ela tenha sofrido outro aborto. Esta tela é de 1937, e fica visível o encanto da artista pela maternidade – talvez, seu amor por bonecas, seja uma manifestação psicanalítica do desejo. Kahlo tinha uma vasta coleção de bonecas, de vários tipos, chinesas, mexicanas, antigas, baratas, feitas de papel machê, tinha roupas de boneca e até cama para elas dormirem. Ela cuidava das bonecas como se fossem filhas dela, o zelo era extremo, até certidão de nascimento elas possuíam.

Mas também não é incomum vermos o tema de animais na obra de Frida. Existem vários autorretratos dela com os animais em sua volta. Ela era fascinada pelos seus bichos de estimação, dava atenção e mimava seus inúmeros macacos, papagaios, gatos, pombas, patos, uma matilha de cães, uma águia, duas tartarugas e um cervo. Frida apreciava muito a natureza, tinha muitas plantas, flores e árvores em seu jardim na casa azul. Ela cuidava do seu quintal como se a natureza fosse carente feito uma criança.

A ausência da maternidade foi algo perturbador em sua vida. Frida desejava muito ser mãe, especialmente de um filho de Diego. É justamente na representação da frustração materna e na dor de perder um “filho” em determinadas obras de arte produzidas por Frida Kahlo que vamos buscar compreender como tal sofrimento precede a sua criação artística. Analisaremos três pinturas da artista a partir da reflexão teórica de Mikhail Bakhtin sobre ética e estética.

---

<sup>4</sup> O movimento artístico surrealista surgiu na Europa, mais especificamente quando André Breton publicou o Manifesto Surrealista, em 1924. Breton dizia que o objetivo do movimento surrealista era “resolver a contradição até agora vigente entre sonho e realidade pela criação de uma realidade absoluta, uma supra realidade”, além de criticar a racionalidade burguesa. A maior inspiração dos artistas surrealistas foi o trabalho do famoso psicanalista Sigmund Freud, conhecido como o pai da psicanálise.

A obra de Bakhtin sobre a qual nos apoiamos é “*Estética da criação verbal*” (Bakhtin, 2011), e as pinturas de Frida que analisaremos são: *Frida y la operación cesárea*, de 1931; *Henry Ford Hospital (La cama volando)*, de 1932; *Yo y mi muñeca*, de 1937.

A autobiografia de Frida em forma de pintura é dramática. Nas obras *Frida y la operación cesárea* e *Henry Ford Hospital (La cama volando)* a artista pinta a si mesma sangrando e chorando, retratando simplesmente a sua própria realidade, assunto que ela afirmava ter mais conhecimento para pintar. Desse modo, Frida se concebeu bakhtinianamente como herói/personagem de sua obra.

O autor e o personagem podem ser facilmente confundidos no todo da obra, porém, existem diferenças entre eles: “Autor: é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta” (Bakhtin, 2011, p. 10).

A consciência criadora, ou seja, a consciência do autor é também a consciência do personagem. O autor tem ciência de tudo o que o seu personagem conhece e enxerga, e mais do que isso, ele conhece e enxerga mais do que o próprio personagem, além de compreender algo que é inacessível ao personagem. Isto pelo fato do personagem se situar fora do autor, portanto, o autor possui um olhar de fora, um olhar exotópico que permite e dá possibilidade de ver e conhecer mais do que o seu próprio personagem vê de si mesmo.

Posto tudo isso, e analisando as obras em que Frida expressa um acontecimento de sua vida e é a personagem de sua obra, é possível dizer que a personagem Frida é uma projeção da artista vista a partir dos seus próprios olhos. A personagem Frida interpreta os acontecimentos éticos de sua vida de maneira estética. Embora existam semelhanças entre os acontecimentos de sua vida e sua obra, é impossível que a criação estética seja apenas uma representação autobiográfica da artista. Os acontecimentos reais da vida de Frida são trabalhados de tal modo que fazem com que sejam ressignificados e, dessa forma, se tornem algo muito além do que um simples relato.

Na criação estética são abordados dois conceitos: biografia e autobiografia. Bakhtin (2011, p. 139) conceitua os termos da seguinte forma: “Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida.” Frida Kahlo não dissociou arte e vida, através da vida ela tirou inspiração para as suas pinturas, materializando artisticamente o seu atoético.

O autor e o personagem não se igualam mesmo o personagem sendo autobiográfico, como é o caso de Frida Kahlo, pois o autor se torna outro em relação a si mesmo para criar o seu personagem. A relação entre autor e herói é uma relação entre um Eu e um Outro, uma relação de alteridade, fundada na dialogia, em relação de responsividade (COVRE, NAGAI e MIOTELLO, 2019).

Frida y la operación cesárea – 1931



Óleo sobre tela, 73 x 62 cm, Coleção de Dolores Olmedo Patiño Ciudadedo México, México

A tela *Frida y la operación cesárea*, de 1931, é uma obra inacabada da artista. Segundo especialistas há uma falta de acabamento no quadro que prejudica parcialmente a sua compreensão. No entanto, segundo Bakhtin (2011), toda obra estética possui acabamento, ela pode não ter sido concluída - como é o caso da obra acima - mas sempre será resultado da

conexão de variados elementos e, conseqüentemente, esteticamente acabada.

Frida teria iniciado a tela acima antes do seu aborto, visto que a pintura indica a sua esperança em se tornar mãe por meio de um parto cirúrgico. Durante toda sua vida, a artista nunca foi submetida a uma cesariana, sendo isso apenas uma possibilidade a que ela poderia recorrer. No quadro observamos Frida em dois ângulos distintos, no canto superior esquerdo da obra ela está deitada em uma maca hospitalar e rodeada de pessoas que aparentam serem médicos por conta das vestimentas. No centro da tela, a vemos sem roupa, com os olhos fechados, deitada em uma cama, com um feto dentro da sua barriga. Em volta do seu corpo identificamos uma mancha vermelha, que nos sugere um sangramento. Ao seu lado vemos o rosto de Diego e logo abaixo um bebê.

Assim, se a maternidade foi seu fito de vida, o aborto se tornou um dos acontecimentos mais marcantes da vida de Frida, mais traumáticos, que recebeu um acabamento estético. Ela reorganizou elementos da vida e os transportou para o plano artístico. Segundo Carlos Alberto Faraco:

No ato artístico, aspectos do plano da vida são destacados (isolados) de sua eventualidade (por quem ocupa uma posição externa a eles, por quem os olha de fora), são organizados de um modo novo, subordinados a uma nova unidade, condensados numa imagem autocontida e acabada. (FARACO, 2011, p. 23)

É com uma posição privilegiada em relação ao personagem, a partir de uma posição axiológica que possibilita um excedente de visão, que o autor-criador materializa a realidade vivenciada, dando forma ao conteúdo e acabamento. Frida pratica a exotopia do olhar/extralocalidade em relação a si mesma; é como se ela ficasse diante dela própria para só assim vivenciar o seu próprio eu e dar acabamento ao vivido. Entretanto, para Bakhtin (2011) não é possível exercer um acabamento de si mesmo, pois há elementos impossíveis de serem alcançados apenas com a própria contemplação, uma vez que existe um horizonte atrás de mim que eu não consigo enxergar, assim como as minhas expressões e gestos. Além disso, ao me contemplar eu envolvo as minhas auto-sensações internas, tornando o ato subjetivo (COVRE; NAGAI; MIOTELLO, 2019).

O acabamento estético que Frida dá em suas obras é resultado da sua interação com o outro. O acabamento que o outro dá só é possível pela posição que ele ocupa em relação a mim; é com o outro e pelo outro que nos enxergamos e temos acesso a elementos que nos completam.

A singularidade da produção artística de Frida é consequência da sua particularidade no mundo. O tempo histórico, a paixão pela cultura mexicana e indígena, o acidente, as cirurgias, as dores que fizeram companhia durante toda a vida, o seu engajamento e posicionamento político, os abortos, suas ideias revolucionárias, seu amor e afeto por Diego, sua admiração pela natureza e pelos animais, tudo isso tornou uma Frida única, no sentido de que somente ela poderia ter feito tudo que fez e do jeito que foi feito. Assim, ela tornou estéticos os momentos da sua vida, deu acabamento estético em suas telas, para que outras pessoas, observadores da sua arte, por meio da exotopia, de seus olhares a compreendessem como Frida Kahlo.

Henry Ford Hospital (La cama volando) – 1932



Óleo sobre metal, 30,5 x 38 cm, Colección de Dolores Olmedo Patiño Cidade do México, México

A obra *Henry Ford Hospital (La cama volando)* foi pintada em 1932 e mostra explicitamente Frida sofrendo o aborto. Kahlo está deitada, completamente nua em uma cama hospitalar, ao lado da cama está escrito: *Henry Ford Hospital Detroit*, e no “pé” da cama Frida datou o episódio traumático. Notamos muito sangue saindo do corpo da artista - Kahlo estava sofrendo uma hemorragia. Na tela, uma enorme lágrima escorre pelo seu rosto, o que chama muito a nossa atenção pelo seu tamanho desproporcional, traduzindo o momento de imensa infelicidade e dor pela perda do seu filho. Sua barriga aparentemente ainda está muito inchada em razão da gestação, e dela saem 6 fitas que Frida segura com a mão esquerda. As seis fitas vermelhas saem de sua barriga e flutuam pelo ar, carregando 6 diferentes objetos que estão relacionados ao seu sentimento perante ao aborto e a impossibilidade de se tornar mãe. Dos seis objetos, o que mais chama atenção na tela e que está posicionado bem acima da poça de sangue, é o grande feto masculino, o pequeno “Dieguito”, pois o desejo da artista era ter um filho homem e com o mesmo nome de Diego Rivera. A fita vermelha que sai de Frida se conecta ao umbigo do bebê, simbolizando o cordão umbilical do recém-nascido.

A concha representa a vida, a existência, sexo e a sexualidade feminina. Na cultura indiana, curiosamente, o caracol simboliza gestação, concepção e parto, devido ao seu aspecto arredondado; além disso, certa vez Frida afirmou que a lesma simboliza a vagareza do aborto.

A flor murcha é uma orquídea<sup>5</sup>, flor de cor roxa com a qual Diego presenteou a companheira no hospital, em Detroit. Frida correlacionou a flor com a um útero extraído e disse: “Quando a pintei, tive a ideia de coisa sexual misturada à coisa sentimental” (KHALO apud HERRERA, 2018, p. 182)

O dorso feminino foi a maneira que Frida encontrou de explicar como é o interior de uma mulher. As duas colunas vertebrais desenhadas no interior do dorso são supostamente a sua espinha dorsal fraturada, ou a

---

<sup>5</sup> Frida Kahlo representava a sua obsessão e ânsia pela fertilidade pintando flores e frutos, transformando-as em partes íntimas do corpo humano e que na maioria das vezes aparentavam estar vivos.



escoliose congênita com a qual Frida foi diagnosticada quando tinha vinte e três anos de idade. A perfeição da pintura se dá em razão de Frida ter estudado ilustrações de ossos pélvicos em livros de medicina e pelo seu conhecimento prévio sobre anatomia, pois antes do acidente ela pretendia se tornar médica. No canto inferior direito, a artista pintou a pélvis fraturada que impossibilitava a gestação. Por fim, o último objeto é a máquina de aspecto estranho abaixo da cama, que possui um sentido dúbio:

De acordo com Lucienne Bloch, representa os quadris de Frida, o que parece provável, já que todos os outros símbolos estão intimamente relacionados ao corpo feminino. Bertram Wolfe sugere que a peça era um “torno de bancada de ferro, sugerindo a pressão excruciante de dor”, e dada a declaração de que, depois de sua experiência em Detroit, toda e qualquer coisa mecânica passou a significar azar e dor, essa interpretação parece plausível. A própria Frida uma vez disse a um amigo que a máquina-ferramenta servia para ela se lembrar de Diego; para outro amigo, ela disse que “[a] inventou para explicar a parte mecânica da coisa toda”. (HERRERA, 1983, p. 181)

Com o intuito de expressar solidão, Frida escolheu um tom terroso para pintar o chão do hospital. No ato de pintar a escolha de tons específicos era uma forma de intensificar ou equilibrar o drama psicológico da tela. Como a cama está distante do chão, a impressão que temos é de que ela está flutuando no ar. No horizonte visualizamos o River Rouge, um complexo industrial do Estado de Michigan, indicando a distância entre o casal Rivera nesse período.

Sem sombra de dúvidas esta é uma das telas mais famosas de Frida Kahlo, em virtude de sua beleza e por ser fortemente expressiva. Nesse sentido é interessante distinguirmos o que Bakhtin (2011) vai denominar de artefato e objeto estético. O artefato é o instrumento técnico, a obra de arte real, factual. O objeto estético é uma arquitetônica, ou seja, uma organização da visão artística em relação ao espaço, o tempo e o sentido são diversas relações axiológicas culturais que são expressas nas atividades estéticas e concretizada no artefato.

É importante termos em mente que não é só o artefato que produz sentido e transmite valor. Os valores culturais não podem ser limitados apenas na condição de artefato, pois é a partir das múltiplas redes de relações axiológico-culturais que a obra de arte adquire valor e sentido. “É

pela construção do objeto estético que, para Bakhtin, o social e o histórico se tornam elementos internos (e não externos) de qualquer obra de arte” (FARACO, 2011, p. 23)

Yo y mi muñeca – 1937



Óleo na folha de metal, de 40 x 31 cm, Coleção de Jacques & Natasha Gelman. Cidade do México, México

Quando Frida pintou *yo e mi muñeca*, a artista já tinha passado por três abortos. Na tela Frida está sentada em uma cama de criança com uma grande boneca nua. Observando a posição de Frida, e da boneca, supomos que elas estejam posando para uma fotografia: a artista com o semblante bem sério e a boneca com um leve sorriso fixo. Não é uma fotografia muito corriqueira de uma mãe com o filho; não há troca de olhares nem de afeto. Frida está com o olhar estático encarando o observador. Com um cigarro na mão e um olhar solitário, a tela *Yo y mi muñeca* representa mais uma vez o desejo frustrado da artista em se tornar mãe. Para preencher esse “vazio”, Frida colecionou bonecas como esta durante a vida inteira, conforme já indicam os anteriormente.

Nesta tela, o criador da obra estética e o personagem podem ser facilmente confundidos no todo da obra, entretanto, existem diferenças entre eles. Segundo Bakhtin (2010, p. 139):

Entre todos os valores artísticos, o biográfico é o menos transgrediente à autoconsciência; por isso, na biografia o autor está mais próximo do herói desta, os dois como que podem trocar de lugar, e por esta razão é possível a coincidência pessoal entre personagem e autor além dos limites do todo artístico.

Mas seria possível determinar uma fronteira entre o autor-criador e o personagem de Frida Kahlo, considerando-se proximidade que existe entre a vida e a criação artística? Essa não é uma simples tarefa, uma vez que em sua vida, no ato ético, Frida também se colocava como personagem em diversas situações. Uma delas é a maneira como a artista começou a se vestir: “Frida encarava com uma atitude estética o ato de se vestir” recorda a pintora americana Lucile Blanch (HERRERA, 2018, p. 141)

Após o seu casamento com Diego Rivera, Frida encarnou uma nova identidade vestindo roupas iguais às das mulheres do istmo de *tehuantepec* e utilizando acessórios coloridos em todo o corpo.

O traje que Frida decidiu adotar era o das mulheres do istmo de Tehuantepec, e as lendas em torno delas sem dúvida informaram sua escolha: as mulheres de Tehuantepec são famosas por serem imponentes, sensuais, inteligentes, corajosas e fortes. Segundo o folclore, vivem em uma sociedade matriarcal, em que as mulheres dirigem os mercados, cuidam das questões fiscais e dominam os homens. (HERRERA, 2011, p. 144)

Para Frida, as roupas eram uma forma de se comunicar com o mundo; escolher o traje do dia era um ritual sagrado, que levava tempo e paciência para selecionar as peças com muito cuidado e primor. Não importa onde, Frida era o centro das atenções em todos os lugares que frequentava. Apaixonada pela mexicanidade, pela sua terra e suas raízes, a artista fazia questão de afirmar sua personalidade. Assim, ela criou sua própria personagem no mundo real, uma personagem para enfrentar uma vida de sofrimento, de cicatrizes, decepções, traumas e dores. Apesar disso – quiçá, em razão disso – a artista conseguiu ter reconhecimento e destaque com a sua arte, um trabalho árduo, ainda mais por ser companheira de um

dos grandiosos e famosos muralistas mexicanos. Com uma arte autêntica – reconhecida e admirada - Frida se fez pintora, artista, determinada a ganhar a vida e garantir sua sobrevivência por meio da pintura, e, mais que isso, determinada a expressar-se como mulher, numa sociedade, ainda que impactada pela subversão da ordem, pródiga em reduzir-lhes à condição de apêndice do homem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui realizado apresentou três telas relacionadas a maternidade da artista Frida Kahlo e as analisou sob a perspectiva teórica da ética e estética do filósofo russo Mikhail Bakhtin, com o propósito de compreender e elucidar melhor a singularidade do ato artístico autobiográfico.

A relação entre autor e personagem proposta por Bakhtin nos permitiu compreender aspectos da ética e da estética de parte da obra de Frida Kahlo, desde um ponto de vista das complexas relações entre sujeito e objeto ou, se quisermos, das expressões artísticas como dimensões da forma de ser do sujeito, o que inclui aspectos objetivos e subjetivos. Não se trata de uma mera relação reflexa (ou reflexiva) entre as experiências – no caso da artista mexicana bastante traumática – e sua manifestação de arte, mas uma forma bastante específica e complexa de projeção do ser no produto de seu trabalho – mediada pela consciência, pela afetividade. A obra de arte contém, assim, as marcas de seu autor, nas suas contradições.

Mas se for verdade que o produto do trabalho artístico é uma manifestação, sempre tensa, da consciência e da subjetiva, ela guarda também um conteúdo de manifestação da experiência que é sempre coletiva. Isto é o que permite à obra, e no nosso caso, a obra de Frida, encontrar eco na sociedade, particularmente, entre aquelas que compartilham a experiência traumática. Nesse sentido, a obra, em sua dimensão relativamente autônoma, se torna “sujeito”, no sentido implicar a própria sociabilidade – não apenas de sua autora, mas do conjunto das mulheres.

Nessa direção, a obra de Frida Kahlo, mais que guardar importância no campo de sua própria experiência, se converte em instrumento de reflexão social, o que faz com que a seu estudo seja ele também uma forma de intervenção.

## REFERÊNCIAS

**FRIDA Kahlo Fans** . 2005. Disponível em:

<<http://www.fridakahlofans.com/>>. Acesso em: 29 março 2020.

MODELLI, Laís. **Frida Kahlo**: como mexicana se tornou uma das mulheres mais conhecidas do mundo? Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-40471454>>. Acesso em: 03 abril 2020

HERRERA, H. **Frida**: A biografia. México: Editorial Diana, 1984.

FRIDA. Direção: Julie Taymor. **Produção de Salma Hayek** . Estados Unidos: Miramax Films, 2003. Plataforma destreaming.

ANDRADE, J. F. A. **Fridamania, a ressignificação de Frida Kahlo no acontecimento da primeira megaexposição de suas obras no país** . 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) Escola de comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2019.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO - GEGe. Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 112p.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal** . 6. ed. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares**. Letras de hoje, Porto Alegre, v.46, n.1, p. 21-46, jan./mar. 2011.

## CAPÍTULO VII

---

# AMIGO AMERICANO: ANÁLISE DE UMA REPORTAGEM E OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO<sup>1</sup>

Gabriel Reis Moraes Machiaveli

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho propõe alguns apontamentos sobre o caráter imparcial da mídia impressa brasileira. A reportagem a ser investigada é da revista *Veja*, edição 2405<sup>2</sup>, sobre a volta do diálogo entre as diplomacias estadunidense e cubana e sobre o possível fim do embargo econômico à ilha.

A reportagem “O amigo americano” faz um panorama das últimas cinco décadas, com a crise dos mísseis, o apoio da União Soviética à ilha, as reflexões de Fidel Castro e Bob Kennedy, irmão do presidente John Kennedy e ministro da Justiça, e as relações que culminaram no embargo econômico à ilha.

Em 17 de dezembro de 2014, os Estados Unidos e Cuba anunciaram a volta das relações diplomáticas. Os dois presidentes, Barack Obama, dos Estados Unidos, e Raul Castro, de Cuba, foram à televisão simultaneamente para dar a notícia. O presidente americano chegou a afirmar que a estratégia de isolar a ilha não funcionou, “e que os americanos, agora, estendem uma mão amiga aos cubanos”<sup>3</sup>.

A revista *Veja* publicou em sua página na internet<sup>4</sup> a notícia e revelou uma possível ajuda do Papa Francisco na retomada das relações. Cerca de

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado durante a disciplina de Teorias do Discurso, do curso de mestrado em Teorias Críticas e Literária da Cultura, da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ)

<sup>2</sup> Disponível em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

<sup>3</sup> Notícia publicada pelo Jornal Nacional, disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/estados-unidos-e-cuba-restabelecem-relacoes-diplomaticas.html>

<sup>4</sup> Disponível em [www.veja.com.br](http://www.veja.com.br)

uma semana depois, a capa da revista foi de Barack Obama com uma boina e com cabelos compridos, semelhante às imagens de Ernesto Che Guevara. O título que encima a reportagem já expõe uma conclusão: “Tudo no seu devido lugar”.

Para realizarmos a análise, utilizaremos como suporte a Teoria Semiolinguística, elaborada pelo francês Patrick Charaudeau (2008), em que pontua as formas de contrato comunicativas; as estratégias (sejam elas de crença, convencimento, autoridade, e de sedução); a identidade dos participantes do ato da fala; os saberes compartilhados; e o dispositivo de comunicação.

Nosso artigo está dividido em três partes. Primeiro, pontuaremos as contribuições de Charaudeau para nosso trabalho, nossa metodologia e por fim realizaremos a análise.

## A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Para Charaudeau (2008), o ato de comunicar é um dispositivo entre o sujeito falante e seu interlocutor, ou seja, é um ato em que há um caráter interlocutivo das atividades da linguagem. O dispositivo teria no seu interior o sujeito falante e o interlocutor. Este dispositivo tem uma funcionalidade, que é de interconectar os sujeitos. Com isso, não existiria um ato de comunicação sem a compreensão da dimensão do espaço-temporal em que o contexto da enunciação está inserido. “Representamos o ato de comunicação como um dispositivo cujo centro é ocupado pelo sujeito falante (o locutor, ao falar ou escrever), em relação com um outro parceiro (o interlocutor)” (CHARAUDEAU, 2008, p. 67).

Segundo Lysardo-Dias e Gomes (2005), Charaudeau argumenta que:

[...] comunicar é proceder a uma encenação, em que os sujeitos falantes utilizam componentes do dispositivo sócio-linguístico da comunicação a fim de produzir certos efeitos no seu interlocutor. Esse dispositivo compreende o contrato situacional, o contrato comunicacional, os modos de organização do discurso (MOD) e as configurações linguísticas.



Portanto, o ato de comunicar, segundo o autor, é dividido entre cinco componentes: a situação da comunicação; os modos de organização do discurso; a língua; e por último, o texto.

A situação de comunicação ou contrato situacional, para Charaudeau, não pode ser confundida com a noção de contexto. Para o autor, a situação é externa ao ato da linguagem e constitui um enquadre ao mesmo tempo físico e mental no qual se encontram os parceiros da troca linguageira. O contexto, por outro lado, estaria interno ao ato de linguagem e estariam representados pelo texto verbal, imagem, grafismo, etc.

Para configurar a situação de enunciação, Charaudeau (2008) expõe algumas características em que o sujeito falante constitui um espaço de troca em relação a um parceiro (interlocutor).

Entre elas, estão: as características físicas sobre os parceiros (se os estão presentes fisicamente um ao outro, se são únicos ou múltiplos, se estão próximos ou afastados) e sobre o canal de transmissão (oral ou gráfico, direto ou indireto, etc.); as características identitárias (sociais, socioprofissionais, psicológicas, relacionais); e as características contratuais (troca dialogal, rituais de abordagem e os papéis comunicativos).

Segundo Lysardo-Dias e Gomes (2005), o contrato situacional constitui-se de um reconhecimento da finalidade comunicativa, e o contrato comunicacional tem a finalidade de determinar as restrições do que pode ser dito nas mais variadas circunstâncias situacionais. “São as restrições comunicativas que garantem aos parceiros do ato linguageiro o direito à fala” (Ibidem, p. 119). Para dar prosseguimento aos contratos são introduzidas as noções de cálculo e de estratégias.

Estas estratégias situam-se em três planos: de legitimidade, credibilidade e captação. Segundo Lysardo-Dias e Gomes, essas estratégias são formadas com base nos modos de organização do discurso que iremos aprofundar ao longo do trabalho.

Por último, a língua para Charaudeau “constitui o material verbal estruturado em categorias linguísticas que possuem, ao mesmo tempo e de maneira consubstancial, uma forma e um sentido” (2008, p. 68).

Com objetivo de identificar a organização da reportagem a ser investigada, utilizaremos precisamente os quatro modos de organização do discurso, os quais desenvolveremos no próximo tópico.

## OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO (MOD)

Com o objetivo de delimitar o funcionamento do dispositivo e as relações entre o sujeito falante e o interlocutor, Charaudeau (2008) elabora os modos de organização do discurso. Com isso, o autor busca saber quais são “os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: ENUNCIAR, DESCRIVER, CONTAR, ARGUMENTAR” (CHARAUDEAU, 2008, p. 68).

Os procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação podem ser agrupadas em quatro Modos de Organização: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo, e o Argumentativo. Cada um desses Modos de organização possui uma função de base e um princípio de organização.

A função base corresponde à finalidade discursiva do Projeto de Fala do locutor, a saber: O que é “enunciar”? O que é “descrever”? O que é “contar”? e o que é argumentar?”. (CHARAUDEAU, 2008, p. 74)

Para configurar estes modos é preciso identificar a partir de sua função de base. O modo enunciativo pode ser identificado se a relação entre os interlocutores estiver em foco. O descritivo se o objetivo do texto é falante qualificar, identificar e localizar. Será narrativo se o fator tempo se destacar. E por fim, será argumentativo se o texto for organizado por argumentos em sistemas de valores.

### ENUNCIATIVO

Segundo Charaudeau (2008), o modo de organização enunciativo se destaca pelos protagonistas internos à linguagem. Para ele, este modo não

pode ser confundido com a Situação de Comunicação, onde os parceiros do ato da linguagem estão externos à linguagem.

Outra orientação do autor seria não confundir o modo enunciativo com a Modalização. “A modalização é uma categoria da língua que reúne o conjunto dos procedimentos estritamente linguísticos, os quais permitem tornar explícito o ponto de vista do locutor” (CHARAUDEAU, 2008, p. 81). Enquanto o modo enunciativo é uma categoria do discurso voltada para a ação do sujeito falante na encenação do ato de comunicação.

O modo enunciativo pode ser identificado em três funções:

- Comportamento alocutivo ou relação de influência: o sujeito falante implica e impõe ao seu interlocutor um comportamento.
- Comportamento elocutivo ou relação do locutor consigo mesmo: o sujeito falante emite seu ponto de vista sobre o interlocutor.
- Comportamento delocutivo ou relação do locutor com um terceiro: o sujeito falante se apaga de seu ato de enunciação e não implica o interlocutor. (CHARAUDEAU, 2008, p. 83).

## DESCRITIVO

O modo de organização descritivo é responsável por nomear, localizar e qualificar as visões de mundo construídas e representadas pela linguagem (LYSARDO-DIAS E GOMES, 2005). Segundo Assunção (1998), a descrição garante a existência de um objeto seguido de uma localização e qualificação.

Para Charaudeau (2008), na construção descritiva há três tipos de componentes:

- Nomeação: é o resultado de uma operação que consiste em fazer existir seres significantes no mundo, ou seja, é dar existência a um ser. Deve-se observar que ao nomear um objeto, o sujeito falante já expressa sua visão de mundo.

- Localização: busca-se determinar o lugar que se ocupa no espaço e no tempo, atribuindo características a este ser.
- Qualificação: É singularizar um ser através de uma visão de mundo particular, que passa pela racionalidade e pelos sentimentos, implicando a atribuição de um sentido particular ao texto (ASSUNÇÃO, 1998, p. 125)

Estes três componentes contribuem para identificar no sujeito falante sua visão de mundo ao longo de textos em análise.

## NARRATIVO

Segundo Charaudeau (2008), o princípio de organização do modo narrativo é contrário ao modo descritivo.

O discurso construído pelo Descritivo mantém-se integralmente (esgota-se) na sua manifestação, na sua superfície “descritora”. Não obedece a nenhum princípio de fechamento (eis porque não se pode resumi-lo), nem de lógica sintática além daquela que lhe é imposta pelo que lhe é exterior (pela margem de legibilidade).

Ao contrário, o discurso construído pelo Narrativo [...] obedece a um princípio de fechamento e de lógica sintática que permite fazer operações de redução ou de amplificação em torno da espinha dorsal narrativa. (2008, p. 157)

O modo narrativo é caracterizado pela construção de uma sucessão de eventos e uma cronologia que construirá o fato narrado. Ao contrário do descritivo, o narrativo obedece a uma coerência, a um encadeamento dos eventos. Três elementos podem ser delimitados:

- Uma situação inicial em que permite uma busca a um resultado final. Ou seja, o locutor expõe uma narrativa que deve propor um fechamento no final do texto.
- A consciência de um fato que deve levar a satisfação o interlocutor, instaurando um estado de busca.
- O resultado dessa busca, que pode satisfazer ou não o interlocutor.

## ARGUMENTATIVO

O modo de organização argumentativo tem como função provocar o interlocutor por meio de proposições e persuasões. O locutor parte de uma tese sobre o mundo e espera que ela faça sentido para alguém. A organização pode ser dividida em:

- Uma proposta sobre o mundo
- Uma proposição que constitui a razão possível do pôr em causa a proposta
- Um ato de persuasão que testemunha a validade da proposição (ASSUNÇÃO, 1998, p. 127)

Ainda conforme Assunção (1998):

A relação argumentativa pressupõe três componentes: uma afirmação de chegada; uma outra que possibilitará a passagem para um dado estado e uma asserção de chegada. A asserção de passagem é uma asserção intermediária e, como tal, requer um universo de crenças e valores partilhados pelos interlocutores, o que torna acessível ou recusável as asserções de partida.

Para Lysardo-Dias e Gomes, o modo argumentativo organiza os argumentos em sistemas de valores.

## “TUDO NO SEU DEVIDO LUGAR” – A ANÁLISE DE UMA REPORTAGEM

Os meios de comunicação têm se caracterizado por representarem visões de mundo aos receptores da mensagem. Eles representam, em determinada maneira, o imaginário social por transmitirem os fatos utilizando dois tipos de contrato. Como postula Charaudeau (2008), todo ato de comunicação é interlocutivo, ou seja, no nosso caso, o texto jornalístico pressupõe um contrato entre o ele e seu público leitor, podendo dividi-lo entre trazer informações e ser confiável.

A revista Veja traz uma reportagem em sua edição de 24 de dezembro de 2014 sobre a volta das relações diplomáticas entre os Estados

Unidos da América e Cuba. Na capa, o locutor já emite marcas de sua subjetividade com relação ao fato já postulando o possível fim da “ditadura comunista”.

O título que encima a reportagem já marca outro traço do locutor. Ao enunciar “Tudo no seu devido lugar”, o locutor já indica um possível fechamento na discussão entre capitalismo e comunismo. A frase condiz que, com a volta das relações entre os países, tudo voltará aos “conformes”. Não é um enunciado que encerra, mas sim uma voz do locutor que indica o fim da “ditadura comunista”, como citado na capa da revista e reforçado no subtítulo da reportagem: “[...] Pode ser o fim de um dos últimos símbolos da Guerra Fria”.

Podemos perceber a voz do sujeito falante, que ao constituir-se como sujeito enunciativo (EUE), o eu comunicante (EUc), responsável pela reportagem, coloca-se diante do outro uma forma de conclusão sobre o fato. Charaudeau (2008) quando elabora as Modalidades Elocutivas e Delocutivas, do Modo de organização enunciativo, divide as possíveis asserções do locutor entre evidência e probabilidade. O enunciado “[...] Pode ser o fim de um dos últimos símbolos da Guerra Fria” traz à tona a asserção de probabilidade, marcada como média no quadro da Teoria Semiociológica.

Segundo Charaudeau (2008), no Modo de organização enunciativo, há três tipos de Componentes da construção enunciativa: o comportamento alocutivo, elocutivo e delocutivo. Para a nossa análise focaremos no comportamento delocutivo, onde há o apagamento do sujeito.

Para o autor, a relação do locutor com um terceiro ou o “comportamento delocutivo”, é quando:

O sujeito falante se *apaga* de seu ato de comunicação e não implica o interlocutor.

Ele testemunha a maneira pela qual os discursos do mundo (provenientes de um terceiro) se *impõem* a *ele*. O resultado é uma enunciação aparentemente objetiva (no sentido de “desvinculada da subjetividade do locutor”) que faz a retomada, no ato de comunicação, de Propósitos e Textos que não pertencem ao sujeito falante (ponto de vista *externo*). (CHARAUDEAU, 2008, p. 83)

O que o autor explica é que mesmo se tratando de um texto jornalístico objetivo, as marcas do locutor podem ser explícitas ou implícitas. Em outros casos pode ocorrer a *mise in description*, como veremos no próximo tópico.

## A MISE EN DESCRIPTION

Segundo Charaudeau (apud ASSUNÇÃO, 1998), a *Mise en description* é um recurso discursivo que possibilita que o locutor intervenha explícita ou implicitamente no texto buscando provocar efeitos de sentido ao leitor. Na análise da reportagem da revista Veja, podemos perceber alguns efeitos de sentido que o locutor emite buscando intervir implicitamente o público leitor.

O primeiro deles é o efeito de saber, que o locutor descreve ou “fabrica” para si uma imagem de descritor sábio para trazer a prova de veracidade de seu relato ou argumentação. Nas palavras de Charaudeau (2008, p. 139):

O efeito de saber pode produzir-se toda vez que o descritor procede a uma série de identificações e de qualificações que, presumivelmente, o sujeito leitor não conhece.

Ele fabrica para si uma imagem de descritor sábio (homem da ciência, perito, técnico) que conheceria o mundo até os seus mínimos detalhes – seja por sua observação sistemática, seja pelo estudo científico deste –, que utiliza esse conhecimento para trazer a prova da veracidade de seu relato ou de sua argumentação.

Na reportagem há várias passagens em que o locutor emite efeitos de saber, como nas passagens abaixo:

- a) Fora sua condição de contraponto comunista separado do gigante capitalista por uma estreita faixa de mar de 160 quilômetros. Cuba é um país irrelevante. Sua economia representa apenas 0,4% da americana ou 3% da brasileira. É menor que Porto Rico, uma colônia americana com um terço de sua população e um PIB per capita quase cinco vezes maior.
- b) [...] os dólares enviados por cubanos que vivem nos Estados Unidos e o confisco da maior parte do salário de agentes de saúde que trabalham em regime de semiescravidão no Brasil e em outros países (com uma

formação de apenas três anos, eles não podem ser chamados de médicos).

Observemos o efeito de saber – que no caso, um descritor economista – na frase “Cuba é um país irrelevante”, no primeiro excerto. No segundo, o locutor já emite sua opinião sobre os médicos cubanos que são enviados a outros países, como no Brasil. Ao definir um regime de semiescravidão e por último declarar que “eles não podem ser chamados de médicos”, locutor emite um efeito de que não se pode confiar em médicos cubanos (pelo “pouco” tempo de formação) e não devemos aceitar a “situação análoga à escravidão”.

- c) Desde o início, o embargo americano foi apresentado pela propaganda comunista como um símbolo do imperialismo e o principal motivo pelo qual Cuba não consegue se desenvolver. Falso. Cuba tem liberdade para negociar com qualquer país e o faz principalmente com a Venezuela, com o Canadá e com o Brasil.
- d) O fracasso econômico vem da ineficiência estatal na condução de todos os setores da economia.
- e) Sonhar com uma Cuba democrática e rica no futuro é algo plenamente possível. Obama pode tentar a sua parte, mas uma mudança só virá quando os ditadores Fidel e Raúl Castro saírem de cena.

As passagens acima demonstram outras formas de efeito de saber que o locutor busca provocar no público leitor da revista *Veja*. No primeiro (c), há uma espécie de conclusão acerca do embargo americano ao locutor fazer uma pausa e escrever uma frase: “Falso”. E ainda continua afirmando que o fracasso de Cuba estaria na “ineficiência estatal”. Por último, o locutor provoca um efeito de saber de que a mudança com o possível fim do embargo econômico só será possível com a saída dos irmãos Castro do poder na ilha.

## EFEITO DE CONFIDÊNCIA

O efeito de confiança ocorre quando o locutor/descritor intervém ao longo do texto reflexões pessoais acerca do assunto. Como no nosso caso, o contrato de comunicação da revista *Veja* e o seu leitor são de confiabilidade e de levar informação com um certo grau de isenção,



entretanto, o apagamento do sujeito (como citado acima no componente delocutivo do modo de organização enunciativo) pode não ocorrer.

Segundo Charaudeau (2008, p. 141),

O efeito de confiança procede de uma *intervenção* explícita ou implícita do *descriptor*, que é levado a exprimir sua *apreciação pessoal*. Assim, o dispositivo enunciativo da descrição é modificado com a ajuda de *parênteses, traço de união, reflexões* de caráter geral (provérbios, máximas), *comparações* etc.

O locutor/descriptor pode intervir ao longo do texto de cinco formas: ele pode revelar reflexões pessoais; interpelar diretamente o leitor; chamar o leitor a compartilhar uma reflexão que o narrador faz consigo mesmo; organizar o seu discurso “de tal maneira que parece compartilhar com seu leitor os critérios que norteiam a descrição” (Charaudeau, 2008); e por último, proceder à negação de algumas qualificações antes de afirmar outras.

Observemos as passagens abaixo:

- f) Enquanto isso, na Casa Branca, Robert Kennedy, ministro da Justiça e irmão do presidente John Kennedy, avaliava aquele momento como o mais tenso da Crise dos Mísseis, entre os Estados Unidos e Cuba, apoiada pela União Soviética.

O locutor/descriptor faz uma reflexão pessoal acerca do assunto e da atitude do ministro sobre a Crise dos Mísseis. “[...] avaliava aquele momento como o mais tenso da Crise dos Mísseis”, o sujeito enunciativo faz uma referência como se ele estivesse presente na Casa Branca observando o ministro.

Outros casos ao longo do texto também demonstram a apreciação do locutor.

- g) Os americanos se comprometiam a, secretamente, tirar seus mísseis instalados na Turquia, e os soviéticos aceitavam retirar imediatamente todo o seu arsenal de Cuba. Ufa! Acabou a crise [...]

O locutor/descriptor se distancia de seu contrato de isenção ao utilizar uma interjeição “Ufa”. Ele demonstra sua subjetividade sobre o assunto, como um sussurro análogo a “ainda bem”, “graças a Deus”, entre outros.

- h) Foram recebidos não pelo amável “Ike”, mas por seu frio e pragmático vice-presidente, Richard Nixon.

Outra reflexão pessoal é encontrada na passagem acima. O locutor/descritor utiliza um adjetivo de proximidade com o presidente Dwight Eisenhower ao classificá-lo como “amável”. E continua sua reflexão com outros adjetivos para o vice-presidente Richard Nixon. O locutor emite sua apreciação distanciando de seu contrato de fala. É a primeira maneira de manifestar o efeito de confiança, segundo Charaudeau (2008).

## EFEITOS DE FICÇÃO E REALIDADE

Os efeitos de realidade e ficção se referem à uma alternância de duas visões de mundo, que juntas, constroem uma imagem dupla de narrador-descritor, a qual ora é exterior ao mundo descrito, ora é parte interessada em sua organização. Charaudeau (2008) explica que os efeitos ocorrem em textos pertencentes ao gênero fantástico, “nos quais a descrição representa ora um mundo realista, ora um mundo do “além”, sem que o leitor possa escolher entre os dois”. Também podem ocorrer em textos jornalísticos que relatam “fait divers” ou, segundo o autor, “proezas esportivas”.

Na passagem “A retórica bélica de Fidel Castro ressoava [...] Não era retórica vazia”, o locutor/narrador, neste caso, constrói duas visões de mundo. A primeira acerca dos acontecimentos da década de 60 e a segunda demonstrando uma visão correspondente ao período em que o texto foi escrito: “Não era retórica vazia”, como podemos perceber na passagem completa abaixo:

- i) Estamos em 27 de outubro de 1962. A retórica bélica de Fidel Castro ressoava pelos alto-falantes do Malcón, a muralha que protege Havana dos humores do Mar do Caribe. Não era retórica vazia. Fidel estava montado em baterias de mísseis soviéticos SS-4 prontos para ser disparados e apontados para Washington, Nova York, e Chicago.

O mesmo ocorre na passagem abaixo:

- j) Foi o “Sábado Negro” da crise, dia em que um avião espião americano foi abatido sobre Cuba e seu piloto morreu. A guerra parecia inevitável.

O locutor/narrador descreve o “Sábado Negro” e depois emite uma visão de mundo sem que o leitor possa escolher se realmente a guerra parecia inevitável. As duas passagens demonstram que o locutor ora utiliza uma visão de mundo histórica, ao tratar dos acontecimentos da crise dos mísseis, e ora utiliza uma visão de mundo do tempo presente para a organização do texto. Isto demonstra os efeitos de realidade e ficção que o locutor propõe ao longo do texto para captar o leitor desde há cinco décadas até a data presente do texto, que tem como tema a volta das relações diplomáticas entre Cuba e os Estados Unidos.

## EFEITO DE GÊNERO

Segundo Charaudeau, o efeito de gênero “resulta do emprego de alguns procedimentos de discurso que são suficientemente repetitivos e característicos de um gênero para tornar-se o signo deste” (2008, p. 142).

No nosso caso, estamos analisando um texto jornalístico de uma revista tradicional brasileira, a revista *Veja*. Podemos identificar no texto algumas características do gênero, conforme explica Charaudeau:

Enfim, alguns textos jornalísticos (reportagens, entrevistas, crônicas etc.) começam o relato de um acontecimento da atualidade com frases mais ou menos estereotipadas, destinadas a produzir um efeito de gênero policial, realista, fantástico etc. [...] (2008, p. 143)

Na passagem abaixo podemos identificar um efeito de gênero em textos jornalísticos que ocorre bastante. O início do texto começa com uma citação ou uma fala de um personagem descrito na reportagem:

k) “Serenamente, serenamente. Estamos dispostos a morrer em nossos postos. O que não sabemos é se os generais do Pentágono e os senadores que proclamam a guerra contra nossa pátria estão também dispostos a morrer”

A voz que emite o enunciado é de Fidel Castro. A citação em aspas é um recurso para diferenciar a voz do locutor da voz dos personagens da reportagem. No texto, é um recurso que leva o leitor ao passado, em 1962, quando Fidel “ressoava pelos alto-falantes de Malcón”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Charaudeau (2008), o ato de comunicação é interlocutivo, ou seja, todo ato de fala proferido deve ser de um locutor para um interlocutor. A análise da reportagem “O amigo americano” da revista *Veja* demonstrou que o jornalista que elaborou a reportagem se distanciou em algumas passagens de seu contrato de comunicação, que como vimos, seria o de levar informações confiáveis e de ter uma isenção ao longo do texto.

Os modos de organização da Teoria Semiolinguística são divididos em enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. No nosso trabalho identificamos o modo enunciativo delocutivo, quando ocorre um apagamento do sujeito na organização do texto, comum em textos jornalísticos. Entretanto, quando abordamos a *mise en description*, recurso discursivo em que o locutor busca provocar efeitos no receptor, no caso da reportagem, o leitor, identificamos que o sujeito falante se distanciou em algumas passagens fugindo de seu apagamento e de seu contrato de fala.

Isso demonstra que o locutor buscou provocar efeitos de saber – como no caso “Cuba é um país irrelevante” –, efeitos de confiança ou de apreciação – como “amável Ike” ou quando comentou sobre Richard Nixon: “frio e pragmático” –, efeitos de realidade e ficção – quando utilizava recursos linguísticos para remeter à história fatídica entre os dois países e demonstrando opiniões ao mesmo tempo, como em “A guerra parecia inevitável” –, e por último, o efeito de gênero, em que o autor utiliza esse efeito para transportar o leitor, logo no início da reportagem, em 1962, usando uma fala de Fidel Castro.

Para concluir, podemos ressaltar que por mais que a imprensa, seja ela impressa, televisiva, radiofônica, ou virtual, emita sua imparcialidade, sempre é possível identificar a posição do sujeito falante na organização do texto, ou seja, a opinião do sujeito, a partir da análise, sempre pode ser identificada.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Antônio. Caso encerrado: análise semiolinguística de uma reportagem político-policia! impressa. In: **Estudos em Análise do Discurso** . Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: os modos de organização do discurso** . São Paulo. Contexto, 2008.

LYSARDO-DIAS, Dylia; GOMES, Maria Carmen Aires. A teoria semiolinguística na análise da publicidade. In: **Movimentos de um percurso em Análise do discurso** . Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2005.

TEIXEIRA, Duda. **O amigo americano** : Obama reata laços diplomáticos com Cuba e apressa o fim da ditadura comunista, que logo não poderá culpar o embargo pelo seu fracasso. Veja. São Paulo. Dezembro de 2014.

## CAPÍTULO VIII

---

# CASO LEI MARIA DA PENHA, MOVIMENTOS SOCIAIS, LITÍGIO ESTRATÉGICO E A GARANTIA DE DIREITOS DAS MULHERES

Marília Cynttya Alexandre Silva

## INTRODUÇÃO

O atual governo brasileiro (2019-2021), até aqui, ficará marcado como um marco na história das Políticas Públicas do Brasil. No decorrer desses anos, as populações mais vulneráveis vêm enfrentando inúmeros desafios, entre eles a desigualdade social, a precarização do trabalho e da moradia e, como se não bastasse, a violência doméstica, muito evidenciada devido a pandemia da Covid-19, que, causou alterações nas rotinas de todos os habitantes, forçando, assim por dizer, uma maior convivência no âmbito familiar.

A Lei Federal nº 11.340/2006 (Maria da Penha) é considerada o principal marco no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres no Brasil (BRASIL, 2016). A aludida lei foi discutida, votada e sancionada depois da condenação do Brasil pela Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), resultante da denúncia de ausência de mecanismos suficientes para evitar a violência contra a mulher. Maria da Penha Maia Fernandes sofrera dupla tentativa de homicídio por parte de seu cônjuge e a morosidade do Judiciário em julgar o caso acarretou a intervenção da OEA.

De acordo com sua Ementa, a Lei:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de

Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (BRASIL, 2006)

Este capítulo pretende fazer uma análise da política pública em relação à Lei Maria da Penha, a partir da análise da legislação e do relatório nº 54/01 Caso 12.051 Maria da Penha Maia Fernandes, traçando um panorama da referida legislação, bem como da luta da Senhora Maria da Penha em busca de seus direitos, tanto ao recorrer ao judiciário brasileiro, quanto ao procurar a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA) para denunciar os crimes que foram cometidos contra ela, bem como trazer as alterações da legislação durante o atual governo, propondo ainda fazer uma análise de como a mídia, diante de fatos de grande repercussão, pode engendrar a incorporação de certos temas na agenda política, abrindo uma maior discussão sobre o tema.

## DEFINIÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

A definição de políticas públicas passa por várias análises e não é possível fazê-la de maneira simplória. Para entender uma política pública, inicialmente temos que entender quem pode e/ou deve propô-la e, até mesmo, quem pode e deve executá-la. Neste sentido, a análise de políticas públicas passa pela relação de poder do Estado, mídia, associações, entidades, coletivos organizados e a população de maneira geral.

Souza (2006) explica que não existe uma definição específica para políticas públicas, pois cada visão tem um enfoque diferenciado. A autora traz em seu texto algumas definições de políticas públicas, como a de Dye (1984), a qual diz é “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. Já Lynn (1980) a define como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos; Peters (1986), por sua vez, tem a definição de que política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente, ou através de delegação, e que os efeitos dessas atividades influenciam a vida dos cidadãos.

Com efeito, Souza continua em sua abordagem demonstrando que, segundo ela, é a mais conhecida definição de políticas públicas, trazida por



Laswell, qual seja, decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por que e que diferença faz.

Outro autor importante que traz definições para Políticas Públicas é Secchi (2013), que aponta política pública como uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público. Afirma ainda que ela possui os elementos fundamentais: intencionalidade pública e resposta a um problema público.

Secchi propõe analisar Políticas Públicas como três nós, que dizem respeito: 1) a quem poderia propor Políticas Públicas, ou seja, a legitimidade na proposição; 2) se elas podem ser uma ação ou uma omissão dos agentes públicos; e 3) saber sobre as diretrizes estruturantes (de nível estratégico) e diretrizes de nível intermediário e operacional, alegando que as políticas públicas têm essas duas vertentes.

As Políticas Públicas podem ser propostas tanto por agentes governamentais, como podem ser observadas nas agendas políticas, no entanto, isso não impede que elas sejam propostas por movimentos sociais ou entidades não governamentais, através, por exemplo, da mobilização do direito, que na definição de McCann (2010) pode ser entendida como as ações de indivíduos, grupos ou organizações em busca da realização de seus interesses e valores. A partir de mobilização do direito é possível que sejam criadas Políticas Públicas, como no caso da Lei Maria da Penha, que diante de uma ação individual, se tornou uma importante política pública em defesa das mulheres.

Conclui-se, portanto, que políticas públicas podem ser propostas por agentes estatais, grupos sociais, entidades não governamentais e atores sociais. Elas estão relacionadas a problemas públicos e, diante do problema, é necessário uma ou várias soluções. Ela é o resultado de uma ação ou omissão do Estado (ou outros atores sociais). Por fim, ela tem uma estrutura e dentro de uma mesma política pública podem existir diversas políticas públicas com uma abrangência menor que a principal, estando as Políticas Públicas sempre relacionadas a resoluções de problemas.

## LITÍGIO ESTRATÉGICO

O litígio estratégico vem sendo utilizado por grupos sociais, sujeitos em individualidade ou por instituições como forma de mobilização do direito para efetivação de políticas públicas, levando um caso modelo ao Judiciário. Nestes casos, os litigantes buscam não somente a vitória do caso concreto pleiteado, mas também uma maior discussão sobre o caso e desdobramentos jurídicos que beneficiem e garantam direitos a outros grupos sociais específicos, diminuindo assim as desigualdades sociais que existem, como, por exemplo, a notória desigualdade de gênero.

Evorah Cardoso assim define o litígio estratégico:

Litígio estratégico”, “litígio de impacto”, “litígio paradigmático” ou “litígio de caso-teste” são expressões correlatas que surgiram de uma prática diferenciada de litígio não necessariamente relacionada ao histórico da advocacia em direitos humanos. O litígio estratégico busca, por meio do uso do Judiciário e de casos paradigmáticos, alcançar mudanças sociais. Os casos são escolhidos como ferramentas para transformação da jurisprudência dos tribunais e formação de precedentes, para provocar mudanças legislativas ou de políticas públicas. Trata-se de um método ou uma técnica que pode ser utilizada para diferentes fins/temas. (CARDOSO, 2012, p. 41)

Discorrendo sobre a questão do litígio estratégico no contexto de uma causa específica, a dos direitos humanos, Juan Carlos Gutiérrez Contreras define essa perspectiva de luta da seguinte maneira:

O litígio estratégico em direitos humanos é composto por ações de atividade judicial destinadas a garantir a justiciabilidade dos direitos humanos perante instâncias nacionais ou internacionais, cujo objetivo é avançar na modificação estrutural das regras e procedimentos do direito interno, a fim de conquistar com um caso ou situação específica, uma mudança legal com amplas implicações sociais. (CONTRERAS, 2011, p. 13)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> No original: El litigio estratégico en derechos humanos se compone de acciones de actividad judicial encaminadas a garantizar la justiciabilidad de los derechos humanos ante las instancias nacionales o internacionales cuyo fin es avanzar en la modificación estructural de las normas y procedimientos del derecho interno, a efectos de abarcar con un caso o situación puntual un cambio legal con implicaciones sociales extensas (CONTRERAS, 2011, p. 13).

Assim sendo, o litígio estratégico não busca somente a análise da vitória em um caso concreto; considera também o que se espera, em termos de possibilidades, para outros casos. Numa análise crítico-reflexiva, leva também em conta como e o quê o julgamento do caso concreto traz (ou trouxe) de desdobramentos políticos e sociais para outros grupos, resultados esses capazes de modificar a realidade jurídica de um grupo/instituição, assegurando direitos, ampliando a discussão sobre o assunto, concentrando os movimentos sociais com os mesmos objetivos e garantindo a aplicação da legislação. Por consequência, o litígio estratégico é também um instrumento da mobilização do direito.

Dessa forma, para a investigação proposta, o litígio estratégico configura uma perspectiva de análise fundamental, pois vivenciamos na atual conjuntura uma situação política de ameaça e cerceamento dos direitos das mulheres e/ou de grupos sociais que sempre tiveram que lutar pela conquista dos direitos mais básicos – tendo na mobilização do direito um aspecto central de seu repertório de ação coletiva, com o fim de expansão de direitos e sua conversão em políticas públicas de Estado.

## LEI MARIA DA PENHA: UM CASO DE LITÍGIO ESTRATÉGICO

Até a década de 1990, não existia nenhuma legislação específica no Brasil que coibisse os delitos praticados por homens contra as suas parceiras. Isto, no entanto, não significa que as mulheres não tenham se postado coletivamente em luta por direitos no Brasil, conforme podemos verificar em importante literatura sobre o tema (Cf. SAFFIOTI, 2013; BRANDÃO e BINGEMER, 1994; DEL PRIORE, 1992), mas que os direitos a elas chegaram tardiamente, por assim dizer.

A Lei Maria da Penha foi uma conquista de direito das mulheres através da mobilização do direito, sobretudo, porque o Estado Brasileiro, à época, não dispunha de nenhuma política efetiva de proteção às mulheres que passavam por violações de seus direitos, com isso, em conformidade com a definição do autor Dye (1984), sobre políticas públicas, as definindo como “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”, antes da promulgação da Lei Maria da Penha, o Estado, de certo modo, se omitia aos casos de

violência contra a mulher, tendo em seu ordenamento jurídico somente previsões mais genéricas; por conseguinte, os agressores, de um modo geral, respondiam pelos crimes cometidos em liberdade. Os mecanismos de punição utilizados eram somente os presentes no Código Penal, Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

De acordo com Milena Pavan Serafim e Rafael de Brito Dias (2012), no texto *Análise de política: uma revisão da literatura*, o Estado é um ambiente de sistemática disputa política. Não deve, portanto, ser compreendido como um ente independente da sociedade e imune aos conflitos que nela se manifestam. Desse modo, no caso da lei Maria da Penha, o Estado atende uma demanda da sociedade civil, promovida por uma mulher, apoiada por entidades independentes. Conforme aponta o texto:

Na visão de Oszlak e O'Donnell (1995), é possível afirmar que uma política estatal não constitui nem um ato nem um reflexo de uma resposta isolada, mas sim um conjunto de iniciativas e respostas que permitem inferir a posição do Estado frente a uma determinada questão. Assim, as políticas estatais podem ser classificadas como “nós” do processo social, na medida em que refletem as diversas interações (inclusive disputas) entre os atores sociais.

Em consonância com a literatura, conclui-se que a legislação pertinente à defesa de direitos das mulheres foi fruto de uma disputa coletiva, pautada pela sociedade civil, tendo uma resposta do Estado a essa demanda, efetivando, assim, um direito às mulheres que sistematicamente tinham seus direitos violados, de um modo geral por companheiros. Ao investigar a literatura norte-americana do paradigma da mobilização do direito e tomando o caso da Lei Maria da Penha como “modelo”, Débora Maciel aponta que a Campanha em torno da Lei n. 11.340/2006, significou não apenas a utilização da Justiça como estratégia política para assegurar uma conquista individual a um sujeito desprotegido do Estado, mas principalmente a expansão do Direito, sobretudo do Direito Penal como instrumento de resolução de conflitos (MACIEL, 2011).

## PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DA POLÍTICA

O processo de elaboração de uma política pública, passa por alguns momentos, que vão da identificação dos problemas até a implementação da Política, no caso a Lei Maria da Penha, aqui podemos apontar alguns questionamentos quanto à identificação do problema, pois Maria da Penha foi vítima de tentativa de homicídio no ano de 1983, momento no qual, o Estado deveria ter intervindo e reconhecido o problema. Posteriormente, ela ingressou com uma ação judicial contra o seu então companheiro e o julgamento aconteceu no ano de 1991, prosseguindo sua peregrinação, no ano de 1996 houve mais um julgamento e, mais uma vez, usando alegações de problemas processuais, a defesa do acusado conseguiu mantê-lo em liberdade. Finalmente, no ano de 1998, o caso é denunciado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA). Mesmo diante de tantas acusações, o Estado brasileiro ainda se mantinha omissos quanto à incorporação do assunto na agenda política, de modo que foi responsabilizado por negligência e omissão em relação às agressões denunciadas. É importante salientar que os dados já apontavam a falta de uma legislação específica na defesa dos direitos das mulheres, entretanto o Estado somente passou a reconhecer esse problema quando foi condenado por não ter dispositivos legais de proteção às mulheres.

De acordo com Relatório Anual 2000 - Relatório nº 54/01 Caso 12.051 Maria da Penha Maia Fernandes, Brasil 4 de abril de 2001:

Conclui também que essa violação segue um padrão discriminatório com respeito a tolerância da violência doméstica contra mulheres no Brasil por ineficácia da ação judicial. A Comissão recomenda ao Estado que proceda a uma investigação séria, imparcial e exaustiva para determinar a responsabilidade penal do autor do delito de tentativa de homicídio em prejuízo da Senhora Fernandes e para determinar se há outros fatos ou ações de agentes estatais que tenham impedido o processamento rápido e efetivo do responsável; também recomenda a reparação efetiva e pronta da vítima e a adoção de medidas, no âmbito nacional, para eliminar essa tolerância do Estado ante a violência doméstica contra mulheres. (RELATÓRIO ANUAL 2000 RELATÓRIO Nº 54/01)

A partir do reconhecimento do problema, através de uma orientação emitida pelo relatório, à questão da violência contra a mulher passou a, lentamente, ser incorporada na agenda política brasileira. Entretanto, somente no ano de 2006 a lei foi aprovada. Os fatores externos foram de extrema importância para a aprovação da lei, que ainda contou com participação de outros atores sociais, como Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA); Advocacia Cidadã pelos Direitos Humanos (ADVOCACI); Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM/BR); e Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero (THEMIS), e o público, cidadãos interessados na criação da Política Pública, e que, por consequência, seriam também beneficiados com a legislação em questão.

Ao prosseguirmos na análise da política envolvendo a Lei Maria da Penha, entende-se que o assunto passou a fazer parte da agenda política nacional, sendo o assunto cada vez mais discutido no âmbito político, como podemos observar nas alterações da legislação. Esta lei, desde o momento da sua promulgação, teve alterações significativas, como a Lei nº 13.505, de 8 de novembro de 2017, que concedeu o direito à mulher em situação de violência doméstica e familiar de ter atendimento policial e pericial especializado, ininterrupto e prestado, preferencialmente, por servidores do sexo feminino. Essa lei, ainda, alterou a Lei Maria da Penha para tipificar o crime de descumprimento de medidas protetivas.

Além disso, a Lei nº 13.772, de 19 de dezembro de 2018, alterou a Lei Maria da Penha e o Código Penal para reconhecer que a violação da intimidade da mulher configura violência doméstica e familiar e para criminalizar o registro não autorizado de conteúdo com cena de nudez ou ato sexual ou libidinoso de caráter íntimo e privado.

Para além dessas leis já sancionadas, existem alguns projetos de lei, propostos por agentes públicos, para a ampliação do direito das mulheres e para maiores punições aos agressores e até mesmo a proibição de pessoas condenadas por crimes tipificados na Lei Maria da Penha serem nomeadas na esfera da Administração Pública Federal, Direta e Indireta, em cargos de livre nomeação e exoneração.

## EVOLUÇÃO DA LEGISLAÇÃO E OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER (2019-2021)

Durante o governo atual (2019-21), a Lei Maria da Penha sofreu 6 alterações em seus artigos, criando novos mecanismos na tentativa de coibir os números de agressões sofridas por mulheres, vítimas de violência doméstica. As alterações foram as seguintes:

LEI Nº 13.827, DE 13 DE MAIO DE 2019, autoriza, nas hipóteses que especifica, a aplicação de medida protetiva de urgência, pela autoridade judicial ou policial, à mulher em situação de violência doméstica e familiar, ou a seus dependentes, e para determinar o registro da medida protetiva de urgência em banco de dados mantido pelo Conselho Nacional de Justiça.

LEI Nº 13.836, DE 4 DE JUNHO DE 2019, tornando obrigatória a informação sobre a condição de pessoa com deficiência da mulher vítima de agressão doméstica ou familiar.

LEI Nº 13.871, DE 17 DE SETEMBRO DE 2019, responsabilizando o agressor pelo ressarcimento dos custos relacionados aos serviços de saúde prestados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) às vítimas de violência doméstica e familiar.

LEI Nº 13.880, DE 8 DE OUTUBRO DE 2019, prevê a apreensão de arma de fogo sob posse de agressor em casos de violência doméstica.

LEI Nº 13.882, DE 8 DE OUTUBRO DE 2019, garante a matrícula dos dependentes da mulher vítima de violência doméstica e familiar em instituição de educação básica mais próxima de seu domicílio.

LEI Nº 13.894, DE 29 DE OUTUBRO DE 2019, prevê a competência dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher para a ação de divórcio, separação, anulação de casamento ou dissolução de união estável nos casos de violência e para tornar obrigatória a informação às vítimas acerca da possibilidade de os serviços de assistência judiciária ajuizarem as ações mencionadas.

LEI Nº 13.984, DE 3 DE ABRIL DE 2020, estabelece como medidas protetivas de urgência frequência do agressor a centro de educação e de reabilitação e acompanhamento psicossocial.

Mesmo diante a tantas alterações da Legislação, podemos concluir que existe uma inocência, pois, mesmo com medidas mais abrangentes, os índices da violência contra a mulher não para de crescer e inclusive, é cada vez mais noticiado na mídia brasileira e denunciado nas redes sociais.

De acordo com o Monitor da Violência, o número de homicídios de mulheres diminuiu no ano de 2019, chegando a 3739 casos de homicídios dolosos, uma diminuição considerável, entretanto, em contramão desses dados, o número de feminicídios aumentou, passando de 1047 no ano de 2017, 1225, no ano de 2018 e chegando a 1314 casos, no ano de 2019. Um aumento de mais de 7% dos casos, em um ano (2018-2019).

## A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA MÍDIA

A análise aqui proposta faz um recorte temporal entre os anos de 2019 a 2021, a fim de averiguar como a mídia vem noticiando os casos de violência contra mulher, sobretudo as cometidas por companheiros e ex-companheiros que não aceitam o fim do relacionamento, alguns casos, tiveram grande repercussão nacional. Para análise, selecionamos o último caso de maior repercussão nacional, ocorrido no dia 24 de dezembro de 2020, o caso da Juíza Viviane Arronenzi, assassinada na frente das filhas pelo seu ex-companheiro.

Com mais de 400 mil fontes de pesquisa, o caso da juíza Viviane Vieira do Amaral Arronenzi, chamou atenção da sociedade e da mídia em geral, o caso tem algumas particularidades, pois se trata de um crime de feminicídio, cometido pelo ex-companheiro da vítima, o crime aconteceu na frente das 3 filhas do casal, em uma rua pública, no bairro da Barra da Tijuca, no Estado do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que a juíza já havia entrado com uma medida protetiva no dia 14 de setembro, contra o seu agressor, registrando uma ocorrência de lesão corporal e ameaça, ocasião na qual o acusado a ameaçou de morte. Desse modo, seu ex-companheiro ficou proibido de se encontrar com Viviane e a partir da medida protetiva, a juíza passou a andar com uma escolta, para a sua segurança. No mês de novembro, a magistrada abriu mão da escolta e no dia 24 de dezembro de 2020, Viviane foi atacada pelo agressor, com 16 facadas, o que causou a sua



morte. O caso foi amplamente divulgado em todas as emissoras da televisão brasileira, sites de notícias e redes sociais. O caso chama atenção ainda pelo perfil da vítima, de acordo com o Balanço Dique 180 (2019), o perfil das vítimas de violência são mulheres declaradas pardas e pretas, solteiras e na faixa etária de 25 e 35 anos.

Na mesma semana em que a juíza Viviane foi assassinada, mais cinco mulheres tiveram a sua vida interrompida, também vítimas de feminicídio, entretanto, a mídia não deu o mesmo enfoque aos outros casos, inclusive, alguns veículos de comunicação, sequer citam os nomes das vítimas, ambas assassinadas por companheiros ou ex-companheiros que não aceitavam o fim do relacionamento.

O caso reascende a discussão sobre o feminicídio na mídia brasileira, com apoio inclusive de entidades como o Supremo Tribunal Federal, Conselho Nacional de Justiça, Tribunal de Justiça do Rio e a Defensoria Pública, que se manifestaram sobre o assassinato da juíza, classificando a ação como brutal, ressaltando a necessidade de uma maior discussão sobre o assunto e prometendo que o caso não ficará impune.

Dessa forma, conclui-se que a mídia pode engendrar a incorporação de certos temas na agenda política brasileira, abrindo uma maior discussão sobre o tema, o que pode, de acordo com a análise de política, fazer com que o assunto seja cada vez mais pautado e discutido, podendo, desse modo, levar ao surgimento de uma nova política pública, em defesa dos direitos das mulheres ou mesmo aprimorando as políticas já existentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020 nos alertou sobre a importância do Estado e das Políticas Públicas no que tange à proteção do direito e da vida das mulheres em situação de vulnerabilidade. O distanciamento social, e por assim dizer, o contato mais próximo e contínuo no âmbito familiar, se mostrou uma grave ameaça a vida das mulheres, que cada vez mais vem denunciando as agressões por elas sofridas.

A violência contra a mulher é uma grave violação de direitos humanos e tem suas raízes na cultura patriarcal que construiu a

representação do lugar social da mulher nas atividades domésticas e de subordinação ao homem.

Mesmo após os 14 anos de vigência da Lei Maria da Penha nº 11.340/2006, há ainda um caminho longo a ser percorrido para que haja igualdade de direitos entre homens e mulheres e, sobretudo, para que as mulheres estejam de fatos protegidas e amparadas pela legislação em sua defesa.

O histórico da Lei Maria da Penha demonstra que determinada política pública pode ter seu surgimento provocado por força de uma mobilização jurídica, através de iniciativa da vítima que recorreu à justiça pelos seus direitos, quando a legislação ainda era muito insipiente na proteção dos direitos das mulheres. A Lei representa verdadeiro precedente a ser lembrado no atual contexto em que violações de Direitos Humanos foram escancaradas em contexto de pandemia. Se faz necessária uma análise e revisão das políticas públicas de defesa de Direitos Humanos, sobretudo em face da violência contra mulher. De fato, a Lei Maria da Penha representou um marco na criação de uma política pública nacional especificamente dirigida ao enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher. No entanto, a concretização dessa política pública demanda esforços permanentes e duradouros por parte de todos os agentes envolvidos nessa política, sempre atentos no sentido de assegurar avanços em searas ainda lacunosas, evitando qualquer tipo de retrocesso.

Por isso mesmo, esse artigo, que é derivado da pesquisa de mestrado, visa inserir essas discussões de litígio estratégico, mobilização do direito e como esses assuntos são pautados pela grande mídia, promovendo uma maior discussão sobre o assunto. Desse modo, entendemos que um dos possíveis caminhos para a ampliação aos direitos das mulheres, seja a mobilização do direito, seja a repercussão geral, ou simplesmente chamando a atenção para a conscientização e necessidade desses direitos a grupos vulneráveis, tomando como base o próprio sucesso da Lei Maria da Penha e todos os desdobramentos que o processo gerou, é de fundamental importância político-social, o que, em nossa compreensão, se faz também o objetivo e esforços desse artigo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Nacional. **Observatório da Mulher Contra a Violência**. Panorama da violência contra as mulheres no Brasil. Brasília, 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.html)  
Acesso em: 14 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos(MMFDH). **Relatórios** - Disque 180, Relatório Geral 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/balanco-anual-ligue-180-registra-1-3-milhao-de-ligacoes-em-2019/BalanoLigue180.pdf>. Acesso em: 01/03/2021.

CARDOSO, Evorah (2012a). **Cortes supremas e sociedade civil na América Latina: estudo comparado Brasil**, Argentina e Colômbia. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.  
doi:10.11606/T.2.2012.tde-16052013-162225. Acesso em: 08. Jun. 2019.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro et al. **Avaliando a efetividade da Lei Maria da Penha**. 2015.

CONTRERAS, Juan Carlos Gutiérrez; COVELLI, Tatiana Rincón; MARTÍNEZ, Silvano Cantú. **Litígio estratégico en derechos humanos. México**: Comisión Mexicana de Defensa y Promoción de Los Derechos Humanos A.c., 2011. 136 p. Disponível em: <<http://cmdpdh.org/wp-content/uploads/2013/01/LITIGIO16x21.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2019.

HUMANOS, Comissão Interamericana de Direitos. **Relatório anual 2000** : relatório nº 54/01 caso 12.051 maria da penha maia fernandes. Brasil: Organização dos Estados Americanos, 2001. 16 p. Disponível em: <[http://www.sbdp.org.br/arquivos/material/299\\_Relat%20n.pdf](http://www.sbdp.org.br/arquivos/material/299_Relat%20n.pdf)>. Acesso em: 05. Ago. 2019.

IPEA – instituto de pesquisa econômica aplicada. **Brasil em desenvolvimento** : Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília

INSTITUTO PATRÍCIAL GALVÃO. **Imprensa e Direitos das Mulheres** : papel social e desafios dacobertura sobre feminicídio e violência sexual. 2020. Disponível em: <https://assets-institucional->

ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/12/IPG\_RelatorioMonitorament  
oCoberturaFeminicidioViolenciaSexual2019.pdf.

MACIEL, Débora Alves. Ação Coletiva, Mobilização do Direito e Instituições Políticas: o Caso da Campanha da Lei Maria da Penha. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 77, outubro, 2011, p. 97-111.

MCCANN, Michael. Poder Judiciário e mobilização do direito: uma perspectiva dos “usuários”. **Anais do Seminário Nacional sobre Justiça Constitucional**, p. 175-196, 2010.

SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas**: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SERAFIM, Milena Pavan; DE BRITO DIAS, Rafael. Análise de política: uma revisão da literatura. **Cadernos Gestão Social**, v. 3, n. 1, p. 121-134, 2012.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, n. 16, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16>. Acesso em 07 set. 2020.

## CAPÍTULO IX

---

# A MÚSICA DOS AINUR: O CORPO NO MITO COSMOGÔNICO DO MUNDO FICCIONAL DE J. R. R. TOLKIEN EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Alline Duarte Rufo

## INTRODUÇÃO

Os mitos cosmogônicos são a história da criação, contam como um determinado mundo foi originado. Suas primeiras criaturas, interações e ações, constituindo assim, na relação, a ideia a respeito do modo como os seres de diferentes raças veem a si mesmos e aos outros dentro do mundo. Um dos grandes diferenciais das obras do escritor, professor universitário e filólogo britânico John Ronald Reuel Tolkien é a criação de um mundo ficcional e seu mito cosmogônico. Não há apenas uma obra em que se desenvolve uma história de fantasia com diferentes seres em um mundo paralelo e verossímil, mas uma vasta mitologia de mais de três eras que se liga a mitologia do nosso mundo atual. Há um mito de origem para todo o universo e sua magia, assim como os processos de transformação desse mundo e dos seres que o habitam até que chegue a era em que vivemos.

Cronologicamente o mundo ficcional tolkieniano pode ser explicado da seguinte forma. Arda, conforme os relatos de *O Silmarillion* é criado sem o sol e a lua, antes disso, ela possui uma lamparina e depois duas árvores que a iluminam, para posteriormente ter a criação das estrelas, lua e sol. Nessa época em que ela ficou na escuridão seu tempo é medido em Anos dos Valar (V.Y.), após a criação das Duas Árvores dos Valar, uma nova contagem se inicia em 3501 V.Y. e em 4550 V.Y. ocorre o despertar dos primogênitos, os elfos.

Com base nas obras da coleção *Tolkien's Legendarium*, mais especificamente as obras *Morgoth's Ring* (TOLKIEN, 1993, p. 47–138) e *The War of the Jewels* (TOLKIEN, 1994, p. 3–170), temos que por volta de 5000 V. Y. começam os Anos do Sol, após a destruição das Duas Árvores

por Melkor e Ungoliant, a criação das estrelas, do sol e da lua e o despertar dos homens. A partir desse momento temos a Primeira Era com a duração aproximada de 590 anos; a Segunda Era com 3441 anos começa com a fundação da Mithlond sob Círdan, o Reino Noldorin sob Gil-Galad e termina com a derrota de Sauron nas mãos da Última Aliança de Elfos e Homens; a Terceira Era dura 3021 anos e termina com a derrota de Sauron na Guerra do Anel e o estabelecimento do Reino Reunido de Arnor e Gondor. Já a Quarta Era, pouco mencionada porque possui apenas um resumo dos seus dois primeiros séculos, é considerada fora dos relatos do *Tolkien's Legendarium*, consistindo na transição para o período histórico do “mundo real”.

Segundo Tolkien a respeito da cronologia das *Terras do Oeste* no apêndice B, *Os Contos dos Anos*, as eras podem ser divididas da seguinte forma:

A *Primeira Era* terminou com a Grande Batalha, na qual o Exército de Valinor destruiu Thangorodrim e derrotou Morgoth. Então a maior parte dos noldor retornou para o Extremo Oeste e passou a morar em Eressëa, perto de Valinor, e muitos dos sindar também atravessaram o Mar.

A *Segunda Era* terminou com a primeira derrota de Sauron, servidor de Morgoth, e com a tomada do Um Anel.

A *Terceira Era* chegou ao fim com a Guerra do Anel; entretanto só se considera que a Quarta Era teve início com a partida de Mestre Elrond, quando chegou a época do domínio dos homens e do declínio de todos os outros “povos falantes” na Terra-média.

Na *Quarta Era*, todas as eras anteriores eram freqüentemente chamada de Dias Antigos, mas esse nome fica mais adequado se for aplicado somente aos dias anteriores ao banimento de Morgoth. As histórias dessa época não estão registradas aqui. (TOLKIEN, 2001, p. 1146)

No entanto, o mito cosmogônico tolkeniano acontece antes do que é considerado Primeira Era em Arda, ele ocorre fora dessa cronologia, pois Arda ainda não fora criada. O relato da criação do mundo a partir de um único ser e no Vazio se encontra no livro *O Silmarillion*.

*O Silmarillion* começou a ser escrito em 1917, quando J. R. R. Tolkien, que na época servia o Corpo de Fuzileiros de Lancashire, adoeceu de “febre das trincheiras” e convalescente na Inglaterra, tomou um caderno e escreveu a sua mitologia, intitulou-a *O livro dos Contos Perdidos* (*The*

*Book of Lost Tales*), que mais tarde se transformaria em *O Silmarillion*. A escrita desse relato se estendeu por toda a sua vida e em 1937, logo após a publicação de *O Hobbit*, apresentou o material que tinha os editores da *Allen & Unwin* para publicação, porém esse foi negado; e em 1950 quando estava finalizando *O Senhor dos Anéis* ofereceu para *HarperCollins* conjuntamente com *O Silmarillion* para publicação, porém as negociações falharam e *O Senhor dos Anéis* foi publicado, deixando *O Silmarillion* novamente fora dos olhos do público. Só foi possível a publicação da obra, após a morte do autor, em 1977. A primeira edição brasileira foi publicada em dezembro de 1999 com tradução de Waldéa Barcellos e revisão técnica de Ronald Kyrmse.

*O Silmarillion* está dividido em cinco partes, quais sejam:

- Primeira - "Ainulindalë (A Música dos Ainur)", conta da criação de Eä, o "mundo que é".
- Segunda - "Valaquenta (O Relato dos Valar)", dá a descrição dos Valar e Maiar, os poderes sobrenaturais de Eä.
- Terceira - Quenta Silmarillion (A História das Silmarils), que forma a maior parte do livro, narra a história dos eventos antes e durante a Primeira Era, incluindo as guerras sobre as Silmarils.
- Quarta - Akallabêth, relata a história da Queda de Númenor e seu povo, que tem seu lugar na Segunda Era.
- Quinta - "Dos Anéis de Poder e a Terceira Era", é um breve relato das circunstâncias que levaram aos eventos narrados em *O Senhor dos Anéis*.

## A MÚSICA DOS AINUR

A música que dá origem ao mundo é o trecho da obra que vamos olhar mais atentamente para poder entender as relações dialógicas que ali existem, assim como será possível perceber que há uma corporeidade, mesmo em seres "sem" corpos, os Valar.



Alguns desses pensamentos ele agora entrelaçava em sua música, e logo a dissonância surgiu ao seu redor. Muitos dos que cantavam próximo perderam o ânimo, seu pensamento foi perturbado e sua música hesitou; mas alguns começaram a afinar sua música a de Melkor, em vez de manter a fidelidade ao pensamento que haviam tido no início. Espalhou-se então cada vez mais a dissonância de Melkor, e as melodias que haviam sido ouvidas antes soçobraram num mar de sons turbulentos. Ilúvatar, entretanto, escutava sentado até lhe parecer que em volta de seu trono bramia uma tempestade violenta, como a de águas escuras que guerreiam entre si numa fúria incessante que não queria ser aplacada. (TOLKIEN, 2009, p. 4-5)<sup>1</sup>

Nesse trecho, algumas partes podem ser destacadas, como: “começaram a afinar sua música a de Melkor”, aqui podemos pensar uma harmonização de determinados Valar a voz de Melkor, aos pensamentos e intenções de Melkor, assim teríamos, como menciona Bakhtin, um agrupamento de vozes sociais, começa aqui não apenas Melkor discordar de Eru, mas outros a concordarem com Melkor, assim eles estão em dissonância com a de Eru, mas em consonância com Melkor. Dissonância, conceito da teoria musical, é, segundo Ígor Stravinsky, compositor, pianista e maestro russo, em seu livro *Poética Musical em Seis Lições*:

Consonância, diz o dicionário, é a combinação de diversas notas musicais em uma unidade harmônica. A dissonância resulta da perturbação dessa harmonia pela adição de notas estranhas a ela. [...] a dissonância é um elemento de transição, um complexo ou intervalo de notas que não está completo em si mesmo, e que deve ser resolvido, para satisfação do ouvido, em uma consonância perfeita. (*tradução minha*)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Some of these thoughts he now wove into his music, and straightway discord arose about him, and many that sang night him grew despondent, and their thought was disturbed and their music faltered; but some began to attune their music to his rather than to the thought which they had at first. Then the discord of Melkor spread ever wider, and the melodies which had been heard before foundered in a sea of turbulent sound. But Ilúvatar sat and hearkened until it seemed that about his throne there was a raging storm, as of dark waters that made war one upon another in an endless wrath that would not be assuaged. (TOLKIEN, 1999, p. 4)

<sup>2</sup> “La consonancia, según el diccionario, es la fusión de varios sonidos en una unidad armónica. Ladisonancia es el resultado de un quebranto de esta armonía por la adición de sonidos extraños. [...] La disonancia es un elemento de transición, un complejo o un

Assim, nesse primeiro momento da música, Melkor é a dissonância (junto com outros Valar que harmonizam a sua música em relação a dele e não a de Eru) porque ele causa uma perturbação na harmonia de Eru, adicionando notas *estranhas* a ela. Ressaltando que há aqui um elemento de transição, já que posteriormente a música se transformará. Há um processo de composição e embate de vozes a partir da consonância e dissonância musical.

Importante pautar que há um narrador nesse trecho que possui uma valorização ideológica sobre música, linguagem e sujeito: é o narrador que caracteriza a voz de Melkor dentro da estrutura da música com adjetivos como soçobrar (movimento violento) valorizando assim essa voz e a sua diferenciação como dissonância, como se Melkor estivesse errando dentro da música e devesse ser corrigido para satisfação harmônica, assim essa harmonização não é apenas em relação a música, mas a uma ideologia.

Ergueu-se então Ilúvatar, e os Ainur perceberam que ele sorria. E ele levantou a mão esquerda, e um novo tema surgiu em meio à tormenta, semelhante ao tema anterior e ao mesmo tempo diferente; e ganhava força e apresentava uma nova beleza. Mas a dissonância de Melkor cresceu em tumulto e o enfrentou. Mais uma vez houve uma guerra sonora, mais violenta do que antes, até que muitos dos Ainur ficaram consternados e não cantaram mais, e Melkor pôde dominar. Ergueu-se então novamente Ilúvatar, e os Ainur perceberam que sua expressão era severa. Ele levantou a mão direita, e vejam! Um terceiro tema cresceu em meio à confusão, diferente dos outros. Pois, de início parecia terno e doce, um singelo murmúrio de sons suaves em melodias delicadas; mas ele não podia ser subjogado e acumulava poder e profundidade. E afinal pareceu haver duas músicas evoluindo ao mesmo tempo diante do trono de Ilúvatar, e elas eram totalmente díspares. Uma era profunda, vasta e bela, mas lenta e mesclada a uma tristeza incomensurável, na qual sua beleza tivera principalmente origem. A outra havia agora alcançado uma unidade própria; mas era alta, fútil e infundavelmente repetitiva; tinha pouca harmonia, antes um som uníssono e clamoroso como o de muitas trombetas soando apenas algumas notas. E procurava abafar a outra música pela violência de sua voz, mas suas

---

intervalo sonoro que no se basta a sí mismo y que debe resolverse, para la satisfacción auditiva, en una consonancia perfecta” (STRAVINSKY, 2007, p. 55).

notas mais triunfais pareciam ser adotadas pela outra e entremeadas em seu próprio arranjo solene. (TOLKIEN, 2009, p. 5)<sup>3</sup>

Durante essa dissonância que Melkor causou, Eru se levantou e começou a reger para que os outros Valar tocassem o que desejava, tentando assim harmonizar ou silenciar essa dissonância, mas Melkor e os Valar harmonizados a ele continuaram, até que nesse processo pareciam haver duas músicas em uma unidade rítmica e melódica em vez de uma. Assim: “Uma era profunda, vasta e bela” que podemos remeter essa profundidade e vastidão a uma elevada técnica musical assim como também um conhecimento escondido de temas não revelados em sua composição. Pois, existe um movimento de criação de temas por Ilúvatar conforme a dissonância de Melkor ganha força: o tema primeiro dado por ele aos Valar é a criação do mundo em si, na primeira dissonância de Melkor, quando Ilúvatar levanta uma de suas mãos, um segundo tema é criado, o nascimento dos elfos, os primogênitos e com a força da dissonância de Melkor Ilúvatar levanta sua segundo mão e cria o terceiro tema, os homens, os sucessores.

Ainda em relação as características que são atribuídas a música de Eru, no trecho selecionados podemos destacar a seguinte frase para análise: “mas lenta e mesclada a uma tristeza incomensurável” que, dado o segundo tema, pode ser relacionado com os elfos, sua beleza e a tristeza da sabedoria

---

<sup>3</sup> Then Ilúvatar arose, and the Ainur perceived that he smiled; and he lifted up his left hand, and a new theme began amid the storm, like and yet unlike to the former theme, and it gathered power and had new beauty. But the discord of Melkor rose in uproar and contended with it, and again there was a war of sound more violent than before, until many of the Ainur were dismayed and sang no longer, and Melkor had the mastery. Then again Ilúvatar arose, and the Ainur perceived that his countenance was stern; and he lifted up his right hand, and behold! a third theme grew amid the confusion, and it was unlike the others. For it seemed at first soft and sweet, a mere rippling of gentle sounds in delicate melodies; but it could not be quenched, and it took to itself power and profundity. And it seemed at last that there were two musics progressing at one time before the seat of Ilúvatar, and they were utterly at variance. The one was deep and wide and beautiful, but slow and blended with an immeasurable sorrow, from which its beauty chiefly came. The other had now achieved a unity of its own; but it was loud, and vain, and endlessly repeated; and it had little harmony, but rather a clamorous unison as of many trumpets braying upon a few notes. And it essayed to drown the other music by the violence of its voice, but it seemed that its most triumphant notes were taken by the other and woven into its own solemn pattern (TOLKIEN, 1999, p. 5).

dos anos, pois os elfos são imortais devendo existir enquanto existir Arda. Eles passam por todas as suas eras, mas em um dado momento da história, no fim da Terceira Era, eles se colocam para fora do mundo para que os sucessores, os homens, tenham o seu momento na história de Arda. Essa tristeza pode ser relacionada com o fato de que os Elfos sabem, de certa forma, o que acontecerá com o mundo, mas não podem fazer nada, não podem interferir nos planos de Eru.

Já em relação à segunda música, a atribuída a Melkor, temos que: “A outra havia alcançado uma unidade própria”. A música de Melkor que antes eram apenas algumas notas soltas, agora começa a ter uma harmonia própria quando outros Valar se juntam a essas notas, deixando de ser uma dissonância dentro da unidade harmônica de Eru, ou seja, começa a ter a sua própria unidade melódica e rítmica. Ela também é caracterizada como “alta, fútil e infundavelmente repetitiva”, “alta” referindo-se a um volume alto, de perturbar pela sua altura sonora. O “alto” para abafar, já que falta técnica para fazer notas/acordes diferentes, já o “fútil”, podemos relacionar com a falta de temas, temas não considerados importantes ou egoístas. Por fim, “infundavelmente repetitiva”, ou seja, a repetição da mesma escala/melodia e tema diversas vezes. E como última característica, a música de Melkor é apresentada como “tinha pouca harmonia”, o que não quer dizer nenhuma, apenas pouca. Podendo pensar que é essa pouca harmonia o começo da sua unidade – do seu propósito e ideologia –, é nesse momento que ocorre o seu afastamento da harmonia da música de Eru. Ressaltando que só é possível saber que uma música tem pouca ou muita harmonia se ela estiver na relação com outra.

Por fim, “antes um som uníssono e clamoroso”, que contrasta com a frase anterior de “pouca harmonia”, tão pouca harmonia que mais parecia um som uníssono, ou seja, para ter pouca harmonia e parecer um som uníssono já se apreende o sentido de contrastante. Sendo assim, a música de Melkor possuía tão pouca harmonia que dentro da música de Eru ela soava como um som uníssono e clamoroso. Dois tons em uníssono são considerados da mesma altura, mas ainda podem ser percebidos como se originando de fontes diferentes. Por isso, sua comparação com a “de muitas trombetas soando apenas algumas notas”. O uníssono é considerado o

intervalo mais consonante enquanto o quase uníssono é o mais dissonante porque as frequências de sons estão tão próximas que elas se chocam. Melkor está tão próximo de Eru e não mais uma oitava à distância – subjulgado – que ele se choca com ele causando dissonância.

Esse movimento de caracterização da dissonância de Melkor dentro da música nos mostra uma discussão, um embate entre ele e Eru e com isso poderíamos pensar que a música monofônica está se transformando em polifônica. A monofonia, para teoria musical se dá quando só uma voz existe ou, se há outras, seguem a principal em uníssono ou à distância de oitava(s), ou apenas tecem floreios em torno da principal, já a polifonia (lembrando que aqui estamos tratando da polifonia na teoria musical da música ocidental) é uma técnica compositiva que produz uma textura sonora específica, em que duas ou mais vozes se desenvolvem preservando um caráter melódico e rítmico individualizado. A polifonia também engloba a homofonia e o contraponto. Nesse sentido, podemos perceber que o movimento desenvolvido é o de uma tentativa de tornar a música polifônica, de fazer com Melkor, não sendo mais uma dissonância, mas agora um contraponto, sendo assim uma segunda voz com um caráter melódico e rítmico individualizado, igual Eru. No entanto, a música permanece monofônica, por mais que Melkor tente, Eru ainda possui uma complexidade sonora muito maior, as tentativas de harmonização de Melkor, apenas o fazem sair de notas que pareciam erros na composição para um som uníssono, é isso que sua pouca harmonia gera, e o som uníssono faz parte de uma música monofônica. Seu papel como “floreio” a uma única voz é ainda mais marcado quando Eru cessa a música. Melkor tenta se constituir como um contraponto, mas acaba sendo apenas um floreio, constituindo assim, uma relação de dependência entre ele e Eru.

Podemos falar que há um embate de vozes sociais marcada, pela hierarquia, e por isso não vai ter polifonia nesse trecho. Temos a voz de Eru muito mais forte e com maior poder dentro desse mundo, comandando inclusive a voz de Melkor dentro de suas tentativas de individualização e poder. Eru é o *Ser Único* que deu vida a todo aquele mundo, incluindo Melkor e a música, estando assim, em uma posição hierárquica elevada em relação aos outros seres desse mundo. Enquanto Melkor além de ser uma

criação de Eru também está subjulgado a este, por esse motivo, durante a música, sua voz não alcança uma polifonia porque não há igualdade entre as duas, tanto sonoramente com relação a técnicas vocais, quanto ideologicamente, em relação as suas posições sociais.

## O CORPO NA MÚSICA DOS AINUR

A Música dos Ainur, analisada anteriormente, é o que dará a materialidade futura desse mundo, essa produção artística, a música, que cria a visão do que será a terra, árvores, criatura, água, sol do mundo onde se passa as histórias ficcionais de Tolkien. Ademais, essa música também é uma materialidade, a sonora, porque há a voz dos Valar e para que haja essa voz, existe um aparelho fonador e a constituição de um corpo.

Existem trechos durante a narração que mostram aspectos do corpo tanto dos Valar quanto de Eru, tais quais:

Valar:

1. “eles se curvaram diante de Ilúvatar e emudeceram”: se eles de curvam é um movimento corporal, no qual é necessário estar ereto para se curvar.
2. “as vozes dos Ainur, semelhantes a harpas e alaúdes, a flautas e trombetas, a violas e órgãos, e a inúmeros coros cantando com palavras”: se há voz que soam como instrumento, há um aparelho fonador.
3. “surgiu no coração de Melkor”: logo há um coração, sangue e artérias. Mesmo que seja uma metáfora para vontade de Melkor, a remissão é de um coração que bate em um corpo.

Eru:

1. “E ele lhes falou”: se ele fala, novamente, a voz e então um aparelho fonador.
2. “me sentarei para escutar”: ao se sentar pressupomos que há pelo menos uma nádega ou pernas com a qual seu corpo pode sentar, e para escutar é preciso que haja órgãos para tal.

3. “perceberam que ele sorria e ele levantou a mão esquerda”: aqui podemos notar que há boca e dentes e por isso o movimento de sorrir, assim como um rosto já que sorrir mexe com todos os músculos faciais, e há mão, assim como braço já que esse a levanta.
4. “Ergueu-se então novamente Ilúvatar, e os Ainur perceberam que sua expressão era severa. Ele levantou a mão direita”: aqui percebemos que ele levanta, assim fica mais claro a ideia de pernas que sustente seu corpo em pé.
5. “Ele então levantou as duas mãos”: novamente as mãos, braços e ombros para que haja mão sendo levantadas, podemos pensar que Eru pode ter um corpo semelhante ao corpo humano, pelas descrições e nomes de suas partes corpóreas.
6. “como a luz do olho de Ilúvatar” e por fim, se remete ao seu olho.

Nessa descrição verbal dos corpos há comparação direta com instrumentos musicais “as vozes dos Ainur, semelhantes a harpas e alaúdes, a flautas e trombetas, a violas e órgãos, e a inúmeros coros cantando com palavras”. E esse instrumento ao qual é comparado remete a um temperamento musical, a uma personalidade que posteriormente o constituirá enquanto sujeito. É na relação entre os sujeitos dentro da música, na relação com o outro que ele se constitui enquanto sujeito. E constitui sua forma corpórea também na relação com os outros sujeitos, tanto nas relações passadas na música quanto nas relações cotidianas ao adentrar o mundo.

Como dito anteriormente, se há voz é necessário um aparelho fonador, e essa voz está relacionada a personalidade de cada Valar. Na técnica vocal se fala em “temperamento” que está ligado ao corpo e a personalidade<sup>4</sup>. Não assumir sua capacidade vocal é não se assumir como

---

<sup>4</sup> O temperamento vocal é a posição que o cantor assume diante de sua voz, ou em outras palavras, é atitude que o cantor imprime na produção vocal que inclui a entonação, a acentuação e a emissão dos sons.

sujeito. Assim, podemos relacionar com o corpo, que posteriormente aparece, tem origem na música e nos temperamentos dos Valar.

Para observar melhor a questão do corpo, o trecho abaixo mostra como a partir da Música dos Ainur, posteriormente ao adentrar no mundo, as suas formas corpóreas são baseadas nos temperamentos que possuíam durante a música.

Então os Valar assumiram formas e matizes; e, atraídos para o Mundo pelo amor aos Filhos de Ilúvatar, por quem esperavam, adotaram formas de acordo com o estilo que haviam contemplado na Visão de Ilúvatar, menos na majestade e no esplendor. Além do mais, sua forma deriva de seu conhecimento do Mundo visível, em vez de derivar do Mundo em si; e eles não precisam dela, a não ser apenas como as vestes que usamos, e, no entanto, podemos estar nus sem sofrer nenhuma perda de nosso ser. Portanto, os Valar podem caminhar, se quiserem, despídos; e nesse caso nem mesmo os eldar conseguem percebê-los com clareza, mesmo que estejam presentes. Quando os Valar desejam trajar-se, porém, costumam assumir, alguns, formas masculinas, outros, formas femininas; pois essa diferença de temperamento eles possuíam desde o início, e ela somente se manifesta na escolha de cada um, não sendo criada por essa escolha, exatamente como entre nós o masculino e o feminino podem ser revelados pelos trajes, mas não criados por eles. Mas as formas com as quais os Grandes se ornamentam não são sempre semelhantes às formas dos reis e rainhas dos Filhos de Ilúvatar; já que às vezes eles podem se revestir do próprio pensamento, tornado visível em formas de majestade e terror. (TOLKIEN, 2009, p. 11)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Now the Valar took to themselves shape and hue; and because they were drawn into the World by love of the Children of Ilúvatar, for whom they hoped, they took shape after that manner which they had beheld in the Vision of Ilúvatar, save only in majesty and splendour. Moreover their shape comes of their knowledge of the visible World, rather than of the World itself; and they need it not, save only as we use raiment, and yet we may be naked and suffer no loss of our being. Therefore the Valar may walk, if they will, unclad, and then even the Eldar cannot clearly perceive them, though they be present. But when they desire to clothe themselves the Valar take upon them forms some as of male and some as of female; for that difference of temper they had even from their beginning, and it is but bodied forth in the choice of each, not made by the choice, even as with us male and female may be shown by the raiment but is not made thereby. But the shapes wherein the Great Ones array themselves are not at all times like to the shapes of the kings and queens of the Children of Ilúvatar; for at



O que é interessante frisar nesse trecho e que retoma as discussões anteriores é: “pois essa diferença de temperamento eles possuíam desde o início”, que está ligado a relação direta de comparação das vozes dos Valar com instrumentos musicais e, assim, com as suas personalidades e características psíquicas. Assim, o que constrói suas características femininas ou masculinas é o seu temperamento musical – sem fazer uma relação direta entre agudo, feminino; grave, masculino, as divisões dos temperamentos vocais são mais complexas.

Ademais, “Além do mais, sua forma deriva de seu conhecimento do Mundo visível, em vez de derivar do Mundo em si”, logo, eles não são construídos com o mundo, mas na relação. O mundo que construíram juntos, em relação dentro da música, gerando assim uma visão do que eles seriam e após a música, adentram-no para construí-los, juntos e em relação, assim como constroem o seu corpo, ou seja, eles se constituem na relação, na relação dentro da música e da relação no mundo em que construirão suas características corpóreas. Segundo Bakhtin:

Meu corpo, em seu fundamento, é um corpo interior; o corpo do outro, em seu fundamento, é um corpo exterior.

O corpo interior – meu corpo enquanto elemento de minha auto-consciência – é um conjunto de sensações orgânicas interiores, de necessidades e desejos reunidos em torno de um centro interior; já o elemento externo, como veremos, é fragmentário e não atinge autonomia e plenitude, tem sempre um equivalente interior que o leva a pertencer à unidade interior. Não posso reagir de forma imediata ao meu corpo exterior: todos os tons volitivo-emocionais diretos, que em mim estão ligados ao corpo, dizem respeito ao seu estado interior e às suas possibilidades como sofrimentos, gozos, paixões, satisfações etc. (BAKHTIN, 2008, p. 44)

Quando se fala de temperamento, é corpo interior, como um sujeito sente e pensa, as sensações do seu corpo e do *eu* do sujeito. Fragmentário porque o *eu* não tem acesso ao corpo interior do outro, apenas tem acesso a fragmentos do seu corpo exterior. Não nascemos com um corpo pronto, nosso corpo é processo e transformação, o corpo que possuíamos quando

---

times they may clothe themselves in their own thought, made visible in forms of majesty and dread (TOLKIEN, 1999, p. 11).

criança não é o mesmo de agora e nem será o mesmo daqui a alguns anos, ele se transformou e se transformará. Ao olhar uma foto de quando éramos criança, não nos lembramos daquele corpo, ele não é mesmo do de agora, não podemos sentir o mundo como se sentia, mas podemos ter percepções internas a respeito. É como se assumíssemos uma forma corpórea completamente diferente.

O corpo do outro é um corpo exterior, cujo valor eu realizo de modo intuitivo-manifesto e que me é dado imediatamente. O corpo exterior está unificado e enformado por categorias cognitivas, éticas e estéticas, por um conjunto de elementos visuais externos e táteis que nele são valores plásticos e picturais. Minhas reações volitivo-emocionais ao corpo exterior do outro são imediatas, e só em relação ao outro eu vivencio imediatamente a beleza do corpo humano, ou seja, esse corpo começa a viver para mim em um plano axiológico inteiramente diverso e inacessível à auto-sensação interior e à visão exterior fragmentária. Só o outro está personificado para mim em termos ético-axiológicos. Neste sentido, o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita do outro, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora. Só o corpo interior – a carne pesada – é dado ao próprio homem, o corpo exterior é antedado: ele deve criá-lo com seu ativismo. (BAKHTIN, 2008, p. 48)

Em relação ao Valar, eles possuem um corpo interior, seu temperamento, sua percepção do mundo e do outro, e assumem formas corpóreas, seu corpo exterior. Assim, “Minhas reações volitivo-emocionais ao corpo exterior do outro são imediatas, e só em relação ao outro eu vivencio imediatamente a beleza do corpo humano”, uma vez que volitivo é o desejo, aquilo que eu vejo no outro, com o que tenho contato é o que eu desejo ver no outro, sendo tanto dele como meu, porque é projeção do que eu desejo que o outro seja ou me ofereça. Na relação entre *eu-outro*, o outro vê em mim aquilo que ele deseja, constituindo assim também como será a nossa relação. E o que o outro pensa varia conforme as percepções volitivo-emocionais estabelecidas com diferentes sujeitos, constituindo, assim, diferentes relações, revelando tanto o *outro* como o *eu* dessa relação. Assim, o meu corpo exterior é construído nas diferentes percepções volitivo-emocionais que o outro estabelece sobre ele, e sobre o eu enquanto unidade. O corpo, interior e exterior, não é produto, é processo.

Ressaltando que essa relação não é apenas entre o corpo interno e externo, mas principalmente, social. Há uma construção de si e do corpo, dada pelos atos de linguagem no contato com o outro. Porque é esse outro que tem acesso a fragmentos dos quais eu não tenho. É o outro que me constitui, aponta, desloca, fragmentos de contato com o outro e assim tomando consciência, tomando corpo de quem somos. E esse corpo não é apenas físico, mas também um temperamento, personalidade, revelando uma unidade corpórea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Música dos Ainur o que, a princípio, parece uma falta de descrição corpórea na verdade é materializada pela música. Como se trata de uma obra literária, não há materialidade sonora, logo, ela se encontra no verbal, mostrando, assim, uma relação entre música e corpo a partir de um texto verbal, literário no caso de *O Silmarillion*, obra analisada.

Na relação entre o corpo, temos acesso por meio dos fragmentos concretos, externos a algo que nos traduz quem é o sujeito internamente no processo de construção de si na relação com o outro e do outro em relação a mim. Processualmente no convívio de maneira mais intensa ou mais extensa conforme o tipo de relação. O outro me altera e eu altero o outro também. Em *O Silmarillion* quando falamos de música é a criação desse mundo, desse corpo interno e corpo externo, desses seres. Podemos pensar que por se tratar de divindades não há corpos, mas há um corpo. Esse corpo se dá desde a relação de quando são criados e colocados dentro dessa música. Esse é o início da relação, quando todos eles começam a cantar.

Além do mais, a relação começa até antes da música, quando se há um único ser e na linguagem, como na música, nunca há só um. “Havia Eru, o único” que depois se tornou Ilúvatar, e desde que cria os Valar ele não é mais chamado de Eru, mas sim de Ilúvatar, aquele que dá vida. Assim, essa troca de nome, nesse início que era um e logo já se torna mais de um, percebemos como se desenvolverá toda a história. Uma história sendo construída sobre a relação entre sujeitos, na relação dialógica, e o corpo desses sujeitos que são construídos em relação.

No entanto, quando a primeira frase do texto é “Havia Eru, o único”, não podemos dizer que só havia ele, existe um narrador que antecede a sua existente e diz que havia ele, Eru. O narrador se coloca no texto como além do próprio Deus, ele está vendo tudo, inclusive a criação de Deus no Vazio. Sendo um Vazio, e não um Nada, remetendo ao fato de que há alguma coisa, ela só não está preenchida. Esse único é dois porque alguém está dizendo que ele é único, sendo assim, um ato locucionário, também, desde o início. Relação presente também no Gênesis da Bíblia Sagrada, em que um narrador implicitamente diz “Faça-se a luz”. Mas no caso de *O Silmarillion*, não é implícito, mas marcado, linguisticamente, pelo uso do imperfeito. Marcando, também, a complexidade entre linguagem, universo e seres divinos (que são humanos).

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento** : o Contexto de François Rabelais. 6 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma Filosofia do Ato Responsável** . São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem** : problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal** . São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- STRAVINSKY, Ígor Fiódorovitch. **Poética Musical** . En Forma De Seis Lecciones. Barcelona: Acantilado, 2007.
- TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Silmarillion** . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- TOLKIEN, John Ronald Reuel. **The Silmarillion** . London: HarperCollins Publishers, 1999.
- TOLKIEN, John Ronald Reuel. **The Complete History of Middle-earth** . Vol. I. London: HarperCollins Publishers, 2002a.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **The Complete History of Middle-earth** .  
Vol. II. London: Harper Collins Publishers, 2002b.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **The Complete History of Middle-earth** .  
Vol. III. London: Harper Collins Publishers, 2002c.

## SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

**Alline Duarte Rufo** é doutora e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) na linha de pesquisa Linguagem e Discurso, linguista graduada no Bacharelado em Linguística pela mesma instituição e licenciada em Letras-Português pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Especialista em LIBRAS pela Faculdade de Educação São Luís. Professora de Língua Portuguesa no Estado de Minas Gerais. Membro do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe). Têm como objeto de pesquisa as obras de J. R. R. Tolkien e como principal base teórica o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Atuais interesses de pesquisa: corpo, alteridade, grotesco e racismo. Contato: adrufo@gmail.com.

**Ana Carolina Pereira de Carvalho Silva** é aluna do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais. Grupo de Estudo PROLIM. Bolsista do projeto de pesquisa do CEPCCOM com apoio PAPq/UEMG 2019. Contato: anacarolinacarvalhoemail@gmail.com.

**Eduardo Meireles** é Doutor e Mestre em Engenharia Urbana pela Universidade Federal do Estado de São Carlos. Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), membro permanente do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Universidade do Estado de Minas Gerais e coordenador do mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação/Rede PROFNIT/UEMG. Realizou estágio pós-doutoral no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Contato: eduardo.meireles@uemg.br.

**Eliane Meire Soares Raslan** é Doutora em Comunicação Social. Profa. e pesquisadora da UEMG, Unidade Divinópolis/MG, coordena o CEPCCOM - Centro de Editorações, Publicações e Criações em

Comunicação; Líder do Grupo de Estudo CNPq PROLIM - Processos e Linguagens das Imagens Midiáticas; Editora da Revista de Comunicação FANDOM – Jornalismo & Publicidade. Contato [eliane.raslan@uemg.br](mailto:eliane.raslan@uemg.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3081335079399561>.

**Gabriel Reis Moraes Machiaveli** é Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) Mestre em Teoria Crítica e Literária da Cultura, linha de pesquisa Discurso e Representação Social, pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Contato: [gabriel.machiaveli@gmail.com](mailto:gabriel.machiaveli@gmail.com).

**Gabriela Crepaldi Cordeiro** é graduanda em Direito na Universidade do Estado de Minas Gerais. Bolsista PAPq. Contato: [gabrielacrepaldicordeiro@hotmail.com](mailto:gabrielacrepaldicordeiro@hotmail.com).

**Igor Aparecido Dallaqua Pedrini** é pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso dos cursos de Jornalismo, Letras e Direito. Doutor em Educação (UFU), mestre em Ciências da Informação (Unesp), publicitário. Contato: [ia.pedrine@gmail.com](mailto:ia.pedrine@gmail.com).

**Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini** é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (UFMT/Campus Cuiabá) e do curso de Jornalismo da UFMT/Araguaia. Doutora em Educação (UFU), mestre em Comunicação (Unimar), jornalista e licenciada em Letras Português/Inglês. Contato: [jocienebf@gmail.com](mailto:jocienebf@gmail.com).

**Julia Lourenço Costa** é Pós-doutoranda na Universidade Federal de São Carlos e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (UFSCar - FAPESP 2017/12792-0). Desenvolve pesquisas em Análise do discurso e Semiótica francesa, tendo como foco as temáticas feministas. Membro dos grupos de pesquisa MulherDis-UNICAMP; LEEDiM-UFSCar e GES-USP. Editora assistente na revista Linguasagem e na revista da ANPOLL. Contato: [julialourenco@alumni.usp.br](mailto:julialourenco@alumni.usp.br).

**Marcela Fernanda da Paz de Souza** é Pós-doutora em Estudos Urbanos e Regionais/ UFRN. Profa. Adjunta da Universidade do Estado de Minas Gerais. Docente permanente do Programa de Mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação – Unidade Focal Frutal, MG. Líder do Grupo de Pesquisa/UEMG/CNPQ- Comunicação e Equidade. Contato: marcela.souza@uemg.br.

**Marília Cynttya Alexandre Silva** possui graduação em Direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2011). Cursa mestrado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), no Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Análise de Políticas Públicas (2020). Pesquisa sobre litígio estratégico como forma de acesso à justiça por movimentos sociais e grupo minoritários. Contato: marilia.silva@unesp.br.

**Paulo Afonso dos Santos** é aluno de graduação do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG Passos. Contato: aphonso.paulo@gmail.com.

**Rafael Vasconcelos de Aguiar** é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo (UFMT/Campus Araguaia). Contato: vasco\_sp@hotmail.com.

**Raquel Tavares Garbini** é estudante de graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Unidade Passos/Brasil). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório interdisciplinar de comunicação, discurso, acontecimento e memória – Labiam (UEMG/CNPq). Estuda temas ligados ao feminismo e suas relações com a publicidade e propaganda. Contato: raquelgarbini@gmail.com.



**Robert Moura Sena Gomes**, graduado em Linguística na Universidade Federal de São Carlos em 2019. Fez Iniciação Científica (Processo CNPQ - 119355/2016-7) sob orientação da Profa. Dra. Mônica Baltazar Diniz Signori, intitulada “O legado de Ferdinand de Saussure”. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (Processo CAPES/ 88887.499221/2020-00). Membro do grupo Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDIM - UFSCar). Pesquisa sobre o Gênero Neutro no Português Brasileiro pela visão da Linguística Popular. Contato [robertmsg@estudante.ufscar.br](mailto:robertmsg@estudante.ufscar.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9254411974668615>.

**Rosângela Ferreira de Carvalho Borges** é professora na Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG/Unidade Passos nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Pesquisadora Colaboradora no grupo de investigação Media & Jornalismo no ICNOVA - Instituto de Comunicação da Nova, Universidade Nova de Lisboa - Portugal. Doutora em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutora em Linguística (UFSCar, bolsa de pesquisa PNPd - Capes Institucional). Pós-Doutora em Jornalismo e Editoração (Universidade de Coimbra, bolsa de pesquisa CNPq e FCT/Portugal). Mestrado na PUC/SP. Especialização em Ciências Sociais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Graduação em Comunicação Social/Jornalismo. Contato: [rosangelaafb@gmail.com](mailto:rosangelaafb@gmail.com).

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**Jean Carlo de Souza Silva** é doutorando em Multimeios (UNICAMP), mestre em História (UFU) e professor convocado da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Unidade Acadêmica de Passos. Integra o Grupo de Pesquisa Laboratório interdisciplinar de comunicação, discurso, acontecimento e memória – Labiam (UEMG/CNPq); Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Crise, Neodesenvolvimentismo e Direitos Sociais – GEIND (UEMG/CNPq), e do grupo Estudos sociais em linguagem, memória e cultura visual (UFOP/CNPq). Contato: jean.silva@uemg.br.

**Samuel Ponsoni** é doutor em Linguística, pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Professor convocado da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG - Unidade Acadêmica Passos. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório interdisciplinar de comunicação, discurso, acontecimento e memória – Labiam (UEMG/CNPq). Contato: samuel.ponsoni@uemg.br.



